Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 1972 — N.º 17708 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

A 100 KM DE SAIGÃO

Soldados sul-vietnamitas feridos são socorridos pelo inimigo. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Começou a batalha de An Loc

SAIGÃO, 10 (FP/»DL») — A batalha de An Loc, que pode ser decisiva para a segurança de Saigão depois da queda de Loc Ninh, começou a 100 Km ao norte desta capital. Três divisões norte-vietnamitas, apoiadas por tanques soviéticos e dois regimentos de artilharia, avançam para a cidade, já cercada pelo Vietcong.

Para travar o seu avanço os B-52 efectuaram na noite de ontem para hoje cinco «raids» de quatro ou cinco quilómetros em torno da cidade.

Por seu turno, o comando sul-vietnamita enviou para o local a toda a pressa importantes reforços, incluindo vários regimentos de infantaria retirados a uma divisão do Delta, uma centena de blindados de transporte de tropas e tanques com pára-quedistas e «rangers» vindos da segunda região militar (Planaltos). Estes reforços, juntos aos 10 mil homens da quin-

Continua na pág. 16

As cinzas de D. Pedro a caminho do Brasil

Associando-se, em nome de Portugal, ás comemorações dos 150 anos da independência do Brasil, o Chefe do Estado parte hoje para o país irmão, a bordo do «Funchal», levando como oferta fraterna os restos mortais de D. Pedro IV de Portugal e I do Brasil. A dávida soleníssima acentuará ainda mais o entendimento que em todos os campos se verifica entre os governos dos dois países. Esta manhã, os restos mortais de D. Pedro foram trasladados do Panteão Nacional para bordo do «Funchal». À noite, o Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, falará à Nação, através da RTP, sobre o significado da viagem, que no Brasil é considerada o ponto capital das comemorações do sesquicentenário. (Noticiário nas páginas interiores)

À saída da igreja de S. Vicente de Fora, a princesa D. Tereza Maria de Orleãs e Bragança, o Presidente do Conselho e o embaixador do Brasil tomam parte na cerimónia de transladação da urna

José Viana deixa o Parque

José Viana, por muitos considerado a única esperança de renovação para o teatro de revista, está desiludido e cansado da luta. Pensa abandonar o Parque Mayer e dedicar-se a outro género de teatro. Das hipóteses que está a examinar falou ao «DL». (Espectáculos)

HOJE 40 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

O fim das armas biológicas

MOSCOVO, 19 — (R/«DL») — Uma convenção internacional para proibir o desenvolvimento, a produção e acumulação de armas bacteriológicas (biológicas) e pedir a sua destruição foi assinada hoje em Moscovo, segundo comunicou e à agência noticiosa soviética Tass. Os Estados Unidos, Grã-Bretanha e, pelo menos, mais 50 outros países deverão, também, assinar hoje essa convenção.

VIOLENTO TERRAMOTO NA PÉRSIA

TEERÃO, 10 — (FP/R/«DL») — Um violento terramoto abalou, às primeiras horas de hoje, uma vasta área do sul da Pérsia, atingindo o importante centro de Shiraz e outras cidades. Seriam milhares os feridos e os sem abrigo por efeito do sismo. O Instituto de Geofísica da Universidade de Teerão indica que o tremor de terra atingiu a intensidade de 9,5 e o grau de magnitude 7 da escala de Richter, pelo que seria um dos mais graves que o Irão tem conhecido. Os efeitos do sismo sentiram-se a mais de 300 km do seu epicentro. As primeiras notícias falam em cerca de 4 mil mortos.

Os pescadores despedem-se do Presidente do Conselho

A FESTA DOS BACALHOEIROS

No Mosteiro dos Jerónimos, celebrou-se a tradicional missa de despedida dos pescadores que, em breve, partem para os mares da Terra Nova e Gronelândia, para mais uma faina da pesca do bacalhau. Presidiu o arcebispo de Mitilene, D. António Xavier de Castro Monteiro, estando presentes o ministro das Corporações, os secretários de Estado do Trabalho e Previdência e do Comércio, o presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas, o embaixador da Dinamarca, etc.

Seguidamente, os cerca de seiscentos bacalhoeiros presentes confraternizaram num almoço no refeitório da Docapesca, em Pedrouços, durante o qual foi anunciado que o ministro Rebelo de Sousa alargara o esquema de previdência aos pescadores e auxiliares de pesca, sócios efectivos das Casas dos Pescadores. Por outro lado, o Presidente do Conselho recebeu

DL de ONTEM para HOJE

três pescadores, representando todos os restantes, que lhe apresentaram cumprimentos de despedida.

LA LYS

Em evocação da Batalha de La Lys, cujo 45.º aniversário se comemorou, realizaram-se cerimónias em todo o País. Em Lisboa, após colocação de ramos de flores na entrada da cripta da Liga dos Combatentes no cemitério do Alto de S. João, procedeu-se a idêntica cerimónia junto ao monumento da Avenida da Liberdade, tendo sido celebrada, ainda, missa na igreja de S. José.

REGRESSO

Regressou a Lisboa, vindo da Guiné, onde se deslocara em visita de trabalho, o prof. Silva Cunha, ministro do Ultramar. À chegada ao aeroporto da Portela, onde era aguardado por diversos membros do Governo, o ministro afirmou, nomeadamente, ter encontrado em toda a parte «a mesma indómita vontade e coragem para continuar a defesa da integridade do território, com fé no futuro e plena confiança no Governo da Nação».

O GOVERNADOR

O governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, esteve no pavilhão gimnodesportivo da Amadora, onde assistiu às provas finais do III Grande Torneio Aberto de Ténis de Mesa, organizado pelo Clube de Futebol Estrela da Amadora. O torneio reuniu cerca de meio milhar de atletas, tendo as partidas sido disputadas em 16 mesas instaladas no recinto.

EXPORTAÇÃO

Regressou a Lisboa a missão comercial portuguesa que se deslocou a Hong-Kong e ao Japão. A viagem, que se efectuou sob o patrocínio do Fundo de Fomento de Exportação, teve como principal objectivo apresentar naqueles mercados produtos nacionais susceptíveis de serem exportados.

TEATRO ABC

Grupo D — 18 anos
ÀS 20,45 e 23 H.

AMANHÃ ESTREIA

Original de F. Ávila, E. Damas e C. Coelho, música de J. Nobre, J. Vasconcelos e M. Paião

A NOVA REVISTA POPULAR

VIVA A PANDILHA...

AIDA BAPTISTA — CARLOS COELHO — OCTÁVIO MATOS

À FRENTE DE UM GRANDE ELENCO

★ ANITA GUERREIRO ● ANABELA ★
★ NATALINA JOSÉ ● VICTOR ROSADO ★
★ CUNHA MARQUES ★
★ NINA FLORES ● LINA MORGADO ★

REAPARIÇÃO

★ LEÓNIA MENDES ● MAX ★
★ BALLET MARILYN DANCERS ★

●

[illegible] e novo guarda-roupa dos Ateliers Paiva confeccionado pela mestra Josefina Soares

COMEÇOU NO PORTO UM CURSO INTENSIVO DE PLANEAMENTO REGIONAL

Na Faculdade de Engenharia do Porto começou, esta manhã, o Curso Intensivo Sobre Planeamento Regional, no qual tomam parte especialistas estrangeiros.

O curso foi especialmente preparado para licenciados em Agronomia, Arquitectura, Economia, Engenharia, Geografia, etc., e designadamente para os que colaboram nas comissões de planeamento e respectivos grupos de trabalho ou pertencem aos quadros técnicos e administrativos dos diversos organismos intervenientes directa ou indirectamente no processo do planeamento.

Trata-se de uma iniciativa da Secção de Planeamento Urbanístico (Centro de Estudos de Engenharia Civil), daquela Faculdade, com o apoio da Junta de Investigação Científica e Tecnológica e o patrocínio e a colaboração da Comissão de Planeamento Regional do Norte do Secretariado Técnico Presidência do Conselho.

O curso termina na sexta-feira.

Prémio Pfizer para Cientistas Portugueses

Na presença dos representantes dos Órgãos da Informação, o secretário-geral adjunto da Sociedade e Ciências Médicas de Lisboa, dr. Pena de Carvalho, acompanhado pelos srs. A. Bossart, administrador-delegado e Vasco Cardoso, director das Relações Públicas dos Laboratórios Pfizer, proclamou, na sede daquela sociedade, os nomes dos cientistas galardoados com os prémios Pfizer 1971.

O primeiro prémio de Investigação, no valor de 50 mil escudos, foi atribuído aos profs. drs. Daniel Serrão e Waldemar Cardoso, pelo seu trabalho conjunto **«Internacional histo-dinâmica das reacções epitélio-mesenquimatosas biliares da colestase experimental»**. Classificou-se em seguida o trabalho do dr. Gabriel Virella **«Estudo dos efeitos de alguns tióis sobre as imunoglobulinas»**, que valeu ao autor o segundo prémio de Investigação, no quantitativo de 40 mil escudos. Um prémio para jovens investigadores, no valor de 20 mil escudos, foi entregue a um grupo de alunos de Medicina Social da Faculdade de Medicina de Lisboa, pelo seu estudo **«Acerca da necessidade do planeamento familiar em Portugal»**. O júri decidiu ainda atribuir duas menções honrosas, respectivamente ao dr. Rogério Teixeira e prof. dr. Machado Caetano, de colaboração com a dra. Maria Amélia Nunes.

O primeiro apresentou um estudo sobre **«Aspectos ultrastruturais normais dos oócitos dos folículos multilaminares de ovários de criceto (Mesocricetus auratus) e patológicos, provocados pelos anovulatórios (Mes-ranol e Clormadinoma).»**

O segundo grupo concorreu com o trabalho intitulado **«Contribuição para o estudo imunológico do cancro da mama humana»**.

O júri era constituído por dois professores da Faculdade de Medicina de Lisboa, um da Faculdade de Medicina do Porto e um membro do corpo clínico dos Hospitais Civis de Lisboa.

A instituição dos prémios Pfizer data de 1956 e a sua distribuição tem vindo a ser feita anualmente, com vista a estimular a investigação médica em Portugal, desde a época escolar. Salientem-se, a propósito, as palavras proferidas pelo dr. Pena de Carvalho, momentos antes da revelação dos vencedores:

«Todo o desenvolvimento geral dos países se baseia, em grande parte, no desenvolvimento científico para o qual é difícil arrancar se não houver estruturas e hábitos de vida e trabalho nesse sentido».

E em seguida:

«Entre nós a marcha para as grandes metas é vagarosa e o trabalho de produção científica desde a realização à publicação, expansão etc., continua a ser uma tarefa árdua e, como tal, destinada a poucos, quando deveria ser, não apenas uma tarefa de excepcionais, mas sim a de uma larga frente de pessoal dotado com boa preparação e condições normais de capacidade criadora.

O orador justificou, depois, a instituição da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa para a realização da entrega dos prémios Pfizer, por ser esta **«a mais antiga regular do país»** e, por outro lado, **«o agrupamento mais amplo de médicos portugueses, que se dedicam aos mais variados ramos da ciência médica».**

Em seguida, foi a vez dos premiados dirigirem algumas palavras aos presentes. Do depoimento do dr. Gabriel Virella, salientamos a seguinte advertência:

Chamamos a atenção, dos responsáveis, para a criação urgente de novas condições de trabalho do investigador científico nas nossas Universidades, evitando-se a remuneração insuficiente e a multiplicação de pequenos laboratórios, que quase sempre está ligada à mediocridade. Contamos no País com um bom número de jovens valores que, se não forem fixados por condições dignas, irão seguramente enriquecer como emigrados os laboratórios estrangeiros. Aliás, quantos portugueses ocupam já destacados lugares nos melhores centros de investigação estrangeiros?

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António dos Santos, «Quiosque Rivoli» PÓVOA DE SANTA IRIA

MAIS DE UM MILHÃO DE PASSAGEIROS TRANSPORTADOS PELA TAP

Foi de 1 209 386 o número de passageiros transportados pela TAP em 1971, o que representa um aumento de 18 por cento em relação a 1970, segundo foi revelado pelos serviços de estatística de tráfego daquela companhia.

A carga transportada em igual período ascendeu a 14 826 580 quilos, mais 29 por cento do que em 1970, e o correio transportado foi de 2 579 776 quilos, ou seja, mais 7 por cento. O tráfego expresso em passageiros-quilómetro atingiu em 1971 o valor de 2 771 546 278 e em toneladas quilómetro que correspondem ambos a um aumento de 23 por cento em relação ao ano anterior.

NOVO ADMINISTRADOR-DELEGADO DA LISNAVE

Na última reunião do conselho de administração da Lisnave, o eng. António Vasco José de Mello, por ter atingido o limite de idade estabelecido pelas normas de empresa, pediu a demissão das funções de administrador-delegado, após uma longa carreira de mais de quarenta anos.

Na mesma reunião, foi designado para administrador-delegado da Lisnave o eng. Manuel Perestrello de Vasconcellos, que foi director de produção da Lisnave no Estaleiro Norte e no Estaleiro Sul, desde 1968, tendo ascendido a director-adjunto da administração em Novembro de 1971, cargo que desempenhou em directa colaboração com o eng. António Vasco José de Mello.

JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº 8

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO - JOGO DO GALO -
APARTADOS 3011 ou 3088
LISBOA

O AMONÍACO PORTUGUÊS COMO POLÉMICA

Pode a simples inauguração (ou renovação) de uma unidade fabril ter carácter polémico? Assim parece, se tivermos na devida conta as afirmações feitas durante a visita do secretário de Estado da Indústria às instalações fabris do Amoníaco Português. Visitas destas costumam ser pretexto para declarações de maior ou menor interesse, quase sempre de carácter circunstancial e congratulatório, simples cortar de fita, com abundante cópia de cumprimentos. Porém, desta vez, tornaram-se públicos alguns princípios que, não sendo em absoluto novidade, foram apresentados com uma força de choque que alguns remoínhos não deixará de causar.

A pergunta feita pelo administrador-delegado do Amoníaco Português: «Como é que se alcançou passar, no curto prazo de três anos, da ideia do abandono deste local, à realidade em que começou a tornar-se Estarreja III e para aquela em que irá corporizar-se Estarreja IV?» — nada teve de retórica. A resposta veio logo a seguir, quando se declarou que estariam ainda bem longe os resultados obtidos se a Secretaria de Estado não houvesse promovido e acarinhado o esforço de reconversão e desenvolvimento do Amoníaco Português. Se pusermos de lado a palavra «acarinhado» (puramente subjectiva), restar-nos-á aquela que verdadeiramente importa fixar: «promovido». Isto é, o Estado promoveu (decidiu, pôs em obra) o «esforço de reconversão e desenvolvimento» da empresa.

Em nome de que interesses ou princípios? É o próprio secretário de Estado da Indústria quem dá a resposta: «... ao Estado (...) a quem compete por um lado estabelecer o quadro legal em que as actividades económicas se movem, e por outro acompanhar a bem do interesse público o modo como o fazem, importa, mormente quando de sectores primordiais e de alta especialidade se trata, estar bem informado sobre o peculiar dos pormenores que o caracterizam e dispor de meios eficientes de intervenção. Ora, para conhecer por dentro um sector de modo a poder sobre ele actuar com melhor informação, quer para impôr normas quer para contrariar desvios, uma das maneiras mais eficientes é dominar uma empresa do próprio sector». É nesta linha (resumimos) que o Estado decide usar fundos públicos ou quase públicos para deter capital social de empresas, e, portanto, ter o poder de escolher quem as administre e decidir da sua conduta.

Por esta intervenção directa do Estado, e de acordo com estes princípios gerais, o Amoníaco Português passa a ter, no seu sector, a par da sua natural função produtora, uma função normativa, na medida em que se apresenta como uma «cabeça de ponte» estatal implantada no campo da iniciativa privada e da propriedade privada dos meios de produção, cujo princípio, por outro lado, se afirma respeitar. O objectivo deste procedimento, se não deslocamos o sentido das palavras do secretário de Estado da Indústria, é «criar condições que transformem as estruturas anquilosadas que para benefício de uns poucos obstam ao progresso de todos».

Ora, é a intervenção do Estado, sobretudo a intervenção com o propósito enunciado e pelas razões expostas, que, no nosso entender, introduz uma nota polémica da maior importância numa vida económica nacional que se apresenta semeada de obstáculos «pelos que preferem as vantagens que usufruíam no «statu quo ante». Importa estar atento aos próximos tempos: o que está em causa ultrapassa a situação particular do Amoníaco Português como empresa que se renova e projecta desenvolver-se, e é muito mais (ou poderá ser) sinal perturbador de um equilíbrio que o próprio Governo considera, finalmente, «anquilosado».

A infecção racista

Se um serralheiro e um pulidor de móveis, ou um médico e um engenheiro, ou cada destes com qualquer dos outros, se envolverem em desordem, a notícia irá para os jornais com a máxima objectividade. A qual dos participantes caberá razão, é ponto que o tribunal decidirá em tempo oportuno. Mas outros incidentes levam já a sentença lavrada no consenso público quando se relata uma desordem entre um electricista e um cigano... Ao caracterizar-se um dos intervenientes pela profissão e o outro pela raça, introduz-se no caso um factor subjectivo, capaz de pôr em movimento todos os claros e obscuros motores da discriminação. A infecção racista está instalada na sociedade como uma espécie de endemia: impõe-se uma vigilância contínua sobre as nossas mínimas palavras e sobre os nossos movimentos de humor, tendo sempre presente que em matéria de pureza de sangue estamos muito mal servidos...

Quem são os escolhidos?

Está a tornar-se frequente, a propósito dos trabalhos de planeamento das diversas regiões, a consulta a particulares, de quem se esperam pareceres e opiniões sobre os objectivos propostos e a maneira de os alcançar. Essas pessoas, para empregar uma expressão ùltimamente posta em letra de fôrma, são «escolhidas em função dos seus méritos pessoais e do seu conhecimento dos problemas de cada região.» A par das autarquias locais, conta-se, assim, com uma contribuição que pode «corrigir defeitos de informação ou observação e eliminar omissões cuja existência poderia acarretar prejuízos de certa ordem.»

A prática afigura-se-nos de aplaudir. Consideramos, no entanto, ser lacuna a emendar o facto de não se divulgarem os nomes das pessoas consultadas, suas profissões e actividades: a referência a «méritos pessoais» é vaga de mais para ter algum impacto junto do público. Seria útil que toda a gente soubesse quem são as pessoas chamadas a pronunciar-se e que qualidades convergem nelas para justificarem a escolha, tanto mais que esta depende exclusivamente dos critérios de quem a faz.

Construir mas conservar

No decurso de uma viagem ao distrito de Vila Real, o secretário de Estado das Obras Públicas, durante conversações com autoridades locais, falou das «dificuldades existentes na conservação de cerca de 25.000 salas de aula para o ensino primário de que o País dispõe, tendo sido encarecida a necessidade de uma actuação cada vez mais pronta e eficaz, a bem da preservação de tão vultoso património municipal.»

Este é sem dúvida um dos males de que menos se fala entre nós. Reconhece-se a necessidade de uma escola, faz-se o projecto, constrói-se — e depois é como se a obra fosse miraculosamente eterna: nunca mais se fala em tal. Emendamos: falam os professores, falam os alunos, mas a voz deles não chega muito longe...Há realmente uma grande batalha a travar em matéria de educação: tão grande que um simples conto de réis gasto na conservação de cada aula, soma logo, ao todo, 25 mil contos...

PONTOS DE VISTA

O ENSINO MECANIZADO

Pelo eng.º PEDRO MARTINS DA SILVA/Especial para o «DL»

«Ensino programado» e «máquinas de ensinar», duas expressões de significados concorrentes que surgem na linguagem da pedagogia actual mas que chocam o consabido conhecimento comum. De facto, embora as imagens dos robots que nos enviam «ad patres» com a maior inconsciência estejam já um pouco fora de moda, as «máquinas de ensinar» sugerem imagens agressivas de uma humanidade-formigueiro, de espíritos mecanizados.

Cronológicamente, a máquina de ensinar é anterior ao ensino programado, tendo a primeira sido utilizada em 1925 pelo professor Pressey, nos Estados Unidos. Tratava-se de um sistema de respostas multiplas: uma simples prancha com orifícios nos quais acendia uma lâmpada quando era dada resposta correcta à pergunta que fora formulada. Era, na verdade, uma máquina de ensinar pois que não se permitia a mudança de assunto sem que a resposta fosse encontrada.

Os trabalhos de Pressey não tiveram grande sucesso na época, tendo sido necessário esperar até cerca de 1950 para que o professor Skinner, da universidade de Harward, «redescobrisse» as possibilidades da automatização do ensino.

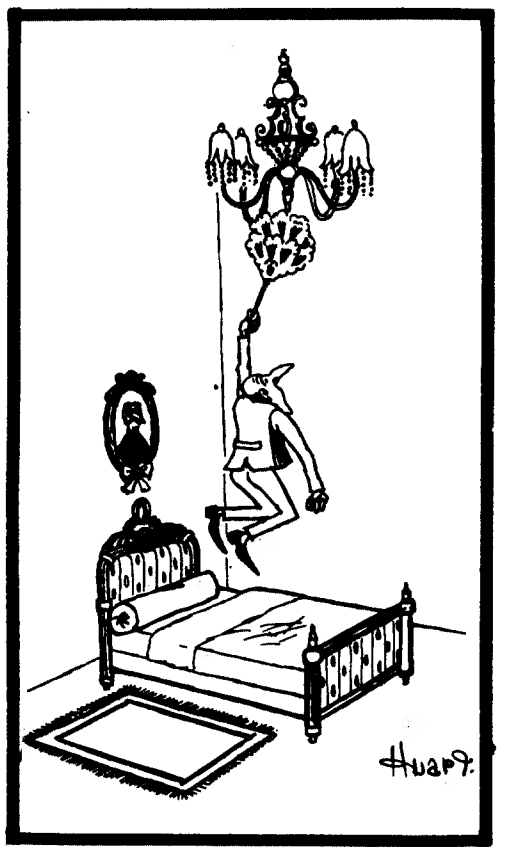
O ensino programado de Skinner segue um esquema quase pavloviano de condicionamento, integrando a resposta do aluno o processo de aprendizagem. A resposta é provocada por forma a tornar possível recompensá-la, o que, «reforçando-a», faz com que seja aprendida. Como pioneiras do ensino programado, as doutrinas de Skinner suscitaram uma corrente de interesse forte mas desencadearam, igualmente, críticas vigorosas contra os seus postulados de aplicação do condicionamento do treino irracional às situações pedagógicas.

Passados os primeiros entusiasmos, cedo se compreeendeu que as máquinas podiam ser vantajosamente substituidas por manuais programados, de utilização muito mais prática e menos onerosa.

O ensino programado torna-se assim um método pedagógico, segundo o qual diversos assuntos a ensinar são divididos em elementos tão simples quanto possível ordenados lógicamente, correspondendo a cada um deles uma pergunta (aberta ou fechada) cuja resposta é condição necessária de progresso para a questão seguinte. A confirmação das diversas respostas, que ficam registadas, processa-se logo elas sejam dadas. Entre o aluno e o programa estabelece-se, na verdade, um verdadeiro diálogo, que é ao fim e ao cabo, o diálogo com a pessoa que preparou o programa. Desta forma obsta-se a uma aprendizagem puramente passiva. Ressalta daqui um aspecto muito importante: o ensino programado permite pôr o «bom professor» em contacto com um número muito grande de alunos, deixando as funções de acompanhamento directo destes alunos a simples monitores. Note-se, no entanto e a propósito, ser essencial que o programa se estabeleça por forma a respeitar o ritmo próprio de aprendizagem do aluno. «A priori» pode parecer que esta caracteristica do ensino programado trará como resultado um desfasamento muito grande entre os alunos, consoante as respectivas capacidades de aprendizagem. Na prática esta situação não ocorre de forma muito marcada, pois que mesmo a capacidade de absorção de conhecimentos do bom aluno é limitada e se, em meia hora, aprendeu uma sequência que outros levaram uma hora a tratar, isto não significa que possa absorver numa hora um programa duas vezes maior, pois há que contar com um fenómeno natural de cansaço.

Pode dizer-se que os resultados obtidos até hoje com o ensino programado, em países que a ele recorrem de forma intensiva, não significam de forma alguma a substituição pura e simples do professor mas, apenas, que em certo número de casos pode utilizar-se como suplemento ou complemento dos métodos ditos tradicionais.

A instrução programada não pode nem deve entender-se como uma revolução pedagógica, embora seja sem dúvida um fenómeno novo desencadeado pelo desenvolvimento constante das ciências humanas, fenómeno que tende a introduzir a automatização no ensino. Numa época em que o problema da instrução adquire importância crucial, não parece aceitável qualquer atitude de indiferença. Tanto mais assim é que, utilizando ou não o ensino programado, uma certa formação nas suas técnicas é útil a todos os pedagogos. A programação ensinaos a assumir a posição dos alunos, o que constitui uma lição de humildade muito proveitosa. Ensina-os a «ensinar» os alunos a passarem sem a sua presença o que, no pensamento de Gide, deve ser a preocupação constante do bom professor.



TOUREIROS, PRECISAM-SE

No Campo Pequeno e patrocinado pelo «Sector 1» e f e ctuou-se um concurso para novos toureiros procedentes das escolas daquele grupo e das de Santarém, Vila Franca e Golegã. Dos 22 concorrentes foram apurados dois grupos de oito que nos próximos dias 16 e 30 terão oportunidade de ali se haver com novilhos.

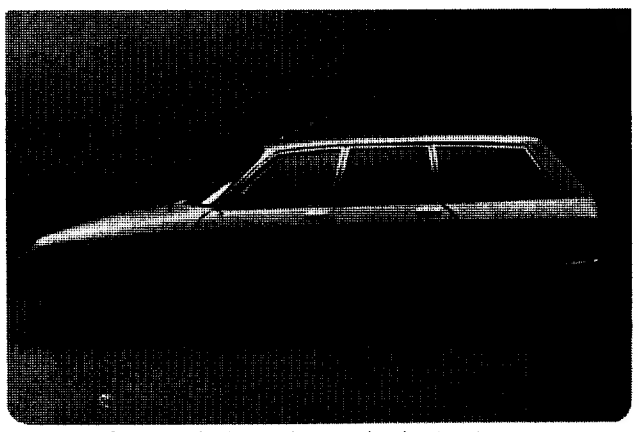
Então daremos os nomes dos que confirmarem as suas possibilidades, que da tourinha ao novilho vai a sua diferença e não queremos adiantar julgamentos nem cometer injustiças.

«EL T.P.»

Ensaie o Break GS com
Raul Solnado
e ganhe viagens a
Paris, Londres e Madeira

Break GS
uma nova geração GS

A vossa escolha Berline ou Break GS.



Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro.

CITROEN GS

CENTRO DE ENSAIOS DO BREAK GS

GARAGEM AUTO TEJO
AGENTE CITROËN
RUA DE XABREGAS, 1
LISBOA

Kukas expõe em Madrid

Com a presença da artista, inaugura-se hoje em Madrid, na Galeria Série, uma exposição de jóias modernas de Kukas. Esta exposição representa mais uma afirmação do valor internacional que aos trabalhos de Kukas é reconhecido.

Conferência na Ordem dos Engenheiros

Na Ordem dos Engenheiros, promovida pelo Conselho Regional de Lisboa, em colaboração com a A. E. G.-Telefunken Portuguesa, S. A. R. L. haverá hoje, às 21 e 30, uma conferência, cujo tema será especial incidência sobre o aparelho «Minisemi», o mais pequeno da gama.

Intitulada «Accionamentos Regulados com Conversores Tiristorizados», será feita, em francês, pelo eng. Driller, da A. E. G.-Telefunken de Frankfurt.

Será exibido um pequeno e expressivo filme comentado em português e com a duração de treze minutos.

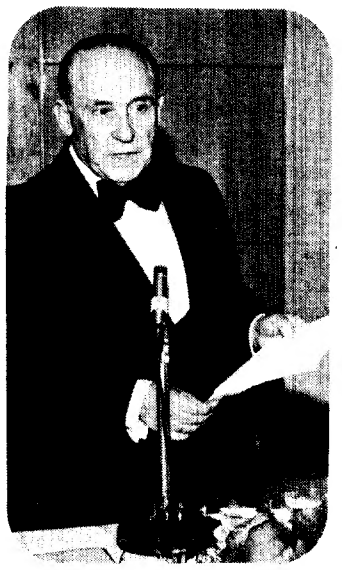
O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José da Paz Palma Bica. «Papelaria Maria Adelaide» ALVALADE - SADO

Homenagem da Banca Ultramarina ao Dr. Francisco Vieira Machado

Promovido pelos Bancos que exercem a sua actividade no Ultramar português realizou-se no Hotel Ritz, um jantar de homenagem ao Dr. Francisco Vieira Machado, figura proeminente da vida pública nacional que deixou recentemente, as funções de Governador do Banco Nacional Ultramarino, instituição onde, no decurso de 46 anos, ocupou os mais elevados cargos na Administração, deixando imperecívelmente vincado o cunho forte da sua personalidade através do modo como soube vencer as múltiplas situações de crise que caracterizam aquele período e dos princípios da política financeira e administrativa que informaram a sua gestão bancária e a sua vida pública.

Como acentuou o Sr. Cupertino de Miranda, Presidente do Conselho de Administraçao do Banco Comercial de Angola, no elogio que faz à personalidade do homenageado, «o Dr. Francisco Vieira Machado encarnou o espírito essencial da grande instituição de que o seu nome é indesligável para sempre.»

Em representação das instituições bancárias ultramarinas encontravam-se os Dr. Miguel Quina, Srs. Manuel Lagos e Aristides Sain e Dr. António Bustorff Silva, do Banco de Crédito Comercial e Industrial; Srs. Eduardo Furtado, Fernão Ornellas e Raposo de Magalhães, do Banco Pinto e Sotto Mayor; Comandante Albano de Oliveira, eng. Pessoa Jorge e dr. Alexandre Almeida Fernandes, do Banco Totta Standard; Conde de Paço d'Arcos e Dr. Castro Fernandes, do Lisabank; sr. Arthur Cupertino de Miranda, Prof. Dr. Gonçalves de Proença, drs. Manoel Vinhas, Teixeira Pais e Carlos Moreira Rato



Arthur Cupertino de Miranda no jantar de homenagem ao dr. Vieira Machado: «Homens de fé no trabalho e nas virtualidades da raça, como este, bem merecem o reconhecimento»

«VIEIRA MACHADO É DA TÊMPERA DOS GRANDES CHEFES, ALERTADOS PARA A REALIDADE DOS FACTOS», ACENTUOU ARTHUR CUPERTINO DE MIRANDA

Aos brindes, o banqueiro Arthur Cupertino de Miranda traçou o perfil do homenageado nos seguintes termos: «Vieira Machado exerceu, na sua esfera quer como empresário quer como Homem de Estado, uma acção renovadora, dinamizadora e modernizadora que assinalou uma profunda transformação na vida da Instituição que tanto prestigiou. A obra cumpria ao seu Banco de contribuir para o crescimento e fortalecimento de uma economia solidária em toda a Nação e a de facilitar a circulação de capitais entre a Metrópole e as Províncias Ultramarinas encontrou sempre nele um rasgado e intemerato defensor, um estrénuo e avisado combatente, de boa têmpera portuguesa dos pioneiros que sabem ver longe e de cima, que não recuam perante dificuldades, que não receiam enfrentá-las e sabem, sempre, como resolvê-las.

Mais adiante, acrescentou: «Vieira Machado é da têmpera dos grandes chefes, alertados para a realidade dos factos e sabendo enfrentá-los, dos grandes capitães de empresa, homens de risco e de rasgo que tendo posto a sua vida ao serviço de um Ideal de uma Causa, de uma Obra, merecem como se verificou agora, o respeito, a admiração, a estima dos que em qualquer plano ou hierarquia, dos postos mais Altos da Governação aos mais humildes nos quadros da empresa, lhe receberam, de perto ou de longe, o ensinamento e a lição. A Banca Portuguesa deve-lhe muito.

A Banca portuguesa na sua expansão ultramarina, não lhe deve menos. É por isso que estamos hoje aqui.»

E a concluir: «Homem de fé no trabalho e nas virtualidades da raça, como este, bem merecem o reconhecimento do País, dos seus Pares, dos que alguma vez lhe receberam os influxos ou os resultados da acção que não conhece o temor, da vontade sem quebra da inteligência sem fendas...»

DR. VIEIRA MACHADO: «FUI EDUCADO NA IDEIA DE QUE PORTUGAL É UM GRANDE PAÍS NÃO NA EUROPA MAS NO MUNDO.»

O Dr. Vieira Machado, em seguida, agradeceu visivelmente emocionado a manifestação de apreço que, pela voz do sr. Cupertino de Miranda, os representantes da Banca Ultramarina lhe tinham acabado de dirigir.

E, depois de acentuar «estarmos numa época de transição» e de sermos «uma geração que tem um pé no passado e um pé no ar para o futuro», afirmou: «Daí advêm contradições graves na nossa maneira de sentir e pensar. Cada um de nós sente-se um homem já com tendências, com aspirações e com visões do século XXI.»

Tornando extensivo ao fenómeno ultramarino o sentimento que acabara de caracterizar, o Dr. Vieira Machado acrescentou: «Em relação ao Ultramar também se dá esse choque evidentemente. Cada um tem a sua maneira de ver e a sua visão. Eu, como amo o Ultramar, vejo os problemas ultramarinos por um prisma bastante pessoal. Não nego que seja por vezes acusado de retrogrado, de não estar actualizado. Mas também não nego que a minha visão é a visão da unidade nacional. É a necessidade de sermos um país único, a necessidade de sermos um grande país.

Fui educado, meus senhores, na ideia de que Portugal é um grande país, não na Europa mas no Mundo, e, exactamente por termos o nosso território repartido pelas quatro partidas do mundo, é que podemos ser efectivamente grandes, e garantir portanto, a nossa independência. Nesta ideia, meus senhores, fui educado e já é tarde para mudar de opinião».

E, numa reafirmação dos parâmetros inspiradores do seu pensamento neste domínio disse ainda: «De maneira que sou sériamente partidário da unidade nacional. Mas, porventura, para manter essa unidade é necessário que não descuremos as diligências nesse sentido.

Tomemos cautela, muita cautela, meus senhores, porque uma transigência pequena traz outra maior, outra maior e outra ainda maior e não se sabe onde é que acaba, ou melhor, sabe-se muito bem onde é que pode acabar. E não se julgue que por essas pequenas transigências, acalmamos os nossos inimigos. Não se julgue que, por esse sistema, evitamos as línguas viperas que nos querem envenenar. Pelo contrário, quanto mais cedermos, mais de nós exigirão.

Esta é a minha opinião. Talvez seja uma opinião ortodoxa, talvez não seja uma opinião actualizada, talvez não seja uma opinião válida, se quiserem, mas é uma opinião sincera que vem de ensinamentos.»

A concluir, após ter expresso algumas outras reflexões acerca da problemática Ultramarina, da sua actividade como político e como financeiro, o Dr. Vieira Machado afirmou: «apresento-lhes os meus rendidos obrigados, muito sinceros, porque realmente no fim da vida é consolador ver que aqueles que trabalham no Ultramar tiveram a amabilidade de me convidar para este ágape e me honraram com as palavras que acabam de proferir».

No final, o Dr. Vieira Machado foi vivamente felicitado.

Violento temporal em Luanda

LUANDA, 10 — Durante grande aprte da tarde e da noite de ontem, Luanda foi fustigada por violento temporal. Registaram-se pequenas inundações que tornaram necessária a intervenção dos bombeiros em diversos pontos da cidade.

Na zona da ilha, o vento arrancou algumas dezenas de árvores. Também devido à chuva, capotou um autocarro do Futebol Clube de Luanda, que transportava na altura dez atletas, mas não se registaram vítimas.

Entretanto, no arruamento próximo da refinaria da Petrangol, por se ter quebrado um cabo eléctrico, morreu electrocutada uma criança nativa.

Também devido ao temporal desapareceu ao largo de Belas um pequeno iate que ao fim do dia de ontem vinha da ilha do Mussulo para Luanda com quatro pessoas: — o seu proprietário, José Mourão, e alguns parentes.

Cerca da meia-noite iniciaram-se as buscas, em que colaboram fuzileiros navais, embarcações de socorros a naufragos e os bombeiros municipais. Mas pelas três da manhã ainda não havia qualquer sinal do barco desaparecido.

DL show

Inicia-se hoje o Curso para Professores de Bailado, que o coreógrafo e «maitre de Ballet» René Bon dirige, a convite da Fundação Gulbenkian. As aulas, num total de quinze, serão ministradas das 13 e 45 às 15 horas, e realizar-se-ão de 10 a 28 do corrente, de segunda a sexta-feira, inclusive.

★

A frequência do curso, que decorrerá nos estúdios da Fundação Gulbenkian, na Av. de Berna, 45, é gratuita e os interessados deverão dirigir-se àquela instituição, a fim de preencherem os respectivos boletins de inscrição. Está prevista a concessão de quatro subsídios, por concurso documental, a atribuir a professores de bailado que exerçam a sua profissão fora de Lisboa.

★

Ainda da Gulbenkian: No Auditório Dois da Fundação, realiza-se amanhã um recital pelo pianista Raffi Petrossian, que interpretará obras de Mozart, Beethoven, Chopin, Schumann, Luis de Freitas Branco, Jean Baud e Liszt.

★

Filipe Duarte faz, actualmente, parte do elenco da Adega Mesquita, depois de ter actuado seis meses em Macau onde, segundo nos informam, obteve assinalável êxito.

★

A próxima sessão clássica do Cinema Império será preenchida com o filme de Polanski «A Semente do Diabo», com uma excepcional interpretação de Mia Farrow.

★

Shirley Bessey, a famosa cançonetista norte-americana, deslocar-se-á ainda este ano a Angola para actuar em Luanda e em mais algumas cidades da província.

★

António Vilar acaba de regressar de Madrid, onde efectuou algumas filmagens de «Sinal Vermelho». Já completamente recuperado da doença que o reteve na capital espanhola, Vilar conta recomeçar imediatamente as filmagens, que decorrerão em Cascais, a bordo de um iate.

★

O grupo «Àguaviva» já largamente divulgado no nosso país e que se tem imposto por uma invulgar qualidade musical e poética, terá, no decorrer desta semana, mais um disco a circular nas discotecas portuguesas. Trata-se de um «single» com os títulos «Gianni (Ciao, amico, Ciao)» e «No nos dejam cantar».

★

Por sua vez o «cantante» espanhol Manolo Diaz, responsável pela música dos «Aguaviva», estará no fim deste mês nas discotecas com o seu último LP.

★

A Telectra SARL, licenciada da RCA para Portugal lança a «campanha Rubinstein». Visa esta campanha a venda de uma série de álbuns com interpretações do famoso pianista.

Filipe Duarte

O grupo cénico da Casa do Povo de Borba apresentará a peça "Multa Provável", de Ramada Curto, nos dias 16 e 23, respectivamente na Casa do Povo de Viana do Alentejo e na Casa do Povo de Arraiolos.

★

Na delegação de Coimbra da FNAT recebem-se inscrições para trabalhadores que desejem deslocar-se a Lisboa a fim de assistirem ao espectáculo de ópera no Coliseu dos Recreios, às 21 e 30, com a «D. Pascoal». No caso de se notar grande interesse, está assegurado o transporte directo de autocarro, que partirá desta cidade pelas 16 horas, regressando imediatamente a seguir ao espectáculo. Um guia da FNAT acompanhará os interessados.

★

QUEREM SABER PORQUE PAGAM TÃO CARO, AINDA, O LITRO DE GASOLINA?

A televisão acabou a sua actividade para ontem e mesmo, mesmo no fim, aconteceram algumas coisas importantes.

A saber:

Nenhuma notícia foi dada sobre a situação no Vietname, o que nos leva à conclusão de que se trata de acontecimentos sem relevo.

Apresentou-se, a propósito do Rallye (isto com y tem muito mais sabor) do Rallye às Antas, a noção de que estamos em presença de «uma modalidade em franco progresso», óptimo, optimo, progresso é o que se quer.

Quando a locutora de serviço anunciou o programa do dia seguinte, referiu-se **«às rubricas habituais da hora do almoço»** — o que significa o carácter rotineiro das emissões, as quais nem já dignas são de lhes ouvirmos a menção das rubricas. Portanto: outro figurino, meus senhores, outra alma! Novos pitéus para aguçar o apetite, meus senhores.

O serão teve, porém, novos motivos de «interesse», os fados, por exemplo. Na voz de Zélia Lopes, por exemplo. Em fados, somos assim: uns mãos rotas em qualidade e em talentos.

Agora a sério. Zélia Lopes canta numa casa típica. Não seria mais lógico, não, não, não era lógico o que eu queria dizer — não seria mais decente, esperem aí: talvez não decente, não será bem isso, vejamos: não seria mais natural (ainda a expressão me parece não muito clara, mas não podemos passar o resto da noite à procura das palavras) não seria mais limpo apresentar as emissões nas casas onde o fado se canta?

Sim senhor. Era tudo isso. Era mais limpo, mais natural, mais decente e mais lógico que assim acontecesse e em directo. Era tudo isso e ainda por cima era bem feito. Teríamos assim a visão correcta de uma canção domesticada a poder de garfo e de faca. Assim ficaríamos a saber porque ao fado, hoje, não interessa levantar problemas, pois é pecado levantar problemas enquanto se come ou enquanto se pratica na digestão laboriosa. Assim se ficaria a conhecer, a ver com estes próprios olhos nossos, como a antiga canção de esfomeados e de infelizes, se transformou em benção para os bem comidos e desejosos de mais uma ilusão: de mais uma noite bem passada...

Criticar a Zélia Lopes e as suas canções e o seu espanto e os seus nervos diante das câmaras? Não senhor, não vale a pena. As coisas são o que são e sendo o que são, como poderiam ser doutra forma?

O que me dana todo é ver estas mulheres e estes homens, saídos do povo, a cantar coisas que não dizem respeito nem ao meio de onde vieram, nem a eles próprios, nem à sua experiência, nem à sua vivência. Quando cantam, não o fazem por raiva, por amor, por protesto, por um qualquer morse de comunicação com a vida. As suas presenças dão saltos em trapézio no vazio. Domingo após domingo, sessão após sessão, o fado é todo igual, é todo para morrer.

Resta-nos, do serão, mais um episódio dos «Persuasores». Episódio onde se contava a história de um sábio que inventara um carburante sintético e se resolvera a dá-lo aos países socialistas. Os magnates do pitrol enfiam-lhe uma bomba no avião e este despenha-se por uma ravina, na Escócia. O cadáver do cientista só aparece aos olhos espantados do Curtis e do Moore ao fim de 12 anos. Imposibilitado de se libertar dos escombros, o cientista tivera ainda tempo para escrever: **«Queimem a fórmula. O mundo ainda não está preparado para ela»**.

As peripécias todas não se contam aqui. Impossível — e inútil. Vamos ao final: a filha recebe a fórmula das mãos do juiz (que é, nos **Persuasores**, a «Mãe», dos **Vingadores**...) e... queima-a!

As posições ficaram bem claras:

O cientista achara que «o mundo capitalista ainda não estava preparado» para utilizar a fórmula de um carburante que torna o petróleo tão antiquado como o azeite das candeias; os capitalistas (muito árabes, na fita. Os árabes, coitados, que só dão os poços...) desejam a fórmula para a destruírem pois ela representaria o desemprego para milhões de p e s s o a s (sempre altruistas, sempre a ver o bem do próximo...). Como seria «escandaloso» que tal acontecesse numa fita tão respeitável, a fórmula aparece destruída — por uma questão de bons sentimentos. A confirmar, por um processo ou outro, que o «mundo» ainda não está preparado... para defender a felicidade.

Podia ser eu a dizê-lo — e pareceria tendencioso. Mas são os ingleses. Os ingleses sabem o que dizem.

Por MÁRIO CASTRIM

APARTAMENTOS
EM CASCAIS
EM EDIFÍCIO DE LUXO

•

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av.ª Valbom, 28-1.º

Telef.: 28 23 45 CASCAIS

NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

ELAINE DELMAR
VEDETA DA RÁDIO E DA TV INGLESA

SEGURA BROTHERS
ORIGINAIS ANTIPODISTAS

VITÓRIA MARIA
COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

HIGH SOCIETY BALLET

"NUEVOS AMIGOS" "OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

LYDIA DA GLORIA
SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1,0 H. Maiores de 21 anos

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
4.º MÊS
HOJE, 2 sessões às 21 horas e às 23 horas
DOMINGO: às 16 h. e às 21.45 h.
O Tartufo
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"
DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
VASCO MORGADO APRESENTA
à noite: 21.45 h.
DE RAY COONEY E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
8.º MÊS
Empresta-me o Teu Apartamento
Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
6.as FEIRAS e SÁBADOS
2 SESSÕES — 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 864756
VASCO MORGADO APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
6.º MÊS
Quem tem medo de Virgínia Woolf?
Com JACINTO RAMOS, GLORIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUIS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian
ÚLTIMOS DIAS

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL 32 7473
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR
ORA BOLAS P'RO' PAGODE!
com
JOSÉ VIANA — LÍGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA LEAL
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES
GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS À TARDE
Às 16 HORAS
3.as Feiras, descanso da companhia

JOSÉ VIANA: duas hipóteses à espera de confirmação

Depois do êxito assinalável de «Pimenta na Língua» na última temporada, José Viana regressou ao Parque Mayer com «Ora Bolas Pró Pagode» que a crítica foi unânime em considerar inferior à primeira revista.

Enquanto prosseguem as representações de «Ora Bolas Pró Pagode» correm boatos acerca da actividade de José Viana nos próximos meses. Foi disso que falámos.

RUMOR

«Desconhecia para já a existência de boatos sobre a minha actividade nos tempos mais próximos. De qualquer modo o que se passa é o seguinte: eu tive há relativamente pouco tempo uma conversa com o João Mota que muito admiro e ele falou-me na hipótese de eu vir a trabalhar com «Os Bonecreiros». No entanto não passa de um projecto. Falámos nisso muito por alto e não ficou nada assente. Devo aliás dizer que, apesar de me entusiasmar o modo como o grupo funciona, eu não tive ainda oportunidade de assistir a nenhuma representação. De resto sou da opinião que é muito complicado as pessoas ficarem efectivamente à margem da engrenagem: ou desistem pura e simplesmente de fazer teatro aqui ou então entram no jogo com os pés assentes na terra.»

Desmentida e justificada a primeira parte do boato, José Viana passa a explicar a sua posição neste momento em relação à revista.

«São muito escassas as hipóteses que temos de fazer alguma coisa inovadora na revista: as portas que se abrem alertam imediatamente uma série de pessoas e as segundas tentativas ficam logo por terra como se calcula. Depois as pessoas não estão preparadas para entender isso: julgam só que há um abrandamento da nossa parte e enganam-se. De qualquer modo em relação a «Ora Bolas Pró Pagode» posso dizer que vamos dentro de muito pouco tempo para o norte. Depois disso não tenho ideias de voltar ao parque Mayer tão depressa. Em vez disso penso sair de cá por uns tempos: preciso de ter contactos, de conhecer pessoas e principalmente de ver novos espectáculos. Para já conto começar por Espanha. Suponho contudo que aquilo que para aí se disser sobre a minha actividade nos tempos mais próximos é bastante despropositado porque efectivamente nem eu sei o que vou fazer.

A VERDADEIRA REALIDADE

A propósito das possibilidades de trabalhar em conjunto José Viana revela-nos também a sua opinião:

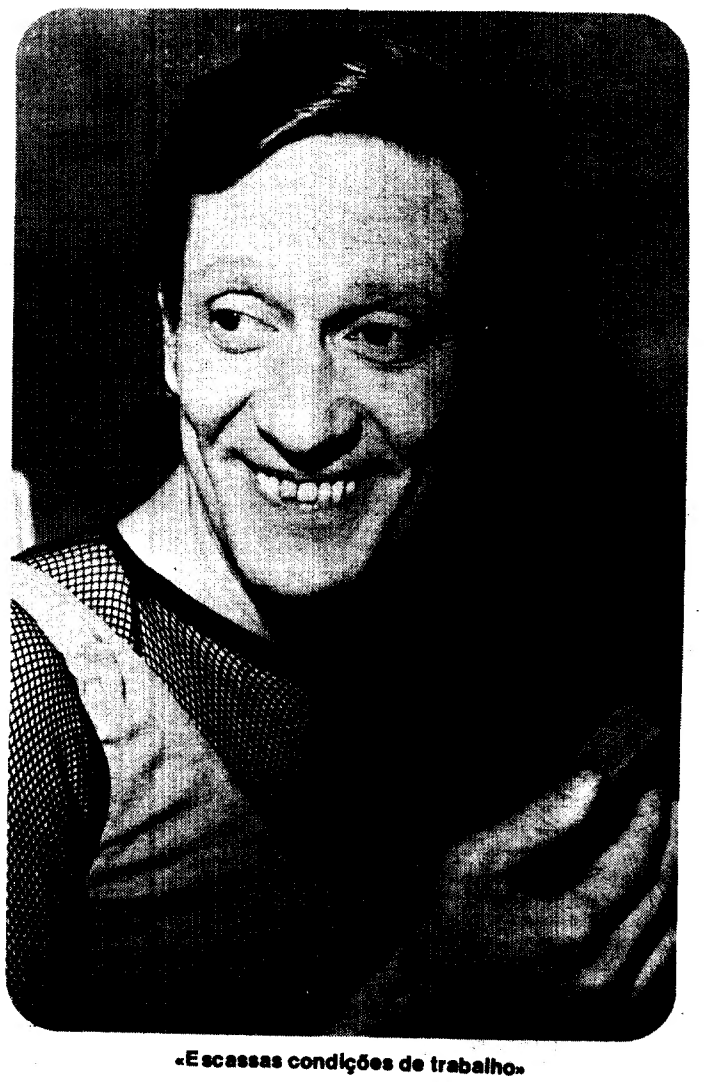
«Sinto que as coisas estão cada vez mais difíceis. Momentos há em que nos apetece quase cruzar os braços e deixar de lutar por uma série de coisas. Voltando ainda ao trabalho importante dos «Bonecreiros» que é muito necessário para todos nós, parece-me que isto de se estar fora do circuito tem muito que se lhe diga. As pessoas mesmo com uma boa dose de esforço não se libertam assim do pé para a mão. Os circuitos comerciais e a ligação dos actores a eles é uma coisa mais complicada do que pode parecer à primeira vista. Por isso, o melhor em determinada altura é as pessoas saírem de cá por uns tempos para respirarem fundo».

CINEMA

José Viana, que no filme de José Fonseca e Costa, actualmente a ser exibido em Lisboa foi Maldevivre, teria também sido contactado por Paulo Rocha para desempenhar um dos papéis do seu próximo filme. O actor esclarece.

«Na realidade fui também abordado por Paulo Rocha para entrar em «Wenceslau de Morais», o filme que ele agora se prepara para realizar mas sobre isso não há nada de concreto. Volto a insistir: tudo o que neste momento se disser sobre a minha actividade é extemporâneo porque nem eu próprio sei o que vai suceder.»

J.J.L.



«Escassas condições de trabalho»

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

11.º CONCERTO

HOJE ÀS 21.45 H.

GRUPO B — M/10 ANOS

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

MAESTRO:

Manuel Ivo Cruz

SOLISTA:

Christa Ruppert

(VIOLINO)

PROGRAMA

SUITE DE S. PAULO

GUSTAVE HOLST

ABERTURA N.º 3

JOLY BRAGA SANTOS

CONCERTO PARA VIOLINO

BRAHMS

•

BILHETES DESDE 12$50

As origens do capitalismo

TÍTULO: A Noite fez-se para Amar (Mc' Cabe and Mrs Miller)
REALIZAÇÃO: Robert Altamn, 1971 (E.U.A.);
INTÉRPRETES: Warren Beatty, Julie Christie, Rene Auberrionois, Hugh Millais, Michael Murphy, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Astória Filmes.
ESTREIA: Cinema Monumental (4-4-1972).

1. Quem é Robert Altman?

Nasceu em Kansas City em 1918. Foi matemático, piloto de B-24 durante a guerra, argumentista, romancista, documentarista, tendo realizado, produzido e escrito em 1955, a sua primeira longa metragem: **The Deliquents**. Dois anos depois (1957) dirige uma longa reportagem intitulada **The James Dean Story**, na qual dissecava o culto do heroi e mostrava o admirável teste de James Dean para **A Leste do Paraíso**. Entretanto, para a televisão, roda vários episódios de diversas séries: **Bonanza, Combat, Bus Stop, Kraft Theatre, Roaring Twenties, Gallant Men, Long Hot Summer** e ainda para o programa que **Alfred Hitchcock** mantem nos pequenos écrans americanos.

Em 1969 regressa ao cinema com um filme de ficção-científica: **Countdown;** no ano seguinte, no Canadá, adapta ao cinema um romance de Richard Miles — **Aquele dia frio no Parque** (That Cold day in the Park), com Sandy Dennis e Michael Burns, a que se seguem em 1970, **Brewster .cCloud e McCabe and Mrs. Miller** (A noite fez-se para amar), já em 1971.

2. Quase inteiramente desconhecido em Portugal, Robert Altman é considerado uma das mais importantes revelações americanas dos últimos anos, sendo de notar a agressividade do seu humor e a irreverência da crítica social ao sistema americano. Dele apenas vimos **Aquele dia frio no Parque**.

A noite fez-se para amar é assim como que o primeiro contacto a sério com o cinema de Bob Altman e não pode deixar de referir-se, desde já a qualidade do mesmo e a inteligência de que dá provas sobejas ao longo de toda a obra.

3. Cento e vinte e cinco homens, meia dúzia de casas (entre elas um «bairro» chinês), um **sallon** (dito Hotel), eis a base para o aparecimento de uma cidade. Collin Low, em **A cidade do Ouro**, e Chaplin, em **A quimera do Ouro**, já nos haviam retratado esta América mineira de fim de século, uma América crepuscular e sedenta de ouro. Quando John McCabe chega a este pequeno agregado humano e olha em seu redor, o que vê fa-lo pensar numa pequena cidade. Quando lhe perguntam se é McCabe, o **Gorducho,** pistoleiro, ele responderá que não: John McCabe, sim, mas «homem de negócios». Assim nascia, assim brotava o capitalismo.

Enquanto lá ao fundo, o padre procurará erguer uma igreja que nunca chegará a completar-se, até que um dia um incêndio a fará regressar às origens, McCabe, utilizando homens que haviam trabalhado durante o dia nas minas, termina ràpidamente o seu **saloon** apetrechado com as conquistas mais modernas da civilização: o jogo e as prostitutas

Cento e vinte e cinco homens irão fazer a fortuna de Mc Cabe, homem de negócios, ingénuo e fanfarrão. Mrs. Miller porém encarregar-seá de modernizar os métodos, racionalizar os processos, tornando duplamente produtiva a jovem empresa. Da aliança de McCabe e Mrs. Miller irá nascer uma cidade que despertará a inveja do **sistema.** Dois representantes da **Snake River Company** deslocar-se-ão propositadamente a Dawson City para falar com o seu mais ilustre representante e negociar a venda de todos os seus interesses. O mais influente cidadão de Dawson City, dono de casas de jogo, proxeneta, etc, revela-se, porém um homem de negócios pouco perspicaz no que respeita à manutenção da sua própria segurança. Acredita que os representantes da **Snake River Company** farão crescer a sua oferta até aquilo que ele mesmo estipulara.Dias depois três pistoleiros esperam McCabe. Nao para negociar, mas para saldar as contas em suspenso. McCabe que não possui a desencantada visão e a lucidez pessimista de uma Mrs. Miller tenta ainda negociar, mas já é tarde. Em Dwason City irão enfrentar-se, de armas na mão lutando pela hegemonia económica da cidade, duas concepções de capitalismo: uma, ingénua e empreendedora, oportunista e vivaça; outra, implacávelmente montada num sistema de monópolios. O duelo é exemplarmente traiçoeiro, com tiros pelas costas, embustes, ratoeiras e acaba por não definir vencedores ou vencidos. Numa paisagem de neve, McCabe e seus opositores encontram a morte. O que significará que, apesar das vítimas, a **Snake River Company** irá reinar na região. Ou seja, num duelo sem vencedores, só poderia haver vencidos, pois que lá longe, outros, se encarregarão de fazer em seu proveito o lucro da luta. Perante o alheamento e a indiferença de Mrs. Miller, que reencontra a paz, refugiando-se no ópio, e perante a inconsciência dos habitantes da cidade que combatem o fogo na igreja, ignorando o combate de morte que se processa nas suas costas.

4. **A noite é feita para amar** (que raio de nome lhe deram os tradutores portugueses!) é assim uma análise desencantada e extremamente lúcida das origens do capitalismo. McCabe aparece associado á imagem do pequeno capitalista que luta pela liberdade da iniciativa económica (neste aspecto, toda a conversa entre McCabe e o advogado é particularmente significativa e irónica) opondo-se ao **trust** que tudo procuram engolir na sua ânsia incontida de lucro. Será sob esta perspéctiva que melhor se reterá a significado deste filme de Bob Altman que possui ainda um fôlego lírico e um humor corrusivo.

Contradições de um sistema, contradições essas que Altman se entretem a pôr a descoberto sempre numa linguagem serena e discreta.

5. Notável nesta obra de Bob Alteman é a reconstituição minuciosa de uma época que parece retirada de quadros e desenhos a pastel. Bem servido por uma fotografia esbatida e nublosa, o filme adquire uma tonalidade pastosa, barrenta e verde, onde o branco da neve adquire uma força e um significado decisivos. A lentidão da narrativa acompanha este clima denso e povoado de espaços livres que a imaginação preenche. Mas será talvez nesse ritmo de narrativa que **McCabe e Mrs. Miller** denuncia algumas falhas, prolongando demasiado certas sequências. Para além disso, haverá ainda a assinalar o trabalho de Warren Beatty e Julie Christie, compondo figuras bem delimitadas psicológicamente.

6. Dentro dum estilo que faz pensar em **Os maridos de Elisabeth** (uma figura que parece retirada do filme de Logan é o **cowboy** que quer conhecer todas as raparigas do **saloon**). **A noite fez-se para amar** é um filme que vale a pena ver. Tanto mais que, em fundo musical, se pode ouvir a música e a voz de Leonard Cohen, um folk que se integra perfeitamente num tempo crepuscular e difuso.

Sindicato Nacional dos Comercialistas

Realiza-se amanhã, dia 11 de Abril pelas 21 horas e 30, na sede do Sindicato Nacional dos Comercialistas a Assembleia Geral Ordinária dos sócios deste Organismo, para apreciação, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1971.

De acordo com a respectiva convocação, serão ainda abordados assuntos de interesse para a classe, nomeadamente a modificação dos estatutos do Sindicato e a sua conversão em Sindicato Nacional dos Economistas, problemas de enquadramento sindical e estabelecimento da quotização obrigatória.

Dada a importância destes assuntos, espera-se a comparência do maior número possível de associados.

BRUTUS

ALFAIATES — CAMISEIROS

Participa aos seus clientes e amigos a sua passagem de modelos no Hotel Ritz, dia 11 pelas 15 horas.

Colaboração de **KARSIL FRANK SMITH** (OF LONDON).

Av. da República, 56-B ao Campo Pequeno

LUÍS TITO revela projecto ambicioso

Em entrevista recentemente concedida ao nosso jornal, o actor Luis Tito prometera revelar-nos um projecto que pretende concretizar no Brasil, quando regressar.

Como o prometido é devido Luis Tito, por achar oportuno, veio até nós, para tornarmos público, o seu ambicioso projecto que, a praticar-se, «muito beneficiaria a cultura e língua portuguesa em Terras do Brasil».

A IDEIA

— Qual o plano geral e alcance da sua ideia?

— **«Acreditando que finalmente chegou o momento da concretização do velho sonho de uma verdadeira comunidade luso-brasileira, não limitada sòmente aos seus contactos oficiais ou comerciais, penso ser a ocasião mais do que oportuna para iniciar no Brasil uma movimentação cultural que vise reacender o interesse, o respeito e consequentemente o amor pela língua portuguesa, nosso inestimável património comum.**

Esse movimento seria possível e traria, òbviamente, grandes benefícios à Comunidade Luso-Brasileira, se fosse organizada, no Brasil, uma Companhia Teatral que apresentasse originais ou traduções portugueses mas interpretados por artistas brasileiros, que seriam levados assim, a acostumar-se novamente à beleza da língua oficial do Brasil.

O público brasileiro, ao ouvir os seus artistas prefeitos falarem correctamente a nossa língua seria levado, aos poucos, a imitá-los o que seria de alcance cultural para nós brasileiros, sem falar no que isso representaraia para a imensa colónia portuguesa radicada em terras do Brasil.

Para tornar mais eficiente e dar maior amplitude a esse projecto, seria alugado permanentemente um teatro onde esses espectáculos fossem realizados e em cujo átrio ficassem patentes ao público, exposições de trabalhos de artistas lusitanos: pinturas, esculturas, cerâmicas, livros, gravuras, joias, etc.

Nesse teatro seriam também organizadas tardes culturais para a divulgação da poesia portuguesa, interpretada por artistas brasileiros e nas quais, eventualmente, fossem apresentadas ao público personalidades portuguesas que pudessem trazer qualquer vantagem a esse intercâmbio cultural.

De acordo com as peças seleccionados especialmente um actor ou uma actriz, portugueses, que com a sua presença ajudassem a criar o clima necessário a essa tentativa de unificação do nosso idioma comum e afirmação de uma verdadeira Comunidade Luso-Brasileira.

Tenho a certeza de que esse projecto, se for concretizado, contribuirá de maneira insofismável para a valorização, cada vez maior, da cultura portuguesa, coerante o povo do Brasil.

— E qual o local ideal para funcionar essa «cada da língua portuguesa»?

— **O local mais indicado seria, por razões óbvias, o «Teatro Ginástico» pertencente ao Clube Ginástico Português, um dos melhores teatros do Rio de Janeiro.**

— E como tornar viável a realização do seu projecto?

— **Tratando-se de um movimento de indubitável alcance cultural parece-me estar dentro do âmbito das realizações que a nunca demais louvada Fundação Calouste Gulbenkian está a processar no Brasil e poderia ter a aprovação do Dr. Azeredo Perdigão desde que fosse apresentada com o beneplácito das entidades a quem expus o projecto ou incluído no programa do Intercâmbio Cultural a ser inicado entre os nossos países a partir de 22 de Abril.**

Se a Fundação, por qualquer razão, não estiver interessada em nos conceder esse benefício em ocasião de tão transcendente importância para a Comunidade Luso-Brasileira, haveria outra solução: Tenho a certeza,pelas reclamações que se lêm amiúde em jornais do Brasil, a respeito do abastardamento da nossa língua oficial, que não seria difícil conseguir o patrocínio de firmas portuguesas radicadas no Brasil, sabendo-se que as verbas empregadas em difusão cultural, são descontadas do imposto sobre as rendas das companhias que as promovem.

Se o Instituto de Alta Cultura apoiasse o projecto junto às entidades culturais estabelecidas no Brasil, não seria difícil contactar com as empresas que apresentassem condições para um tal patrocínio.

— Não é apaixonante a ideia de uma unificação da língua portuguesa falada pela Comunidade Luso-Brasileira?

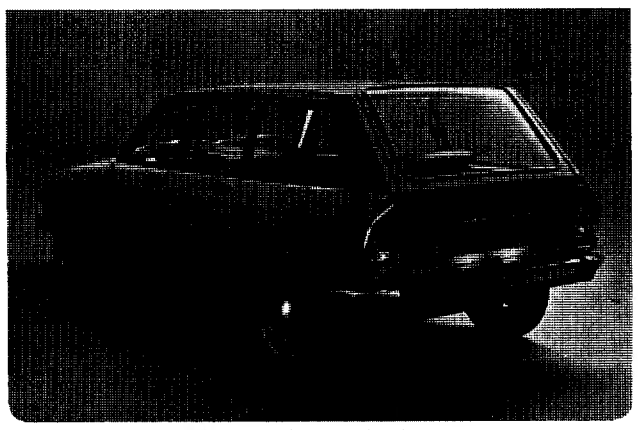
Tratando-se de estabelecer um Intercâmbio Cultural entre Portugal e Brasil, haverá assunto que mereça maior atenção do que uma tentativa honesta da unificação, na prática, do nosso idioma comum?

Flautista e vocalista do agrupamento «Jethro Tull» Ian é tido como uma das mais espectaculares figuras da música «rock» neste momento. O seu talento está à vista num disco que em breve será lançado em Portugal

Ensaie o Break GS com
Raul Solnado
e ganhe viagens a
Paris, Londres e Madeira

Break GS
uma nova geração GS

À vossa escolha Berline ou Break GS.



Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro.

CITROËN GS

CENTRO DE ENSAIOS DO BREAK GS

FERNANDO SILVA, LDA.
AGENTE CITROËN
RUA PALHA BLANCO, 31
VILA FRANCA DE XIRA

No tempo e na hora...

No tempo e na hora da alegria e da descontracção, Timex está presente.
Presente com a sólida perfeição do seu mecanismo. Um mecanismo que as 18 fábricas do Grupo Internacional Timex reproduzem com extrema precisão em milhões de unidades.
À prova de choque e 100 % estanques, os relógios Timex têm comprovado a sua resistência em todos os climas do mundo e em quaisquer circunstâncias.
Ao comprar o seu Timex, exija o respectivo Cartão de Garantia. A Garantia Timex é total e por um ano, cobrindo não só o mecanismo, como também a caixa, o mostrador, os ponteiros, o próprio vidro.
Em todo o mundo, centenas de milhões de homens, de mulheres, de jovens, usam Timex e confiam em Timex.
Exija Timex, o seu relógio de hoje e para muitos anos.
À venda na sua Ourivesaria ou Relojoaria.

Preços desde 245$00

Onde vir este simbolo existe um Revendedor

TIMEX®
o relógio mais vendido no mundo
Veja, na Televisão os duros testes de resistência Timex

A economia portuguesa e o Mercado Comum

No seguimento de um programa de contactos regulares estabelecido em 1970, deslocou-se, pela terceira vez, a Lisboa, a Comissão para a Cooperação Europeia e Internacional do Parlamento da República Federal Alemã, para uma série de reuniões com o Grupo de Trabalho constituido para o efeito na Associação Industrial Portuguesa. O tema do encontro foi o seguinte: «Alargamento da Comunidade Europeia — consequências/ soluções para a economia portuguesa/ problemas da política de concorrência na Europa».

A Comissão, de que é presidente o sr. Erwin Lange e que tem como secretário-geral o sr. Albert Zoeldi, compunha-se de nove membros, representando os principais partidos alemães, e fez-se acompanhar de altos funcionários dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Economia e Finanças de Bonn, respectivamente os srs. dr. Helmut Ruckriegel e Heinrich von Roeder, bem como do director-geral da Concorrência na Comissão do Mercado Comum, dr. Willy Schlieder.

O Grupo de Trabalho Português, cuja presidência cabe aos vice-presidentes da Associação Industrial Portuguesa, prof. dr. Salazar Leite e dr. Fernando Cruz, integra os deputados almirante Reboredo e Silva e prof. Almeida Garret, o presidente da Comissão Interministerial de Cooperação Económica Externa, embaixador dr. Ruy Teixeira Guerra, e o director-geral dos Negócios Económicos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dr. Tomás Andresen, bem como outros altos funcionários do mesmo departamento, o presidente da Câmara do Comércio e Indústria Luso-Alemã, dr. Serra Brandão, e diversos representantes da Associação Industrial Portuguesa.

A primeira reunião, presidida pelo prof. Salazar Leite, abriu com uma exposição do deputado alemão dr. Werner Marx intitulada «Comentários políticos ao desenvolvimento europeu, após o alargamento do Mercado Comum».

O dr. Silva Lopes, membro da delegação das negociações portuguesas junto da Comunidade Europeia, fez, por seu turno, uma elucidativa e documentada exposição acerca dos problemas actuais com que Portugal depara perante o Mercado Comum e das consequências que podem ter para a economia portuguesa. Seguiu-se uma larga apreciação do problema em que intervieram participantes de ambos os lados.

Noutra reunião, a que presidiu o dr. Fernando Cruz, o dr. Willy Schlieder tratou largamente dos problemas da política de concorrência das comunidades alargadas.

Após uma ampla explicação do prof. Almeida Garret sobre a orientação portuguesa em matéria de concorrência, nomeadamente em relação ao diploma recentemente aprovado sobre o assunto na Assembleia Nacional, foram abordados vários aspectos desta questão específica.

A Comissão Parlamentar Alemã mostrou-se particularmente interessada pela argumentação apresentada em relação à posição de Portugal perante o Mercado Comum, tendo em conta nomeadamente, os esclarecimentos prestados pelos srs. embaixador dr. Ruy Teixeira Guerra e drs. Fernando Cruz e Silva Lopes.

Depois das trocas de impressões havidas, chegou-se à conclusão de que devem prosseguir os esforços efectuados com o objectivo de uma aproximação de Portugal com a Comunidade Europeia, e bem assim, em determinados aspectos, intensificar os contactos com os países membros da C. E. E. Como meio adequado a este efeito, propôs-se a continuação das trocas de impressões e o intercâmbio de informações, sob a forma de reuniões de trabalho.

Neste sentido, ficou marcada uma nova reunião em Lisboa de 1 a 5 de Novembro deste ano, na qual serão abordados assuntos relacionados com a evolução das diligências de Portugal junto da Comunidade Europeia.

Para que esta cooperação possa resultar mais significativa e eficaz, decidiu-se que, em 1973, se inicie um sistema de reuniões alternadas em Bonn e em Lisboa.

Dizem os leitores

DEMOLIÇÕES, PRETEXTO PARA AUMEN

do nosso leitor Alfredo Gomes F. da Silva, residente na Avenida Rovisco Pais, r/c Esq. recebemos a seguinte carta:

«Ex.º Sr. Director: Entrou em demolição um prédio de certo porte e boa construção situado na Avenida Rovisco Pais, n.º 42, com quatro andares e doze inquilinos. Ora, esta demolição, como tantas outras, serve apenas para aumentar as rendas — facto aqui particularmente evidenciado, pois casas de quatro assoalhadas que em 1956 foram arrendadas por mil e cem escudos, foram alugadas por 3 500$00 quando vagaram no último ano, estando agora já a quatro e cinco mil escudos!

Parece-me, e não devo errar, que o investimento que se faz com esta demolição e reconstrução, deveria ser feito noutro ponto, num imóvel novo. Seriam mais doze habitações que viriam servir outros tantos necessitados.

Enfim, ouso trazer o facto ao conhecimento do jornal, para dele fazer uso se julgar conveniente».

Feira da Primavera nas Mercês

No local onde habitualmente se realiza a tradicional Feira das Mercês, na Tapada da Casa do Pombal, terá lugar de 16 a 23 do corrente, a primeira Feira da Primavera que apresentará artigos típicos daquela região saloia. Trata-se de mais uma iniciativa da junta de freguesia do Rio de Mouro com o objectivo de auxiliar obras de assistência.

Quaisquer informações serão prestadas na sede daquela junta ou pelos telefones 2960029 ou 2960206.

DESTAQUES Hoje na TV

Chamamos hoje a atenção para o primeiro canal onde serão apresentadas as séries NA TERRA DO ARCO IRIS (às 21 horas) e CIVILIZAÇÃO (às 22 e 40)

A primeira (a que pertencem as fotos juntas), relata-nos o caso de um homem que se diz ser inspector da Polícia Real Montada Canadiana, e que chega a casa de Nancy Williams, contando-lhe que o seu marido pode estar ainda vivo — a milhares de milhas em British Columbia.

Para se familiarizar com o passado de Frank Williams, ele arranja maneira de, Dugald MacGregor e Dennis Mogubgub, o levarem à cabine abandonada de Frank acompanhado de Billy e Pete Gawa. O estranho procedimento de Saunder faz renascer as esperanças nos espíritos da família de William e dos seus amigos. Poderia Frank ter sobrevivido aos dois anos depois da queda do avião?

CIVILIZAÇÃO — Romance e Realidade — Depois de tecer comentários finais à arte românica e suas implicações de carácter social, o autor da série debruça-se sobre a arte gótica, o aparecimento de um esplendor único, o sistema da cavalaria e os primeiros sistemas feudais. Correlativamente, aborda o problema dos camponeses e artífices que viviam num mundo quase à parte, mas que nem por isso deixou de conservar as suas características dentro do sistema feudal em que se integra.

A QUINTA

No segundo programa teremos a habitual NOITE DE CINEMA que será preenchida com o filme A QUINTA. O final da guerra de 1939/45 trouxe à produção cinematográfica uma exigência de realismo, de veracidade, de fórmulas novas que eliminassem de certo modo o carácter excessivamente convencional, artificial, romanesco do cinema.

O sinal já havia sido dado, muitos anos antes, pela obra dos soviéticos ou pela escola documentarista inglesa por um Ruttman ou por um Flaherty. Esse apelo da realidade corporizou-se no cinema italiano quando Rosselini soltou o grito de Roma cidade aberta e encontrou eco noutras produções, designadamente a francesa, onde vamos encontrar obras notáveis como A Batalha do rail ou este Farrebique que hoje se estreia em Portugal, nos vossos televisores com o nome de A Quinta.

Farrebique ou les quatre saisons foi rodado em 1946 por Georges Rouquier e constitui um vasto fresco rural, interpretado por autênticos camponeses, com um ritmo lento das estações, e propondo uma forma cinematográfica que muito se aproxima do documentário. A própria linguagem do filme é tosca, imperfeita, pobre em alguns momentos, mas poucas vezes se viu na tela uma autenticidade tão imediata. Rouquier inaugurou aqui um caminho que a produção francesa só voltaria a retomar, 10 anos depois, com as obras de Jean Rouch e do «Cinema-verité».

Apesar de tudo, Rouquier sabe do seu ofício e sabe tornar significativos os instrumentos da linguagem fílmica. Algumas sequências, como as do parto, são citadas e figuram em trabalhos teóricos como modelos de expressão.

Director-geral dos Hospitais

No Ministério das Corporações e Previdência Social, o secretário de Estado da Saúde e Assistência, dr. Jorge Assis dos Santos, confere posse amanha, às 11 horas, do cargo de director-geral dos Hospitais ao dr. Amadeu Lobo da Costa, recentemente nomeado para aquele lugar.

O dr. Lobo da Costa, que exercia as funções de inspector superior de Saúde e director dos Serviços de Higiene Rural e Defesa Antissezonática e do Instituto de Malariologia, sucede como director-geral ao dr. Corrolano Ferreira, chamado a ocupar o cargo de secretário-geral do Ministério da Saúde e Assistência.

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

CENTROS DE ENSAIO DO BREAK GS*

em todos os locais marcados com * poderá ensaiar o Break GS

ABRANTES
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Magalhães & Andrade
Rossio ao Sul do Tejo
Telef. 279
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rossio ao Sul do Tejo
Telef. 279

ALMADA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Martins & Marques, Lda.
Av. Frederico Ulrich, 43-C
Telef. 276 40 54

ALCOBAÇA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Tomaz C. Marques, Lda.
Praça Dr. Oliveira Salazar, 48
Telef. 4 27 08 / 4 21 75
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Júlio dos Santos
Rua de Angola

AVEIRO
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Garagem Atlantic
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 203
Telef. 2 24 72
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua Cândido dos Reis, 118
Telef. 2 36 41

BEJA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Palma Cano & Irmão, Lda.
Rua Eng.º Aires da Fonseca
Telef. 2 47 03
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Industrial Alentejana
Rua 5 de Outubro
Telef. 2 41 99

BENAVENTE
EXPOSIÇÃO E VENDAS
José Joaquim da Silva Rato
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Largo de São Bento

BRAGA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Filinto Mota
Av. Marechal G. da Costa, 539
Telef. 2 37 41
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua do Caires, 124
Telef. 2 50 32

BRAGANÇA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Aniceto Gonçalves & C.ª, Lda.
R. Alexandre Herculano, 15 a 19
Telef. 48
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
R. Alexandre Herculano, 61
Telef. 48

CALDAS DA RAINHA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Soc. Auto-Central Leiriense, Lda.
Rua da Praça de Touros, 26
Telef. 2 32 55
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Auto-Mecânica das Caldas
Rua Ten.-Coronel Santos Costa
Lotes 33/4/5 — Telef. 2 29 47

CARREGAL DO SAL
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Autervel — Auto - Serviço Esperança
Telef. 6 81 81

CARCAVELOS
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Estação de Serv. Gorjão & Sampaio
Praceta do Junqueiro
Telef. 247 34 70

CASTELO BRANCO
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Avenidauto
Av. Marechal Carmona, 22-A/22-D
Telef. 643
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua Amato Lusitano, 11
Telef. 643

COIMBRA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Barreiros & Vilas, Lda.
Av. Fernão de Magalhães
Telef.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Santos, Castro & Fonseca, Lda.
Rua do Carmo, 72
Telef. 2 45 99

COVILHÃ
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Auto - Representações da Covilhã, Lda.
Largo S. João da Malta
Telef. 2 30 15
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Largo S. João da Malta
Telef. 2 30 15

CORUCHE
EXPOSIÇÃO E VENDAS
José Joaquim da Silva Rato
Rua Nova
Telef. 6 25 82

ELVAS
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Bairrão & Dias, Lda.
Av. de Badajoz
Telef. 143
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Av. de Badajoz
Telef. 184

ESTARREJA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Garagem Progresso
Telef. 4 21 40

ÉVORA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Rual Cruz, Sucessores
Rua de S. Tiago
Telef. 2 40 96
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua do Raimundo, 99/99-A
Telef. 2 40 96

ESTREMOZ
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Raul Cruz, Sucessores
Rua Brito Capelo, 14-A
Telef. 387

FARO
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Auto-Gharb de Sousa e Silva & Batista, Lda.
Rua do Alportel
Telef. 2 30 71
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua do Alportel
Telef. 2 30 71

FUNDÃO
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Metalúrgica do Fundão, Lda.
Av. Salazar

GOUVEIA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Auto-Garage Gouveense
Av. Dr. Oliveira Salazar
Telef. 42121/2
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Av. Dr. Oliveira Salazar
Telef. 42121/2

GUARDA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Rua Infante D. Henrique
Telef. 47
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Garagem S. José
Rua Batalha Reis, 2
Telef. 47

GUIMARÃES
EXPOSIÇÃO E VENDAS
A. Cunha Guimarães & C.ª, Lda.
Av. D. Afonso Henriques, 356
Telef. 4 19 73

LAGOA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Piscarreta & Filho, Lda.
Rua Elias Garcia

LAGOS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Auto-Notex de Gastão Ferreira

LEIRIA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Soc. Auto-Central Leiriense, Lda.
Av. Heróis de Angola, 45
Telef. 2 31 48 / 2 20 77
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Largo do Cónego Maia, 3
Telef. 2 31 48
Magalhães & França, Lda.
Rua Tenente Valadim, 58
Telef. 2 39 69

LISBOA
SEDE:
AUTOMÓVEIS CITROËN, S.A.R.L.
Av. Praia da Vitória, 9
Telef. 53 41 31/6 - 53 69 38/9
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Av. Fontes Per. de Melo, 47-A
Rua Filipe Folque, 5-B
Telef. 53 41 31/6
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Av. Defensores de Chaves, 12
Telef. 53 41 31
Rua Rodrigo da Fonseca, 80
Telef. 53 41 31
SUB-AGÊNCIAS
*Benjamim Barral
Av. Marconi, 4-A/4-B
Telef. 76 91 81
*Garagem Auto-Tejo
Rua de Xabregas, 1
Telef. 38 16 78
*Lubricar
Av. Guerra Junqueiro, 7/7-A
Telef. 71 25 52
Tecnauto
Rua Abílio Lopes do Rego, 2
Telef. 66 24 39
*Sovendo
Av. Infante Santo, 15-A
Telef. 67 71 16/7
Rua Cova da Moura, 2-A
*SCAL
Av. da República, 44 - A
telef. 76 09 13 / 77 68 46

MAFRA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Carlos Simões
Telef. 5 26 67
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Carlos Simões

MANGUALDE
EXPOSIÇÃO E VENDAS
António Venâncio
Telef. 6 22 26
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
António Venâncio
Telef. 6 22 26

MARCO DE CANAVESES
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Auto-Marcal Sociedade de Máquinas Agrícolas e Automóveis, Lda.
Telef. 5 22 62

MONÇÃO
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Manuel Mendes Alegre
Estação de Melgaço
Telef. 5 22 66

MONTIJO
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Carlos Oliveira Ventura
Rua Guerra Junqueiro, 26
Telef. 23 04 94
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
António Joaquim Evangelista
Rua José Ferreira Pinto, 12
Telef. 23 07 42

MOURA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Auto-Mecânica Mourense
Largo José Maria dos Santos, 37

NELAS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Auto-Mecânica Ideal de Nelas, Lda.
Estrada Nacional, 234
Telef. 6 62 91

OLIVEIRA DE AZEMÉIS
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Auto-Insua, Lda.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua do Bonfim (em construção)
*Automóveis Jorge Costa, Lda.
Rua de S. Brás, 435
Telef. 49 06 71
Garagem Central de Arrábida, Lda.
Rua do Campo Alegre, 620
Telef. 6 20 17
Alfredo Leite da Silva
Rua Cunha Júnior, 128
Telef. 4 01 56 / 4 02 57
Fernando Palhinhas
Rua Avel de Cima, 233
Telef. 49 05 95

SANTARÉM
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Augusto José da Silva
Rua Alexandre Herculano, 11/15
Telef. 2 31 15
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua Alexandre Herculano, 11/15
Telef. 2 31 15

SANTIAGO DO CACÉM
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Querubim Baptista Marques & Filhos
Praça do Município
Telef. 158
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
José Francisco P. Costa
Estrada Sto. André, 20

SANTO TIRSO
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Domingos Ferreira Amaro
Rua Dr. Joaquim Pires de Lima
Telef. 5 25 83

SETÚBAL
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Auto-São Filipe, Lda.
Av. Comb. da Grande Guerra, 57
Telef. 2 28 59
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Estrada da Graça, 2
Cachofarra

SINTRA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Auto-Estefânia de Sintra, Lda.
Av. Heliodoro Salgado, 3
Telef. 98 01 06 / 98 01 69

TORRES VEDRAS
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Auto-Agrícola de Teixeira, Aguiar & Oliveira
Rua dos Polomos
Telef. 620
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua dos Polomos
Telef. 620

VALE DE CAMBRA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Auto-Técnica de Vale de Cambra
Av. Cunha de Matos

VIANA DO CASTELO
EXPOSIÇÃO E VENDAS
José Martins
Av. Combatentes, 272
Telef. 2 38 87
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Auto-Lima
Av. Luís de Camões, 110
Telef. 2 27 20

VILA FRANCA DE XIRA
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Auto-Nascimento, Lda.
Telef. 2 31 22
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Auto Nascimento, Lda.
Telef. 2 31 22

VILA NOVA DE FAMALICÃO
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Romalo - Representações Comerciais, Lda.
Rua Alves Roçadas, 164
Telef. 2 24 81

VILA REAL
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Rep. C. Sousa e Camilo, Lda.
Praça Diogo Cão
Telef. 2 30 35
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Praça Diogo Cão
Telef. 2 30 35

VISEU
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Soc. Comercial Auto - Sertório, Lda.
Rua Miguel Bombarda, 29
Telef. 2 37 96
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Travessa da Meia Laranja
Telef. 2 25 11
Auto-Central da Beira, de Alfredo de Almeida Soares
Av. Cap. Homem Ribeiro, 37/39
Telef. 2 44 45

ILHAS ADIACENTES
FUNCHAL — Madeira
ASSISTÊNCIA E VENDAS
Vasconcelos & Couto, Lda.
Rua da Rochinha, 68-A
Telef. 2 14 45

PONTA DELGADA
Açores
ASSISTÊNCIA E VENDAS
DELCA - Construtora Comercial Açoreana, Lda.
Rua dos Mercadores, 77/85
Telef. 2 21 94

ANGRA DO HEROISMO
Açores
ASSISTÊNCIA E VENDAS
SOMAR - Socied. Terceirense de Materiais de Construção, Lda.
Rua Rio de Janeiro, 41
Telef. 1208

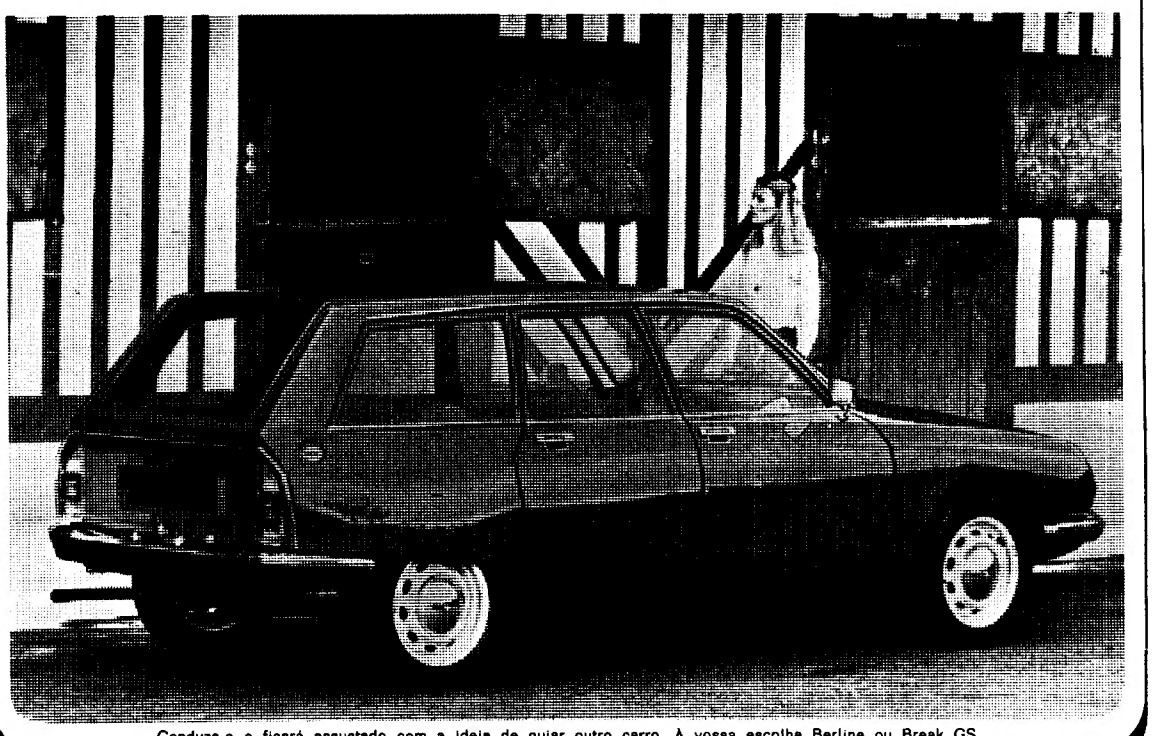
PORTALEGRE
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Auto-Rica, Lda.
Largo António José Lourinho, 16
Telef. 32 12 52
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua Lacerda Machado
Telef. 32 12 52

PORTO
EXPOSIÇÃO E VENDAS
*Filinto Mota
Av. dos Aliados, 180
Telef. 2 45 32 / 3 39 38 / 2 29 98
Av. Dr. António José de Almeida
Telef. 6 23 66
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Rua do Cruzeiro
Telef. 6 23 66
Auto-Parque
Rua António Bernardo
Telef. 6 24 35

Ensaie o Break GS com Raul Solnado e ganhe viagens a Paris, Londres e Madeira

Break GS uma nova geração GS

Confort e Club são as duas versões do Break GS. A linha agrada. As características também, já que são as de uma nova geração do carro que conquistou 8 prémios internacionais. O Break GS beneficia igualmente de todos os recentes melhoramentos introduzidos na Berline. Espaço aumentado para bagagens e maior conforto para passageiros. A suspensão hidropneumática mantém-se inalterável, com o seu sistema de correcção automática em função da carga, que mantém constante a horizontalidade e a distância em relação ao solo, o que permite dispor permanentemente das mesmas condições de condução. Está ainda por descobrir melhor. O Break é bem uma nova geração de um carro de sucesso. Raul Solnado é da mesma opinião. Dirija-se ao Stand Citroën mais próximo, experimente-o e ele explicar-lhe-á porquê!



Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro. À vossa escolha Berline ou Break GS.

CITROËN GS

CITROËN AO SEU SERVIÇO EM TODO O PAÍS

CITROËN

Conduzia a cruz e foi espancado

FAMALICÃO, 10 — Foi enviado, hoje, ao tribunal desta comarca pela G.N.R. do posto local, um processo no qual são réus, Orias Guilherme da Costa Moreira, de 17 anos, do lugar da Senra (Calendário), desta vila, e mais quatro individuos, por agressão, á sapatada e a pontapé, a João de Jesus Albuquerque, de 32, casado, serralheiro, do lugar de Louredo, da mesma freguesia, ontem ao fim da tarde, no lugar de Senra, quando dava a beijar a cruz.

O caso lamentável nasceu, segundo parece, de mal-entendidos. O pároco da freguesia de Calendário, por ver esta vasta, decidiu-se a dividi-la em duas partes, para a visita pascal. Assim, uma parte receberia o Compasso no dia de Páscoa, enquanto que a outra, no dia de Pascoela.

Entretanto, o pároco mandara aos seus paroquianos cartões, perguntando-lhes se queriam ou não receber em suas casas o Compasso. Só vinte por cento responderam a questão. Daí que a visita pascal o sacerdote só tenha entrado nas casas cujos proprietários haviam respondido afirmativamente. E foi esta atitude que gerou a exaltação de alguns ânimos, sendo vítima o sr. João de Jesus Albuquerque, que conduzia a cruz.

Portugueses roubam em Paris um milhão de francos

PARIS, 10 — Um milhão de francos (cerca de cinco mil contos), em notas pertencentes aos depósitos feitos por emigrantes portugueses, foi o total do roubo feito, a noite passada, nas proximidades de Paris, ao caixeiro de uma empresa bancária, Gaspar Perpétuo, de 42 anos — informa a Agência EFE.

Gaspar havia concluido a sua habitual volta pelos lares dos emigrantes, a fim de receber as respectivas economias, e colocara o dinheiro em alguns sacos no interior do seu automóvel quando foi interceptado por outro veículo, do qual sairam quatro homens armados, que em escassos segundos se apoderaram do dinheiro.

Segundo as declarações que o caixeiro fez á policia, os assaltantes seriam também portugueses, uma vez que em português o ameaçaram antes de fugirem em dois veículos, cada um deles para seu lado.

A C. P. Informa:

MELHORIA DE SERVIÇO NA REGIÃO SUL

A fim de atender numerosas sugestões e de obter uma utilização do material mais conforme com os desejos e necessidades dos nossos clientes, são feitas, a partir de 9 de Abril, algumas alterações nos serviços de passageiros e de mercadorias da Região Sul.

De entre as principais modificações, salientamos as seguintes:

— Supressão da automotora «Giraldo», a qual, após sete meses de circulação., não teve a aceitação que se esperava;

— Melhoria das ligações do Alentejo ao Centro e ao Norte do País, via Vendas Novas e Setil, utilizando o material disponível pela supressão da automotora «Giraldo»;

— Antecipação do comboio directo da manhã do Alentejo para Lisboa;

— Melhoria dos Serviços regionais em vários trajectos, designadamente no Litoral do Algarve, no Ramal de Portalegre e entre Vendas Novas e Pinhal Novo:

— Melhoria dos serviços suburbanos Lisboa - Barreiro - Setúbal - -Praias Sado;

— Melhoria do encaminhamento de mercadorias do Algarve e do Alentejo para o Centro e Norte do País.

O pormenor das alterações introduzidas consta dos novos cartazes já afixados nas estações.

Na Imprensa Diária estão a ser publicados horários resumidos, que serão também, em breve, distribuidos gratuitamente nas estações e nas Secções de Informações.

A C. P. lamenta não ter sido possível dar satisfação a todas as sugestões recebidas e pede que quaisquer comentários, críticas ou novas propostas sejam dirigidas ao Serviço de Promoção do Tráfego, Rua Vítor Cordon, 45, Lisboa-2.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).

BRIGADEIRO ANTÓNIO MEYRELLES DO SOUTO

Faleceu pouco depois de ter dado entrada no Hospital de S. José, o brigadeiro médico otorrinolaringologista, dr. António de Azevedo Meyrelles do Souto, acometido de doença súbita num «eléctrico», no Largo do Chiado.

O extinto, conhecido publicista católico, colaborador da Imprensa diária e autor de numerosos trabalhos científicos, era natural do Porto e contava 72 aaanos. Além de outros cargos, foi presidente da assembleia geral do C. A. D. C. vice-presidente da Associação dos Médicos Católicos Portugueses e secretário-geral do 5.º Congresso Internacional de Médicos Católicos e de vários congressos nacionais e estrangeiros de otorrino.

Em 1962 foi promovido a brigadeiro e colocado no quadro da reserva.

O brigadeiro Meyrelles do Souto, que publicou vários trabalhos entre os quais a sua tese de doutoramento sobre «Lourdes e a Medicina», «Médicos e Santos», «O Papa João XXI e a Sua Obra Científica», recebeu numerosos louvores e possuía muitas condecorações nacionais e estrangeiras, nomeadamente os graus de comendador da Ordem de Mérito Civil, de Espanha, da Ordem Soberana de S. João de Jerusalém de cavaleiro da Ordem Equestre do Santo Sepulcro, comenda de S. Silvestre, oficial da Ordem Militar de Aviz.

Era casado com a sra. D. Maria Alexandrina Figueiredo Meyrelles do Souto, que se encontra internada num estabelecimento hospitalar, e pai do dr. António Maria Figueiredo Meyrelles do Souto, também médico.

O corpo foi depositado na capela do Hospital de Jesus, de onde sairá o funeral em dia e hora a determinar.

O Almirante Américo Thomaz parte hoje para o Brasil acompanhando os restos mortais do Imperador D. Pedro I

O presidente Américo Thomaz inicia hoje a histórica viagem ao Brasil, acompanhando os restos mortais do imperador D. Pedro I que em nome de Portugal vai entregar ao país irmão.

Os restos mortais do primeiro imperador do Brasil que foi também rei de Portugal repousavam no Panteão Nacional ao lado dos monarcas portugueses da Casa de Bragança. Esta manhã, do Mosteiro de S. Vicente de Fora para o cais da Fundição de Santa Apolónia, organizou-se um cortejo que conduziu a urna real até ao navio «Funchal», que os transportará ao Brasil.

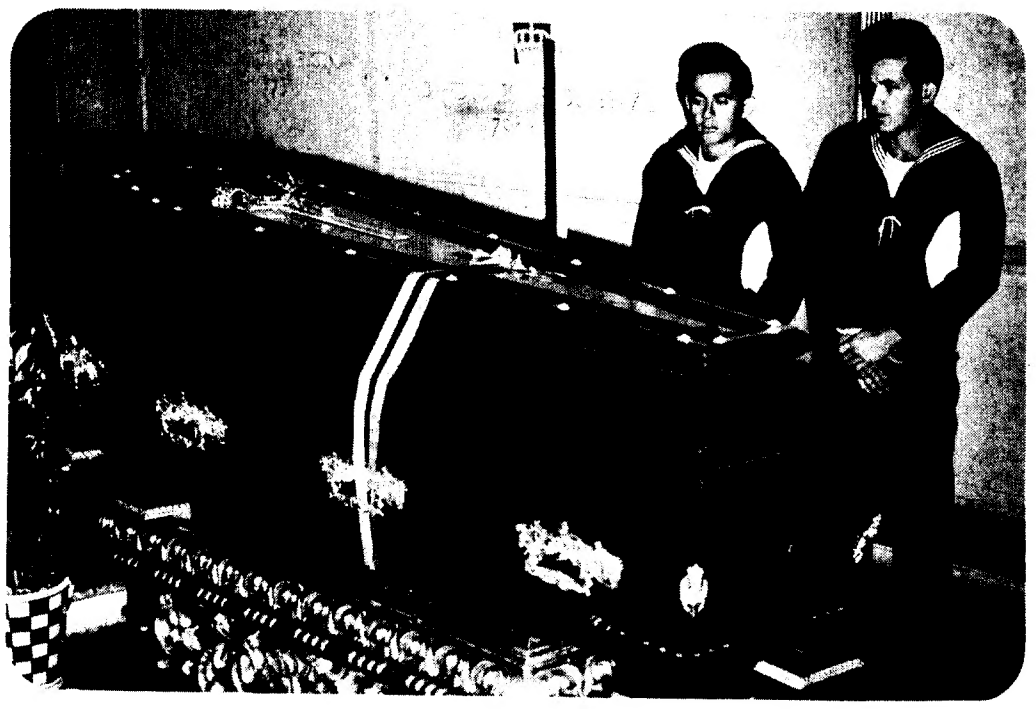
Incorporaram-se no cortejo, o prof. Marcello Caetano, presidente do Conselho de Ministros, o embaixador do Brasil, o ministro da Defesa, ministro da Justiça, os membros da Comissão Especial constituída pelos srs. ministro da Marinha, embaixador dr. Manuel Homem de Mello, almirante Sarmento Rodrigues, prof. Lopes de Almeida e dr. Jorge de Mello e ainda a princesa D. Teresa Maria de Orleães e Bragança.

A escolta era formada por forças da Guarda Nacional Republicana.

A urna contendo os restos mortais de D. Pedro IV foi primeiramente colocada no armão do Governo Militar de Lisboa e seguiu em cortejo em direcção ao cais da Fundição, passou pelo Largo de Santa Clara, Rua de Santa Cruz e Largo do Museu da Marinha.

No cais da Fundição estava formada uma guarda de honra constituída por um batalhão da Marinha Portuguesa e uma companhia da Marinha brasileira. Nas cerimónias da manhã, na guarda de honra de S. Vicente de Fora e no cortejo para o cais da Fundição foi incorporada a bandeira mandada bordar pela rainha D. Maria II e por ela oferecida ao Regimento de Caçadores 5.

O armão deteve-se ao princípio da rampa expressamente construida para acesso ao tombadilho do navio «Funchal». Oito fusileiros transportaram, em seguida a urna para bordo. Simultâneamente dois navios, um brasileiro e outro português deram uma salva de 21 tiros.



Marinheiros do Brasil velando a urna com as cinzas

EMBARQUE DO ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ

O sr. presidente da República embarcará no «Funchal» cerca das 18 horas. No percurso de Belém para o cais de Alcantâra, o Chefe do Estado será escoltado por um regimento da G. N. R. sendo depois recebido por um batalhão misto dos três ramos das Forças Armadas com bandeira e fanfarra.

A comitiva oficial do Chefe do Estado é constituída pelas seguintes individualidades: ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício; secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista; embaixador para os assuntos da Comunidade Luso-Brasileira, almirante Henrique Tenreiro; almirante Ferreira de Almeida; general Andrade e Silva; general da Força Aérea Costa e Almeida; secretário-geral da Presidência da República, dr. Luís Pereira Coutinho; oficiais da Casa Militar do presidente da República; comandante Guilherme Tomás, coronel Soares ba Cunha e major Rui Pereira Coutinho; chefe de gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Luís Navega; chefe de gabinete do secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. Duarte Guedes Vaz; embaixador chefe do protocolo de Estado, dr. Helder de Mendonça e Cunha; secretário do protocolo do Estado, dr. Manuel Corte-Real.

O sr. presidente da República será, ainda, acompanhado pela esposa e pela filha.

Os serviços fúnebres e a decoração da câmara ardente da capela do «Funchal» estiveram a cargo da Agência Magno.

As despesas militares aumentam em 1971

As despesas públicas extraordinárias aumentaram, em 1971, de 2.895,8 milhares de contos, feita a relação com o ano anterior. Para essa variação contribuiram de modo significativo, «os maiores gastos com a defesa nacional, a concessão de subsídios aos estabelecimentos fabris do Ministério do Exército e a atribuição de doações mais elevadas para a execução do III Plano de Fomento, com vista a intensificar o ritmo dos diversos empreendimentos».

Estas conclusões constam de uma «nota» do Ministério das Finanças em que este departamento governamental resume a conta provisória dos meses de Janeiro a Dezembro de 1971, já enviada para publicação no «Diário do Governo» pela Direcção-Geral de Contabilidade Pública.

Também as despesas com a Educação tiveram um aumento sensível, o mesmo acontecendo com a Saúde e Assistência, no confronto entre os gastos.

AUMENTO DA RECEITA

As receitas (ordinária e extraordinária) cobradas em 1971 acusaram um saldo favorável de 281,8 milhares de contos. Apesar disso, o ritmo de progressão das receitas ordinárias ficou bastante aquém do verificado em 1970. A taxa de crescimento foi de 8,6 por cento, quando na gerência anterior havia atingido 20,7 por cento, percentagem esta que, no entanto, foi particularmente elevada e não reflectiu a evolução que vinha sendo registada nos anos precedentes na expansão das receitas ordinárias.

As despesas ordinárias apresentaram também uma evolução crescente, embora em percentagem inferior (11,4 por cento) à observada na gerência transacta (16,7 por cento).

«Não obstante a evolução que se processou nas receitas e despesas ordinárias» — assinala-se na «nota» do Ministério das Finanças distribuída à Imprensa, «o excelente entre elas apurado cifrou-se em montante superior ao do exercício de 1970, permitindo suportar, como nos últimos períodos financeiros, todas as despesas com a defesa nacional não cobertas com recursos especiais e ainda avultada parcela dos restantes encargos extraordinários».

O excesso das receitas ordinárias — diz-se na mesma «Nota» — «assegurou assim a cobertura em 72,7 por cento da despesa extraordinária, tendo os restantes 27,3 por cento sido satisfeitos por receitas extraordinárias, constituídas, designadamente, pelo produto de empréstimos, saldos de gerências findas, receitas de amoedação e reembolsos ou recursos especiais».

Se o saldo apurado provisòriamente em 1971 entre as receitas e as despesas totais ascendeu aos já referidos 281,8 milhares de contos, o saldo real foi de sòmente 20,7 milhares de contos, «visto o remanascente constituir uma provisão para a cobertura de despesas que, por razões várias, não puderam ser liquidadas no ano de 1971».

Os impostos (directos e indirectos) cobrados durante o ano passado ultrapassaram os 22 mil milhares de contos, mais cerca de 1.800 milhares de contos do que em 1970.

As despesas ordinárias elevaram-se a 19.650,2 milhares de contos, e a extraordinária somaram 16.997,9 milhares de contos, correspondendo a variações para mais, respectivamente de 11,4 por cento e 20,5 por cento. As cobranças totais, ordinárias e extraordinárias, atingiram, respectivamente, 32.285,1 milhares de contos e 4.644,8 milhares de contos.

Assistência e Simpatia

Um trabalho em que se não pode falhar

Prestar assistência durante um congresso, organizar um cocktail... convites, pastas, apresentações: um trabalho que requer presença, inteligência e, sobretudo um enorme profissionalismo.
Um trabalho a confiar às Hospedeiras de Portugal. De apresentação impecável em qualquer circunstância, com perfeito conhecimento de vários idiomas e profunda noção das responsabilidades, as Hospedeiras de Portugal cuidam de todos os pormenores, velam por um cumprimento rigoroso de todo um programa. E no final serão sempre uma presença acolhedora que transforma qualquer reunião num êxito.
Numa recepção, como tradutora ou intérprete ou simplesmente carinhosa baby-sitter, uma Hospedeira de Portugal é sempre garantia de competência e profissionalismo.

Hospedeiras de Portugal

Av. Óscar Monteiro de Torres, n.º37,4.ºDt.º Lisboa 1. Telef. 763113

morrison R

RIBATEJO EM CRISE por falta de mão-de-obra

Não há quem amanhe a terra. Todos os jovens fogem da enxada. A agricultura está de rastos. A empobrecer. A mão-de-obra, a preço exorbitante (e escassa) desencoraja os pequenos e grandes lavradores. No Ribatejo as terras estão abandonadas, principalmente algumas vinhas. E uma tristeza, uma dor de alma. Os espaços anteriormente cultivados dão lugar hoje a pousios. As ervas crescem à vontade. São estas (muitas) das queixas e dos lamentos apresentados pelos agricultores da lezíria ribatejana.

Velhos sentados num banco junto à porta de tabernas e cafés, no Cartaxo, passam o tempo cavaqueando sobre as agruras da vida de hoje. Recordam quase sempre (o saudosismo reanima-os) um passado tão presente, mas, no fundo, tão distante, talvez mais cruel um do que o outro. É o reavivar de situações (preocupações), de lembranças de outra agricultura, entre o saborear do sol morno da tarde e um copo de vinho tinto, ainda do bom.

Uma laboriosa actividade comercial agita e anima, contudo, a vida. Os mercados mensais (e as grandes feiras anuais) onde se vendem todos os produtos agrícolas, quinquilharias, roupas, louças, calçado e outras bugigangas. As touradas que, depois de Abril, e durante todo o Verão, se realizam amiúdo. Na verdade, os touros são parte integrante do povo ribatejano.

Depoimento (emocionado) de um experimentado agricultor:

Tudo mudou. Ainda há poucos anos, era fácil conseguir pessoal para trabalhar nas nossas propriedades. Hoje, isso é quase impossível. Os salários são melhores, cerca de 160 escudos, oito horas de trabalho por dia, e, mesmo assim não há gente. Só os velhos aceitam trabalho, mas, claro, já não dão o rendimento necessário.

Os jovens fogem da terra...

Os mais jovens estudam e empregam-se em lojas e noutros sítios.

A emigração não tem afectado a região. O que mais a prejudica é a escassez de braços para o trabalho agrícola que, de ano para ano, aumenta consideràvelmente. Este ano «azeitoneiro» foi, como já os anteriores, bastante frouxo, dado que a maior parte do fruto ficou na árvore. O problema faz-se notar mais nas vinhas e nos olivais. Alguns agricultores (seguindo talvez melhor política...) têm arrancado, como última hipótese, numerosas oliveiras.

O testemunho de outro lesado:

Quis em tempos um terreno alugado para semear melão. Consegui-o por 11 contos e apenas dois hectares. Alguns proprietários preferem manter os terrenos abandonados. As dificuldades são de todos, de ricos e pobres.

A trabalhadores de certa idade, a Câmara Municipal tem dado trabalho, normalmente de limpezas. Desabafam enquanto petiscam:

Venho às vezes à taberna comer qualquer coisa. A vida está má.

Ninguém consegue viver, naturalmente, de remedeios. Nem de compaixões. Quais são as infra-estruturas económico-sociais na província do Ribatejo? Como está a ser encarada a agricultura naquela lezíria? Que resposta se dá ao abandono das vinhas e ao arrancamento das oliveiras?

Efectivamente, os mais jovens procuram outros meios de sobrevivência. «E difícil vivermos só da agricultura», dizem-nos alguns moços num café daquela vila ribatejana.

O Ribatejo está mudando de face. O campesinato transforma-se radicalmente. Os mais velhos estão assistindo a esta viragem. Para onde caminha a agricultura?

Para onde caminha a agricultura ribatejana?

"OS LUSÍADAS" EM LINGUAS ESTRANGEIRAS

A casa editora inglesa «Penguim» vai reeditar este ano, na sua colecção de clássicos, a tradução de «Os Lusíadas» do prof. Atkinson.

Também a Oxford University Press publica este ano uma edição de «Os Lusíadas», (texto português) com introdução e notas em inglês da autoria do prof. Frank Pierce, da Universidade de Sheffield.

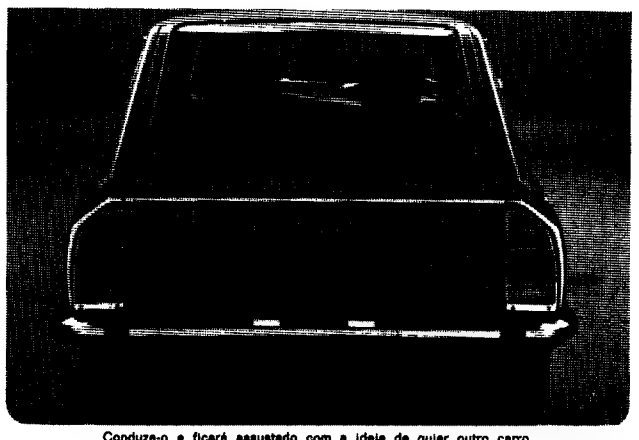
Prevê-se ainda a publicação da 1.ª tradução de «Os Lusíadas» em japonês, e de uma nova tradução do poema em italiano, e a reedição da tradução chinesa da obra de João de Barros «Os Lusíadas contados às crianças e lembrados ao povo».

Finalmente, o prof. Bertil Maler, da Universidade de Estocolmo, prepara a edição de uma tradução didáctica em sueco de passagens de «Os Lusíadas».

Ensaie o Break GS com
Raul Solnado
e ganhe viagens a
Paris, Londres e Madeira

Break GS
uma nova geração GS

A vossa escolha Berline ou Break GS.



Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro.

CITROEN GS

CENTRO DE ENSAIOS DO BREAK GS

SCAL
AGENTE CITROËN
AV. DA REPÚBLICA, 44 A
LISBOA

MELHOR SOM
MAIS LUZ
PILHAS
GATO BRANCO

MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS

Com 2-3-4 e 5 assoalhadas em zona de grande valorização

Preço: desde 380 contos

Próprio: JOAQUIM BARAONA

Avenida Valbom, 28-1.º — Telef. 282345 CASCAIS

DL

PORTO

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Amanhã, ás 10 e 30, o chefe do Estado-Maior do Exercito visita o quartel-general da Região Militar do Porto.

Após as honras, do estilo haverá recepção no salão nobre do quartel-general.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Está patente ao público, até o dia 16, no Orfeão de Matosinhos, a Exposição de Trabalhos Fotográficos «Do Mar, Pesca e Pescadores», da autoria de Gonçalves Vieira.

CASA DA ESPANHA

Tomaram posse os novos corpos gerentes da Casa da Espanha, aos quais presidem, respectivamente á assembleia geral, á direcção e ao conselho fiscal os srs. dr. Júlio Martinez Almoyna, José Estraviz Estraviz e José Prieto Perez.

OBRA DO PADRE GRILO

Abriu ao público, na Avenida D. Afonso Henriques, junto ao Jardim da Misericórdia, em Matosinhos, uma tômbola a favor da Obra do Padre Grilo que ali funcionará até 30 de Junho.

HOMENAGEM PÓSTUMA

Completaram-se ontem 25 anos sobre a morte do rev. Manuel Nunes de Campos que, durante 37 anos, foi abade da freguesia de Arcozelo, em Gaia, onde exerceu um apostolado exemplar.

Uma comissão de antigos paroquianos prestou homenagem á memória daquele sacerdote, descerrando uma placa com o seu nome numa rua de Arcozelo.

ANIVERSÁRIO

«A Voz dos Ridículos», apreciado programa humorístico da Rádio Nortenha comemora o seu 25.º aniversário. A Casa Barros, Almeida e C.ª, associando-se á efeméride prestou homenagem aos componentes do simpático grupo humorístico oferecendo-lhe um almoço, nos armazéns daquela firma, em Gaia.

PROBLEMAS DA INDÚSTRIA PORTUGUESA EM DEBATE

Reuniu-se a direcção da Associação Industrial Portuense para análise de vários assuntos de interesse associativo que começou por apreciar os termos em que se encontra o projecto do Pavilhão de Exposições Expo-Porto, e tomou conhecimento dos elementos recentemente solicitados pela Câmara Municipal do Porto, com vista ao completo esclarecimento do referido projecto.

Foram depois examinadas as respostas enviadas pelos associados aos inquéritos actualmente em curso, respeitantes, um a investimentos industriais e, outro, a análise da conjuntura industrial em 1971, tendo sido registados, com muito apreço, o interesse e a receptividade com que foram acolhidos pelos diversos sectores industriais.

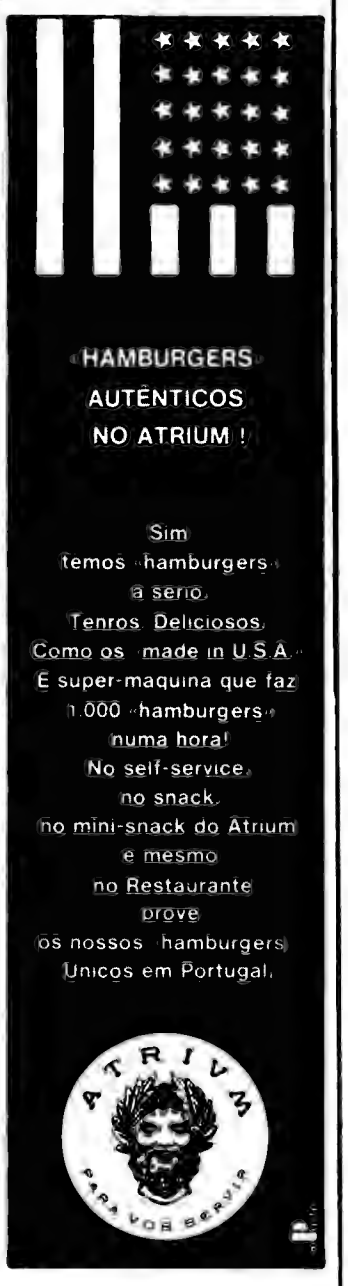
As respostas compiladas servirão de base a estudos subsequentes, de harmonia com as solicitações oportunamente dirigidas á colectividade pelo secretário de Estado do Tesouro e pelo Banco de Fomento Nacional.

Na continuação da ordem do dia, a Direcção trocou largas impressões sobre a Agenda Preliminar referente á 4.ª Conferência de Mesa Redonda, sobre problemas da indústria no espaço português, que se realizará na cidade do Porto, no próximo mês de Novembro, tendo sido fixados, em princípio os seguintes temas para apresentação das respectivas comunicações:

«Política de mão-de-obra»; «Financiamento á Indústria»; «O investimento estrangeiro na indústria nacional»; «As incidências económico-industriais de fiscalidade»; «Organização de produtores»; «Política das pequenas e médias empresas» e, «A indústria face á evolução dos movimentos de integração Europeia».

Realizando-se no próximo dia 17, pelas 21 e 30 horas, na sede da Associação, uma sessão promovida pelo Cade e por aquele organismo, foi deliberado enviar aos respectivos associados convites para assistirem á conferência, que será proferida pelo dr. José da Silva Lopes sobre «A posição de Portugal perante o Mercado Comum».

Ocorre no dia 3 do próximo mês de Maio o 123.º aniversário da Associação Industrial Portuense, pelo que foi delineado o programa comemorativo, do qual constará uma sessão solene. Uma individualidade ligada á Associação Portuguesa para a Qualidade Industrial proferirá uma conferência seguida, como habitualmente, da distribuição de prémios pecuniários a operários de empresas associadas e alunos das escolas profissionais e de estabelecimentos do ensino médio e superior mais qualificados.



PRÉDIOS VELHOS
PARA DEMOLIR
NO CENTRO DE CASCAIS

COM PROJECTOS
OU ANTEPROJECTOS APROVADOS
PARA NOVOS EDIFÍCIOS

PROPRIETÁRIO:

JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º
Telef.: 282345 — CASCAIS

Prémios Nobel de ciência virão (em Setembro) a Lisboa

Encontram-se em Portugal, até ao dia 12, os srs. Laurent Félix-Faure e dr. J.F.Kok, respectivamente secretário administrativo e tesoureiro da Fédération Internationale Pharmaceutique (FIP), a fim de estabelecerem contactos e coordenar os trabalhos da Comissão Organizadora do 32.º Congresso Internacional de Ciências Farmacêuticas, que este ano se realiza em Lisboa, de 4 a 9 de Setembro.

A **F.I.P.**, fundada em 1910, agrupa associações profissionais de farmacêuticos de todo o mundo e tem por finalidade o desenvolvimento da Farmácia no plano internacional, como profissão, e como ciência aplicada. Os congressos da FIP, que se realizam anualmente nas diversas cidades do mundo, vêm reunindo-se cada vez maior número de participantes, esperando-se que o de Lisboa venha a atingir os 3 000 congressistas, na sua maior parte cientistas de renome internacional, alguns mesmo já laureados com o Prémio Nobel.

Simultâneamente com a realização deste Congresso, reune-se em Lisboa, a 24.ª Assembleia Geral da FIP, onde se definirá a política a seguir pelos farmacêuticos, nas questões que dizem respeito à sua profissão. Assim, a par da discussão de temas de actualidade científica, farmacêuticos de todo o mundo discutirão os problemas profissionais, numa semana de confraternização universal.

Festa (com preocupações) na Shell Portuguesa

«Penso que uma empresa multinacional como a Shell terá papel importante a desempenhar na tarefa enorme de desenvolvimento económico português. Noutras épocas, já longínquas, que também foram decisivas, soube Portugal aproveitar a colaboração internacional. Não parecia lógico que se quisesse, agora, repelir essa colaboração» — afirmou o dr. João Coutinho de Lencastre, novo administrador — delegado da Shell Portuguesa no acto de distribuição de prémios de antiguidade a 104 empregados daquela empresa.

A cerimónia realizou-se no ginásio do Edifício Shell e, durante a mesma, foi prestada homenagem ao duque Pozzo di Borgo, que até há pouco exerceu as funções de administrador-delegado e agora foi chamado a novas funções dentro da companhia, em Paris.

O dr. Coutinho de Lencastre, no uso da palavra, referiu as sérias dificuldades que actualmente preocupam a indústria petrolífera, afirmando que o caminho da livre concorrência «é o caminho da energia barata — apoio importante da industrialização». A concluir, salientou que a Shell gostaria de exercer a sua actividade noutros campos, além da Distribuição e Refinação, «por exemplo a pesquisa, em que fizemos várias propostas relativas a Portugal Continental. Guiné e Angola, talvez os metais e, possivelmente, até outras diversificações»

Em nome dos funcionários da empresa premiados, agradeceu o sr. Duarte Leal. A cerimónia terminou com um beberete.

Necrologia

SUFRÁGIOS

AMÉRICO TEIXEIRA

Sua família participa que, amanhã, dia 11, pelas 12 horas, será celebrada, na igreja de N. S. Vitória, missa de sufrágio pelo primeiro aniversário do seu falecimento, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.

Dr.ª Maria Helena de Abreu Ramos Fachada Martins da Silva

MISSA DE 30.º DIA

Será celebrada, amanhã, dia 11, às 19:15 horas, na igreja paroquial de Olivais Sul, missa do 30.º dia, por sua intenção.

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência.

Um abrigo de mulheres

«Eu sinto sempre que dou pouco, muito pouco, quando não dou um pouco de mim mesma» - disse-nos a sra. Maria José Novais «alma mater» de uma obra erguida há mais de dez anos na cidade do Porto que ela conhece melhor do que ninguém, principalmente, nos locais onde há miséria e doença.

Nessa altura, numa das suas habituais «rondas» pelos hospitais assistiu a uma operação de uma rapariga de 21 anos com um cancro no estômago.

— **«Era um caso perdido. O pai da jovem não sabia o que fazer. Tinha que levar a filha para casa. Eu furiosa sem poder valer-lhe. Com uma moribunda encostada a mim a pedir-me que a não deixasse morrer, acompanhei-os de «táxi» até Barcelos. Três dias depois morria. Fiquei impressionada. Ela era linda como uma flor».**

Prosseguindo, a nossa interlocutora, adiantou: **«Foi assim que nasceu em mim a ideia de alugar uma casa para onde pudesse levar os restos que os hospitais não querem...»**

«Surgiu então um prédio devoluto na Rua de Santa Catarina, onde em tempos funcionou a Direcção de Viação do Porto. Aquilo estava uma vergonha, velha e suja. Ainda me tentou demover do propósito, o sr. Vidal. Como tive sempre grande paixão pela assistência não ia deixar fugir a oportunidade. Lancei mão á obra. Só de lixo tirei uns quarenta carros». Continuando: — **«Hoje sinto-me feliz e compensada das canseiras e aborrecimentos. A despesa é grande mas fazer bem, é fazer o bem bem feito. Os doentes, na sua resignação cristã, sentem-se felizes, são bem alimentados e o pessoal é muito carinhoso. Só sinto tristeza por saber que nenhum dos doentes tem cura, crivados de chagas e de feridas».**

VISITA AO ABRIGO DA ESPERANÇA

Depois de ouvirmos a sra. Maria José Novais, tivemos o ensejo de visitar aquela obra modesta, denominada «Abrigo de Nossa Senhora da Esperança», erguida com amor e não á força de dinheiro. Ali são recolhidas mulheres de todas as idades, casos perdidos clínicamente, «cadáveres adiados» á espera da carreta funerária.

Recebidos pelo pessoal pudemos observar o milagre da «Caridade-Mandamento-de-Deus». Limpeza, asseio, ternura, amor. Dez empregadas, incluindo uma enfermeira, assistiam no momento, vinte e quatro senhoras, a mais idosa com 94 anos e a mais nova com 38. As idades das restantes oscilam entre os 60 e 80 anos. Quatro andavam pelo seu pé, as outras vinte aguardavam com resignação, nos seus leitos, a passagem á casa mortuária. Visitámo-las a todas e ficámos impressionados. Muitas delas sorriram, falaram, agradeceram a visita. E pudemos, na circunstância, detectar casos verdadeiramente chocantes. Um deles vivido pela sra. Beatriz Gonçalves Batalha, de 77 anos, a «menina», como lhe chamam, carinhosamente, as empregadas. Em Março do ano passado foi retirada, já quase asfixiada pelos bombeiros, do meio das chamas que devoraram um prédio da Rua de Costa Cabral, onde habitava num pequeno quarto pago pela filantropia da vizinhança. Era proprietária da tipografia Tomás Batalha e Irmão, na Rua Saraiva de Carvalho. Um dia passou uma procuração a um indivíduo (já falecido) e ficou sem nada. Depois passou a viver de esmolas até ser recolhida no «Abrigo da Esperança».

Zulmira Margarida Guimarães, 62 anos, e Beatriz Gonçalves Batalha, de 77, reencontraram um pouco de calor humano no «Abrigo da Esperança»

«Eu sinto sempre que dou m

Outro relaciona-se com a sra. Zulmira Margarida Guimarães, de 62 anos, natural de Macau, que veio para Portugal com vinte anos. O pai morreu e ficou só. Doente, andou de hospital em hospital até ao momento em que a Assistência lhe bateu com a porta na cara...

Maria da Conceição Loio, de 67 anos. Está no abrigo há um. Vivia com a filha que é professora, mas que não tinha criada para olhar por ela. Como solução houve que recorrer ao seu internamento.

Outros casos se poderiam ci-

Vôos directos para a Escandinávia em "Pool" SAS-TAP

No princípio deste mês a SAS e a TAP passaram a ter carreiras diárias para a Escandinávia sevindo assim, de uma maneira mais completa, as ligaçoes com o nosso País.

A SAS passa a fazer escala em Nice nos voos da sexta e sábado e a ter um voo às quartas-feiras e a TAP passa a ter um voo aos domingos. A SAS nos voos locais parte de Lisboa de manhã, para Copenhaga, com regresso a Lisboa no mesmo dia. Portanto graças ao «pool» SAS/TAP há voos diários para a Escandinávia com excelentes ligações.

Para comemorar o acontecimento as duas companhias ofereceram ontem aos seus agentes portugueses um «Smorgasbord» (jantar volante escandinavo) no Pavilhão dos Desportos Náuticos.

FLOR ESSENCIAL

(MARIA JOSÉ NOVAIS)

Neste Porto de granito, de trânsito confuso, de polícias-passa-multas, de pregões bizarros, de meninos que «pedem» agarrados aos casacos dos transeuntes e «viajam» nos estribos dos eléctricos ou pendurados nas traseiras dos autocarros, de pessoas que se acotovelam nas ruas, dos que «vivem» sentados às mesas dos cafés, dos ociosos, dos que trabalham, dos que mendigam por necessidade, dos que vão ao cinema em tardes quentes de Verão, dos que esperam pacientes o autocarro que não chega, dos que vão aos bancos à última hora pagar letras, dos senhores importantes com motorista-abre-latas, dos que deixam cair a cinza inútil do charuto importado, — tu és a flor essencial.

Exalas o perfume da caridade. A atmosfera poluída renova-se à tua passagem.

Característicos em ti, teus vestidos pretos são bem o símbolo da renúncia.

Por isso és nesta cidade de granito, a flor essencial desse pequeno canteiro da Rua de Santa Catarina, onde todos os dias a esperança renasce nos corações dos «cadáveres adiados».

ANTÓNIO MACHADO

incuráveis

A última espera...

tar. A enfermeira, sra. D. Maria Madalena que ali presta serviço quase desde a fundação da obra, elucida-nos:

«A maior parte das doentes é preciso vesti-las, lavá-las, penteá-las, dar-lhes de comer, metê-las na cama. Está cá uma paralítica, de 38 anos (cancro na medula), há 4 anos, sem poder levantar-se. É, coitadinha, muito boa, muito paciente, pensa que ainda vai andar...»

Contínua — **«Já cá tivemos uma senhora que faz 101 anos. Era mãe de um desembargador. Aqui aparece de tudo... Felizmente, o pessoal é muito bom, tem vocação para isto, tem amor.»**

altura se encontrava a sra. Inácia Santos, natural de Valença do Minho, que conta 82 anos e «protestava» com a cozinheira por causa do tamanho das fanecas... Interrogámo-la.

«Estava na casa de Santa Zita mas lá só querem pessoas que tenham saúde... Vim para aqui em Dezembro de 71, muito doente. Era preciso meter-me a comida na boca, mudarem-me. Agora estou melhor, tratam-me bem, gostam todas de mim».

Visitámos, ainda, os quartos de uma só cama que se estendem pelo rés-do-chão e cave. Auscultámos as doentes. A «Susaninha», bem disposta, cantou-nos uma cantiga que falava de amor...

Saímos amar.fanhados do Abrigo de Nossa Senhora da Esperança, obra modesta erguida com amor por uma alma de eleição (Maria José Novais, setenta e poucas primaveras). A obra quase desconhecida do portuense apenas conta com a generosidade de alguns benfeitores e das pessoas que um dia a «descobriram» no silêncio das suas paredes de sofrimento e resignação.

Lá dentro ficou a «carne do sofrimento, o rosto da humilhação, o olhar da paciência».

ANTÓNIO MACHADO

A SUSANINHA

O prédio na Rua de Santa Catarina, 935, tem primeiro andar (ao nível da rua) rés-do-chão e cave. Nas traseiras um amplo quintal com criação de galinhas e no fundo a casa mortuária e uma porta de saída para a rua das Carvalheiras por onde saem os funerais.

No primeiro piso, há um escritório, uma capela, uma enfermaria, com seis camas, outra com quatro e quartos individuais, sanitários, farmácia e um terraço coberto. No rés-do-chão, fica a cozinha, onde na

...ito pouco, quando não dou um pouco de mim mesma» — diz a sr.ª D. Maria José Novais

Vender pintura será uma coisa monstruosa?

O problema da utilização da arte é com frequência levantado por sociólogos, críticos, pintores e particularmente pelos jovens que contestam os circuitos do consumo. Arte mecenática? arte comercializada e canalizada, através do favor dos **marchands** e dos seus mentores para uma classe média com o gosto já educado, e naturalmente com poder aquisitivo? ou — e aqui se levantam os grandes problemas no tipo de sociedade em que vivemos — arte para todos, arte pública, exposta, frequentada, conhecida, amada, não só nos museus mas nas escolas, nos cinemas, nos teatros, nos edifícios, nas praças, nas ruas?

Certos artistas, cuja produção plástica, melhor ou pior, não coincide com os padrões em voga, vêem-se afastados das galerias, a cuja selecção presidem, em geral (é inteiramente justo salientá-lo), ensaistas dos mais informados e esclarecidos que entre nós existem, com cultura teórica e museográfica e, por vezes, até com capacidade criativa, pela «leitura» enriquecedora que fazem das obras dos seus eleitos.

Ficam fora deste circuito, de qualidade ou de circunstância (e amiúde conjugando os autênticos meios plásticos e o faro da modernidade), os executantes medíocres ou apegados teimosamente a estéticas caducas. Acontece, porém, pintores ou escultores de personalidade forte e com dons originais de expressão serem também preteridos ou esquecidos, por não se integrarem, de momento, nos modismos. Então, esses artistas ou se confinam na solidão e no silêncio, com uma dignidade admirável, ou cedem (e daí lhes advém um iniludível mal-estar) à tentação de expôr em locais menos compatíveis com o seu nível e não raro até em contradição com a ideologia que no passado definiram. Tudo isso para apresentarem o seu trabalho, para conseguirem, ao menos, um contacto com o público.

Não estamos aqui para os julgar, nem ética e cìvicamente nem quanto à permanência ou efemeridade dos seus valores plásticos.

Guima (António Guimarães), pintor oriundo do neo-realismo, com avatares cubistas, profundamente ligado a temas de raíz popular, expôs recentemente uma colecção extensa de telas no Palácio Foz. Paradoxalmente, era muito viva e impressionante nesta «mostra» a pintura de testemunho social, que até poderia interpretar-se como de protesto.

Eis as perguntas que fizemos e as respostas que Guima nos deu:

— Sente a necessidade, creio, de constantes viagens pela Europa e por outros continentes para mostrar as suas obras?

— Sem dúvida. É uma obrigação do artista levar os seus trabalhos a outros povos. Além disso, dá ensejo a maior valorização do homem e do artista.

— Quando se desloca ao estrangeiro para expôr os seus trabalhos, vai por sua conta ou é subsidiado?

— Até hoje, todas as minhas iniciativas, quer para expôr os meus trabalhos quer em viagens de estudo, têm sido fruto do meu labor, o que me dá muito gosto pôr em evidência.

— Mas as entidades responsáveis pela Cultura, tais como a S.E.I.T., a Fundação Gulbenkian, etc., não costumam apoiar as iniciativas dos artistas nas suas exposições no estrangeiro?

— Parece que sim! No que me diz respeito, evito patrocínios, pois estes decerto poriam restrições, normalmente motivadas por uma série de fenómenos extra-arte. Tenho um caso que pode, mais ou menos, confirmar o que acabo de dizer: em 1964, por sugestão do saudoso mestre arq.º Carlos Ramos, propus à Fundação Gulbenkian a compra de um quadro que tem por tema um funeral e cujo título é «O ENTERRO». Acontece que a referida obra esteve «enterrada» sete anos naquela Instituição, aguardando o parecer do conselho técnico, para este decidir de sua justiça quanto à aquisição. Após este lapso de tempo e depois de uma exposição dirigida ao sr.presidente do conselho de administração, foi finalmente decidida a sorte do quadro. Não podia ser adquirido pelo facto de o tema não se ajustar ao condicionalismo e funcionalidade da utilização das espécies contemporâneas que constituem a colecção da Fundação.Parece-me bastante significativa esta atitude.

— No seu catálogo insiste em afirmar que vive sòmente da pintura. Naturalmente, para sobreviver, tem de vender os seus quadros. Como encara o facto de «vender pintura»?

— Vender pintura! Vender pintura é quanto a mim uma coisa monstruosa para o artista consciente da sua missão. A pintura não é coisa que se deva vender. A pintura é para DAR, pois que o artista ao realizá-la formou esse propósito. Pintura é uma coisa que se faz com AMOR e por esse motivo não pode estar sujeita ao mercantilismo como qualquer produto nesta sociedade de consumo que nos começa a «consumir.» Infelizmente vendo os meus trabalhos. Tem de ser, pois não tenho outra fonte de rendimentos.

— É dos meus quadros que vivo. Mas vender pintura é, quanto a mim, uma verdadeira traição à função social da ARTE. A função desta é aproximar-se o mais possível do público e para isso devem procurar-se todos os meios. A pintura não pode estar sujeita ao prazer contemplativo duns tantos, duma minoria com dinheiro ou, até, e ainda para e por essa minoria com dinheiro, como capital de investimento. No meu caso, ARTE é algo de muito transcendente que de forma alguma se deve equiparar a qualquer produto que abunda pelos supermercados. Será humano o artista realizar o seu trabalho, vendê-lo e desta forma ficar privado de o ver? Estará certo? Adiantarão alguma coisa à nossa cultura as obras que estão depositadas em cofres-fortes dos bancos? Não será isto um atentado contra a cultura e a própria Arte? Já agora, uma coisa que não percebo: andamos nós, os artistas, muito preocupados em descobertas de novas estéticas e processos técnicos para fazermos pintura do nosso tempo e não procuramos descobrir a maneira de evitar que a obra de arte seja vendida a um, em vez de ser fruída por todos.

— Mas se o artista não dispuser de outros créditos, como poderia sobreviver sem o produto da venda dos quadros?

— Estou certo de que há-de haver forma de pôr cobro a esta verdadeira prostituição em que o artista está metido. Ou será um mal irremediável do tipo da sociedade em que vivemos? Não posso nem pretendo ser eu a indicar o caminho, embora já me tenha debruçado sobre a solução...

— Que pensa da crítica de arte em Portugal? Eu, pessoalmente, tenho por ela a maior consideração, sejam quais forem os equívocos em que eventualmente possa enredar-se.

— Como é apanágio dos homens honestos dizerem o que sentem, vou dizer-lhe tudo quanto penso a esse respeito. A crítica entre nós não é livre, salvo raras e honrosas excepções. O nosso crítico, ao visitar uma exposição, não tem a preocupação de encontrar ARTE. Dentro das Artes Plásticas, sejam quais forem as propostas do artista, existem valores pictóricos. A maioria dos críticos, rotulados de membros disto ou daquilo, não tem a coragem de despir os seus conceitos e preconceitos estéticos para analisar valores noutros padrões semelhantes aos que tenazmente procura impôr.

Quanto a mim, a maioria dos nossos críticos não passa de joguetes das galerias, pois vejo-os ligados, directa ou indirectamente a elas, o que me permite julgá-los dependentes. Aqui começa a falta de dignidade profissional do crítico, dando-me uma ideia dúbia quanto à **mercadoria** que ele procura defender nas suas colunas, com reflexos de vendas nas suas Galerias. Assim aquele produto é da melhor qualidade que se fabrica, com a garantia na «ourela» pela assinatura do fabricante. Além do apontado, outro facto se me apresenta lamentável. Entre nós alguns críticos têm a preocupação de ser mentores de **grupo** e o grupo, por sua vez, como depende do crítico por várias razões (às vezes a da simples refeição que tem de comer...), deixa de **ser** para estar ao serviço do crítico, ouvindo-o atentamente sobre o que de «mais-mais» se está fazendo pelos grandes centros da renovação. Dentro deste princípio o grupo tem de rever as suas coisas e mesmo que interiormente essa renovação ainda não haja dito da sua justiça, tem de cumprir a **ordem** dada com risco de despedimento.

Este é o **crítico** panorama de alguns dos nossos «críticos».

O autor de entrevista deseja deixar aqui vincada a sua profunda discordância das opiniões do entrevistado sobre a crítica. Quis, não obstante, dar-lhe o direito de se exprimir.

GUIMA

«O enterro», óleo de Guima, 1964

Entrevista por
URBANO TAVARES RODRIGUES

O mundo

HUMPHREY FAVORITO

PRINCETOWN, 10 (F.P) — O senador Hubert Humphrey é o favorito dos democráticos para a investidura do seu partido com vista as eleições presidenciais de Novembro, segundo uma sondagem Gallup realizada antes das eleições primárias do Wisconsin na terça-feira passada.

O antigo vice-presidente obteve 31 por cento dos votos, seguido de Edmund Muskie com 22 por cento e de George Wallace, governador do Estado de Alabama, com 17 por cento.

JOHNSON MELHORA

CHARLOTTESVILLE (VIRGÍNIA), 10 (ANI) — Melhora o estado de saúde do antigo presidente Lyndon Johnson — confirmou esta madrugada o seu médico assistente, o dr. Willis Hurst, numa conferência de Imprensa efectuada para anunciar ao país como é que se encontra Johnson, há dias vítima de um ligeiro ataque cardíaco.

GRANDE NEGÓCIO

NOVA YORK, 10 (ANI) — O seguro individual de saúde tornou-se num grande negócio desde que os norte-americanos foram induzidos a protegerem-se do acaso de uma doença ou de um acidente grave, ou mesmo de um colapso financeiro.

Assustados com o encargo da hospitalização (cem dólares por dia — 2.720 escudos) e mais ainda com as contas dos médicos, a fazerem lembrar as dívidas de guerra, uns 187 milhões de pessoas recorreram às várias modalidades do seguro individual de saúde.

Estas pessoas receberam o ano passado uns 18,5 biliões de dólares de benefícios — afirma o Health Insurance Institute, que tem a seu cargo 80 por cento dos seguros deste tipo nos aestados Unidos.

O VIETNAME ANUNCIA:

Mortos 2.500 soldados do Vietname do Sul

HONG-KONG, 10 — (R) — O Vietcong afirmou que matou 2 500 soldados sul-vietnamitas e que aprisionou cerca de mil outros, juntamente com vários conselheiros americanos, nos três dias de luta na província de Binh Long, ao norte de Saigão.

A agência noticiosa do Vietname do Norte anunciou hoje que entre 5 e 7 de Abril, o Vietcong desencadeara ataques coordenados e repetidos contra algumas importantes posições defensivas governamentais ao longo da estrada n.º 13. Os ataques espalharam-se por uma área de 100 quilómetros.

A agência noticiosa não revelou o número exacto de tanques americanos que afirmou terem sido capturados.

Disse, porém, que os comunistas destruiram ou capturaram 400 veículos militares, incluindo cerca de 25 tanques e carros blindados, destruiram ou apreenderam 25 canhões pesados, abateram 10 aviões e apoderaram-se de grande quantidade de armas e de abastecimentos de guerra.

Os atacantes «liquidaram» um acampamento — base de divisão, dois acampamentos — bases de brigada, um sub-sector militar, dois acampamentos de comando e 26 postos defensivos de forças regionais — continuou a notícia de Hanói.

A notícia dizia ainda que «administração revolucionária» tinha sido estabelecida em 26 aldeias estratégicas em Loc Minh e em 10 aldeias à volta da capital provincial de Binh Long.

A tomada de Loc Ninh, uma cidade de plantações de borracha perto da fronteira cambojana, foi confirmada por notícias de Saigão.

Elementos da força comunista, que se afirmou atingir os efectivos de 2 regimentos norte-vietnamitas, avançaram 19 quilómetros para atacarem a capital provincial de An Loc, a 90 quilómetros ao norte de Saigão, durante o dia de ontem.

O Vietname do Norte mantem que nenhuma das suas tropas está a operar no sul e afirma que toda a luta tem sido feita pelo Vietcong.

Segundo a conta de Hanói, o total de aviões americanos abatidos sobre o Vietname do Norte é agora de 3 465.

Saigão acusa Hanoi de querer dominar toda a Indochina

SAIGÃO, 10 (R.) — O Vietnan do Sul formulou a acusação de que a ofensiva do Vietnan do Norte através da zona desmilitarizada demonstra que Hanói «está definitivamente disposta ao emprego da força para procurar uma vitória militar para o domínio de toda a Indochina».

A acusação estava contida numa nota enviada à Grã-Bretanha e União Soviética, co-presidentes da Conferência de Genebra sobre a Indochina de 1954. O texto da nota foi divulgado hoje nesta capital.

O documento estava datado de 6 de Abril — o dia em que foi entregue ao embaixador britânico em Saigão, com o pedido de que fosse transmitido à União Soviética, com a qual o Vietnan do Norte não tem relações diplomáticas.

Fontes britânicas bem informadas disseram em Londres que o embaixador soviético nessa capital, Mikhail Smirnovsky, se recusara a aceitar a nota do funcionário do Foreign Office, «sir» Denis Greenhill, quando se encontraram na sexta-feira passada.

A nota do ministro dos Negócios Estrangeiros do Vietnan do Sul, Tran Van Lam, descrevia os ataques norte-vietnamitas, que começaram em 29 de Março, como «agressão descarada».

A nota sul-vietnamita não pedia aos co-presidentes da Conferência de Genebra para tomarem qualquer acção nesta altura.

COMEÇOU A DECISIVA BATALHA DE AN LOC

Continuação da Pag 1

ta divisão governamental que defende a cidade, elevar-se-iam a uns 20 mil homens. Encontram-se já em Chin Thanh, a 70 km ao norte de Saigão, na estrada nr. 13, que está cortada mais ao norte pelos guerrilheiros.

As divisões comunistas empenhadas neste sector são a 5.ª (FNL), a 9.ª (FNL), a «Divisão de Libertação Binh Long» (formada no local) e agora a 7.ª (norte vietnamita) cujos elementos vêm da província próxima de Tay Ninh.

Os regimentos de artilharia que as apoiam estariam equipados com canhões soviéticos de longo alcance.

Na província de Tay Ninh, 90 km a noroeste de Saigão, a 25.ª divisão governamental evacuou todas as suas posições ao longo da fronteira cambojana, nomeadamente a de Katum e a base de reabastecimento de Thien Ngon, para formar uma nova linha de defesa a volta da cidade de Tay Ninh num raio de 18 km.

Os elementos da 7.ª divisão norte vietnamita que se infiltraram pelo norte e pelo ocidente de Tay Ninh ameaçam directamente a estrada nacional 22, enquanto outras se dirigem também para An Loc, afirmam fontes militares.

TERRORISMO — Após atentados á bomba em Seul, capital da Coreia do Sul, a polícia prendeu Kim Kwang-Suk, de 19 anos. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Assaltante aéreo copia o caso de sexta-feira

SAN DIEGO (Califórnia), 10 (R.) — Agentes do FBI capturaram esta noite um homem que se apoderara de um Boeing 727 da Pacific Southwest Airlines, exigindo 500 mil dólares e quatro paraquedas — numa cópia a papel químico de um outro assalto efectuado na passada sexta-feira a um avião United.

Funcionários da Pacific disseram que o assalto se verificou depois de o avião ter descolado de Oakland com 85 pessoas a bordo. Conhecidas as exigências do assaltante, o avião aterrou em San Diego. Hora e meia depois, os passageiros eram autorizados a deixar o avião, mas sete tripulantes ficaram a bordo.

Durante as negociações que se seguiram, agentes do FBI conseguiram dominar o homem.

O assaltante disse ao comandante do avião que tinha uma granada de mão, mas ninguém a conseguiu ver.

Quando a companhia lhe fez ver que era impossível arranjar o dinheiro de noite, o homem declarou então que queria seguir para Miami. Disseram-lhe para vir buscar o plano à rectaguarda do avião e, nessa altura, agentes do FBI dominaram-no e levaram-no.

Ontem, um homem tinha sido formalmente acusado, em Salt Lake City, de ser o autor do assalto, em tudo semelhante, de sexta-feira passada, contra um avião da United.

O assalto desta noite foi o oitavo em que os piratas do ar utilizaram, ou pediram, paraquedas. O Boeing 727 tem uma porta na parte inferior da rectaguarda e é um dos poucos aviões de passageiros de onde se pode saltar em paraquedas.

Comércio desgostante

«Foram encontradas, perto de uma linha de caminho de ferro, 68 peles de cães, o que indica existir na Inglaterra quem se dedique ao abate dos animais para aproveitar a sua pele» — declarou um informador da Sociedade Protectora dos Animais de Inglaterra.

As peles foram encontradas em Fevereiro, entre Coventery e Rugby, na linha Manchester-Londres.

A divulgação do incidente deu-se depois de a Imprensa inglesa ter dado realce aos planos de um negociante sul-africano de criar e matar cães para aproveitar a sua pele.

Gerald Calver, presidente do ramo de Rugby da sociedade, declarou:

«Julgamos que estes cães foram perseguidos e mortos para este desgostante comércio de peles de animais. Estamos convencidos de que pessoas residentes a norte de Londres estão a matar os cães, enviando as peles secretamente para a capital, onde são usadas nas golas e nos punhos dos casacos».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Francisco Lopes, «Loja do Povo», Rua Sacadura Cabral MERCEANA-Alenquer

Começa hoje a contagem para o lançamento da Apolo 16

CAPE KENNEDY (FLORIDA), 10 — (ANI) — Começa hoje, às 8 horas e 30 (15 horas e 30 em Lisboa), a contagem final para o lançamento da Apolo 16, previsto para as 12 e 54 (19 e 54 horas em Lisboa) do próximo domingo.

A uma semana do lançamento, os três astronautas - John Young, Thomas Mattingly e Charles Duke - aproveitaram o dia de ontem para descansarem dos treinos e passaram a maior parte do dia nas instalações da base. O céu nublado e o vento forte impediram-nos de irem até às praias da área.

Os três astronautas passaram em revista os planos de voo, e Duke fez um voo num jacto T 38 com Fred Hase, o comandante suplente da missão. E habitual os astronautas fazerem voos deste género antes das viagens espaciais.

As mulheres de Young e Duke estiveram na base para visitarem os maridos, mas Elisabeth Mattingly passou o dia em casa, em Houston. O casal espera o seu primeiro filho no fim desta Primavera.

A contagem inclui 104 horas e 30 minutos de preparativos para o lançamento. Estão previstas 43 e 54 minutos de descanso para as tripulações de Terra, de forma a descansarem e procederem a qualquer tarefa necessária.

Se a Apolo 16 não for lançada às 16 e 43 (22 e 43 em Lisboa) os astronautas terão de aguardar um mês. Até se verificarem as condições de luz solar necessárias no local de alunagem, um planalto a norte da cratera Descartes, nas Montanhas centrais da Lua.

«Se não tivéssemos um tempo tão restrito para o lançamento e pudéssemos ir fazendo as coisas dia a dia não estaríamos tão preocupados com os atrasos» - declarou o director do lançamento, Walter Kapryan, acrescentando que tudo está preparado para o início da contagem.

«Neste lançamento só temos um dia, por isso fazemos todas as deligências para garantir, tanto quanto se pode garantir numa coisa destas, que o lançamento será feito na altura exacta». Afirmou ainda.

Os preparativos para a missão Apolo 16 começaram o Verão passado. Depois de uma longa série de testes individuais, os três módulos foram montados no foguetão Saturno 5 e transportados para a rampa de lançamento, em Dezembro.

Um tanque de combustível da nave de comando - Casper - ficou danificado durante um teste em Janeiro e toda a máquina espacial voltou para a linha de montagem, a fim de ser reparada. O engenho voltou a ser colocado na rampa de lançamento a 9 de Fevereiro e desde aí os preparativos têm corrido bem.

ATINGIDO — Uma fortaleza voadora B-52, atingida durante um «raid» sobre a zona setentrional do Vietname do Sul, depois de ter feito uma aterragem de emergência na base de Da Nang. (Telefoto UPI - Telimprensa - DL)

Bombardeiros gigantes B-52 atacam o Vietname do Norte

SAIGÃO, 10 (R.) — Os Estados Unidos revelaram hoje que B-52, os seus gigantescos bombardeiros de oito turbo-propulsores, estavam agora, pela primeira vez, a atacar o Vietname do Norte, dando um novo poder às centenas de caças bombardeiros que estão agora a ser usados para suster a grande ofensiva das forças de Hanói no sul...

A informática de que os B-52 stiveram em acção sobre o Vietname do Norte foi dada pelo comando americano , nrnesta capital, quando forças tttergestres norte-vietnamitas 2vançavam para os arrabaldes da importante cidade de Quang Tri, 30 km. a sul da zona desmilitarizada e ameaçavam uma ponte vital.

Forças norte-vietnamitas prosseguiam, também,,, còma sua ofensiva em várias outras frentes do Vietname do Sul, especialmente à volta da capital provincial de An Loc, apenas 70 km. ao norte de Saigão.

Os B-52 efectuaram cinco ataques entre o fim da tarde de ontem e esta manhã contra, segundo se calculou, 20.000 soldados norte-vietnamitas, que cercam a cidade.

O comando americano, ao anunciar o emprego dos B-52 no Vietname do Norte, comunicou: «Em resposta à invasão comunista através a zona desmilitarizada, operações aéreas e navais americanas continuam ao sul e a norte desta zona. Essas operações incluem bombardeamentos navais, ataques aéreos táticos e missões dos B-52 em toda a área».

Os B-52 juntam-se a cerca de 530 caça-bombardeiros na Tailândia, Vietname do Sul e dos porta-aviões no Golfo de Tonquim empenhados na grande represália americana contra a ofensiva norte-vietnamita, desencadeada em 30 de Março através da zona desmilitarizada.

30 TONELADAS DE BOMBAS

Calcula-se que o número dos B-52 seja de 75. Cada um desses bombardeiros que se encontra no teatro de guerra da Indochina é capaz de lançar 30 toneladas de bombas.

Contudo, os bombardeiros, que atingem uma velocidade de 1.040 km. por hora e são conhecidos como «Stratofortresses», nunca tinham sido antes enviados em missões contra o Vietname do Norte principalmente devido à sua vulnerabilidade aos mísseis terra-ar empregados pela sofisticada DCA norte-vietnamita.

Ontem, um B-52 regressou à base aérea de Da Nang com os estilhaços de míssel na fuselagem.

AVIÕES ABATIDOS

Rádio Hanói, que na semana passada afirmou ter abatido dois B-52, anunciou hoje que um terceiro bombardeiro tinha sido derrubado no domingo no distrito de Vinh Linh, na metade de norte da zona setentrional.

A rádio disse uma emissão captada em Saigão: «As forças armadas do povo de Vinh Linh abateram o B-52 quando bombardeava áreas habitadas».

Rádio Hanói comunicou mais tarde que dois jactos navais americanos tinham sido abatidos hoje sobre o Vietname do Norte.

O correspondente da Reuter, Peter Sharrock, comunicando da cidade de Quang Tri, na frente de combate a sul da zona desmilitarizada, afirmou que a ponte atacada esta manhã pelos vietnamitas é aquela por onde seguem reforços e abastecimentos para o norte, destinado à frente do rio Cua Viet.

NA COSTA CENTRAL

Um comunicado de Saigão anunciava esta manhã o recrudescimento da actividade na província de Binh Dinh, há muito considerado como baluarte do Vietcong na costa central.

Duas posições governamentais foram atacadas por fogo combinado de morteiros, foguetões e de canhões sem recuo e um posto avançado regional, o de Hoi An, foi, também bombardeado, morrendo dez soldados sul-vietnamitas e ficando feridos mais dez.

Fontes americanas em Saigão especulavam que um objectivo possível da ofensiva norte-vietnamita poderia ser ligar as forças do Vietcong na área de Binh Dinh, na costa central, a efectivos norte-vietnamitas, calculados em três divisões, que poderiam avançar vindos das montanhas do oeste central.

No delta do Mekong, a sul de Saigão, o Vietcong desencadeou ataques isolados de artilharia e de sapadores contra forças governamentais locais.

Dien Bien Phu psicológico

NUNO VIEIRA

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

A ofensiva das forças contrárias ao regime de Saigão começou finalmente no Vietname do Sul, após dois meses de expectativa, e a luta estendeu-se ràpidamente a todo o território. O ataque geral, o mais violento desde a histórica ofensiva do Tet, em 1968, a qual liquidou as esperanças de reeleição do presidente democrático Lyndon Johnson, tem a assinatura do mesmo homem que derrotou os franceses em Dien Bien Phu, cuja queda pôs termo à primeira guerra da Indochina: o general Vo Nguyen Giap. Mas, desta vez, um Dien Bien Phu poderá ser mais psicológico do que militar, pois o principal adversário da Frente Nacional de Libertação do Vietname do Sul e da República Democrática do Vietname (Vietname do Norte) — os Estados Unidos da América — começou a retirar muito antes da nova ofensiva, incapaz de obter a vitória nos campos de batalha.

Assim, o presidente Richard Nixon, sucessor de Johnson, reduziu já os efectivos americanos no Vietname de mais de meio milhão de homens para menos de cem mil. E a evacuação continua, passando a arma aérea a desempenhar o papel essencial no apoio ao governo de Saigão e ao general-presidente Nguyen Van Thieu, para os quais a nova ofensiva fez soar a hora da verdade, pois põe à prova definitivamente a «vietnamização» ou substituição dos combatentes americanos em terra por soldados sul-vietnamitas.

Aliás, a «vietnamização» é ainda a expressão local da Doutrina Nixon, que reconhece a verdade há muito repetida mas pouco escutada, de que o empenhamento nas guerras do continente asiático é extremamente perigoso para os EUA. Desde os tempos de Johnson, havia quem recomendasse na América do Norte o recuo para bases mais seguras no Pacífico, abandonando-se as posições vulneráveis no continente. O beco sem saída coreano, é, a seguir, o malogro da escalada bélica de Johnson na Indochina constituíram provas suficientes. Além disso, para ser reeleito, Nixon tinha de ceder perante a opinião pública e retirar.

No entanto, o que está a acontecer, não obstante a esperançosa viagem do presidente a Pequim, pode perturbar as perspectivas eleitorais deste ano. E se o regime de Saigão não sobreviver, a sensação provocada pelo revés da política americana será muito maior. As consequências na Asia são, por outro lado, fáceis de calcular. Daí a rapidez com que o jornalista Jack Anderson aventurou a hipótese de Nixon usar armas atómicas no Vietname, como último recurso.

Giap, numa proclamação às forças empenhadas na ofensiva, foi bem claro ao falar da «missão sagrada de libertar o Vietname do Sul, proteger o Norte e reunificar o país.» E, perante a situação nos territórios vizinhos do Camboja e do Laos, não restarão muitas dúvidas de que a reunificação poderá abranger toda a Indochina.

DERROTAMOS O GENERAL GIAP" -afirma general Xuan Lam

DA NANG, 10 — O comandante das Forças sul-vietnamitas na frente setentrional afirmou hoje que o Vietnam do Norte travara a sua última batalha na grande ofensiva a sul da zona desmilitarizada.

O general Hoang Xuan Lam, comandante da região militar setentrional, disse que mil soldados comunistas tinham sido mortos e destruídos 47 dos seus tanques na grande batalha travada ontem.

Derrotámos o general Giap» — declarou o general Lam.

O ministro da Defesa do Vietnam do Norte, general Vo Nguyen Giap, o perito em guerras de guerrilhas, foi declarado vencedor de Dien Bien Phu, a batalha que se travou no noroeste do Vietnam em 1954 e que conduziu à derrota final da França na Indochina.

«Esta foi a última grande batalha. Os comunistas continuarão a tentar, mas nós dominamos agora» — disse o general Lam a Michael Fathers, correspondente da Reuter.

«Haverá mais batalhas, mas nenhuma como esta».

O general Lam prosseguiu afirmando que as suas forças encontraram os cadáveres de mais de mil norte-vietnamitas, mortos na batalha de ontem a oeste de Quang Tri, o alvo principal da ofensiva de 11 dias dos comunistas.

Alguns dos tanques norte-vietnamitas capturados estavam prestes a ser expostos em Quang Tri, Hué e Da Nang.

Fontes americanas julgam que a luta de ontem, incluindo um grande ataque por terra contra o acampamento-base de Padro, a sudoeste de Quang Tri, 30 km., a sul da zona desmilitarizada, trouxe vitórias importantes para os sul-vietnamitas.

Essas vitórias seguiram-se às suas perdas anteriores, no início da ofensiva comunista, quando as defesas da primeira linha, a sul da zona, se desfizeram perante o avanço dos comunistas.

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

EMPREITADA DE «ALARGAMENTO DA PASSAGEM SUPERIOR AO NORTE DA AV. AFONSO DE ALBUQUERQUE, EM ALHANDRA»

ANÚNCIO

Faz-se saber que, de harmonia com a deliberação camarária de 27/3/72, se encontra aberto concurso público para a empreitada em epígrafe, sendo de 30 dias o prazo para apresentação das propostas. Este prazo será contado a partir do dia seguinte ao da publicação do presente anúncio no «Diário do Governo». No caso de o último dia cair num sábado o termo do prazo passa para o primeiro dia útil seguinte.

O acto público do concurso realizar-se-á na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pelas 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, ou pelas 10 horas se esse dia for sábado.

PREÇO BASE DO CONCURSO	420 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA	10 500$00

A caução definitiva será de 5 % do valor global da adjudicação.
Alvará(s) Categoria 3.ª; Subcategoria 2.ª; Classe 1.ª.

A caução provisória é prestada mediante depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, à ordem desta Câmara Municipal, por guia preenchida pelos concorrentes, de harmonia com o modelo anexo ao programa do concurso, ou mediante títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou, ainda por garantia bancária.

O programa de concurso, caderno de encargos e projecto estarão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secção de Obras da Câmara Municipal.

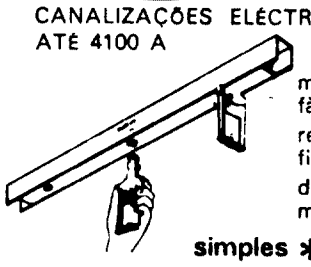
As propostas deverão ser enviadas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou, entregues directamente na Secretaria da Câmara Municipal, contra recibo.

Vila Franca de Xira, 5 de Abril de 1972.

O Presidente da Câmara
Fcbo Vargas de Matos (Ten. Cor. Pil Av.)

TRISTANA
amor perverso
FERNANDO REY·FRANCO NERO
BREVEMENTE GRUPO D·18 anos

canalis
CANALIZAÇÕES ELÉCTRICAS PRÉ-FABRICADAS ATÉ 4100 A



montam-se e desmontam-se fàcilmente
recuperação total mesmo no fim de muitos anos de serviço
derivações instantâneas, mesmo sob tensão
simples * seguras * económicas
Telemec
R. D. ESTEFÂNIA, 92-A T. 560469 51486
AV BOAVISTA, 301/9 T. 66058 — PORTO

O tratado Moscovo-Bagdad é semelhante ao do Cairo

BEIRUTE, 10 — (ANI) — A conclusão de um tratado de amizade entre Moscovo e Bagdad, que foi assinado ontem e é válido por 15 anos, integra-se na política da U.R.S.S., que visa alargar a sua presença no Médio-Oriente — é esta a opinião de círculos políticos.

Através desta aliança com o Iraque, a U.R.S.S. conseguiu:

— Assegurar a sua posição no Golfo Pérsico, simultâneamente rico em petróleo e um ponto estratégico.

— Fortalecer de um modo efectivo os seus laços com o bloco árabe como um todo.

— Diversificar os seus interesses fora do Egipto.

Leonidas Brejnev, o primeiro secretário do Partido Comunista Soviético, declarou recentemente que «as relações entre a U.R.S.S. e os árabes se tornaram mais profundas e mais compreensivas do que nunca».

Em Maio do ano passado, os dirigentes soviéticos assinaram também um pacto com o Egipto, válido igualmente por 15 anos. Este tratado com o Iraque é muito semelhante.

Os dirigentes árabes crêm que o Kremlin vai tentar agora assinar um acordo do mesmo género com a Síria.

O tratado prevê auxílio militar soviético ao Iraque, consultas imediatas sempre que surgir qualquer ameaça à paz, crescente cooperação económica, particularmente na exploração do petróleo, e alinhamento das políticas externas. Cada um dos lados garante que não entrará em alianças que desagradem ao outro, nem permitirá que o seu território sirva para objectivos que possam prejudicar o outro.

O tratado sublinha a existência de uma «amizade permanente e indestrutível» entre os Governos de Moscovo e de Bagdad.

PRECAUÇÕES...

Durante vários anos, a U.R.S.S. favoreceu o Egipto mais do que qualquer outro país árabe. Mas têm surgido tensões, provocadas pelo modo como o presidente trata os seus colegas orientados por Moscovo e, ainda, pelas divergências de opinião quanto ao conflito israelo-árabe.

Parece que os soviéticos decidiram jogar com um pau de dois bicos e estabelecer laços fortes fora do Egipto, no receio de que, com o tempo, possa surgir qualquer litígio grave com o Cairo.

O interesse de Moscovo em fomentar um bloco árabe fortemente aliado e não um simples país, fez com que os seus dirigentes acahssem necessário elevar o nível de relações com o Iraque.

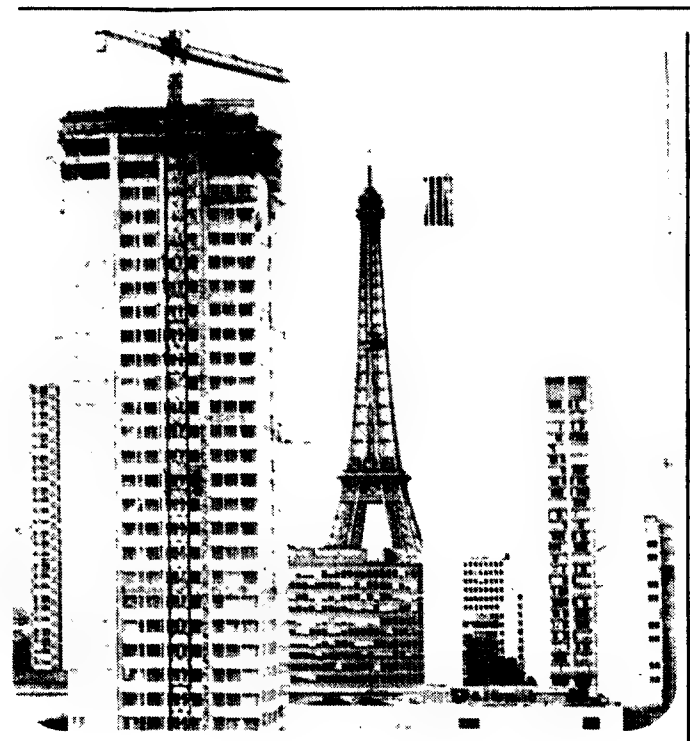
Segundo círculos diplomáticos ocidentais, esta necessidade tornou-se mais premente em face das novas relações entre Washington e Pequim e da possibilidade de os chineses virem a fazer alianças nesta região.

Através deste pacto com o Iraque, a U.R.S.S. introduziu-se na indústria árabe do petróleo e alargou a sua influência ao Golfo Pérsico.

A aliança com o Egipto já tinha permitido aos soviéticos o acesso ao Mediterrâneo.

Digno de salientar é o facto de a visita de Kossyguine ao Iraque ter sido marcada pelo aparecimento do unidades navais da U.R.S.S. em pontos do Golfo do Iraque.

ALIANÇA — Alexei Kossiguine, chefe do governo soviético (á direita), percorrendo Bagdad na companhia do vice-presidente do Conselho da Revolução iraquiano, Sidam Hussein Takriti (centro), durante a sua visita de cinco dias ao Iraque. Ponto importante da visita: a assinatura de um tratado de aliança entre os dois países, semelhante ao já existente entre Moscovo e o Cairo. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



PARIS MUDA — Arranha-céus parecem amesquinhar (devido à perspectiva) a Torre Eiffel, na capital francesa, cuja fisionomia vai mudando com as novas construções (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Volta ao mundo do Concorde

LONDRES, 10 (F. P.) — O Daily Express» divulga hoje o programa da volta ao mundo a efectuar pelo prototipo britânico do Concorde, que deve deixar a Inglaterra em 2 de Junho próximo. A meta final é a Nova Zelândia.

Segundo o jornal, que foi sempre um defensor ardente do avião supersónico franco-britânico, a viagem do Concorde durará três semanas, fazendo 40 mil quilómetros em 70 horas de vôo.

O avião levará provávelmente a bordo, pelo menos durante uma parte da viagem, o lorde do Selo Privado, lorde Jellicoe, indica o «Daily Express», que exorta o primeiro-ministro, Edward Heath, a participar no voo, que prevê triunfal.

Os dois pilotos de ensaio do Concorde inglês, Brian Trubshaw e Joyn Cochrane, vão revezar-se aos comandos do aparelho. O protótipo será acompanhado no voo por dois aviões — dois carregueiros gigantes VC 10 — da RAF, onde irão 70 técnicos e engenheiros, bem como Geoffrey Knight e John Derek, directores comerciais da British Aircraft Corporation, a empresa que fabricou o Concorde britânico.

As escalas do voo serão dez: Atenas, Teerão, Bahrein, Bombaim, Bangkok (escala de reabastecimento), Singapura (10 de Junho), Tóquio (se fôr possível, pois os aviões supersónicos estão proibidos de sobrevoar o Japão), Darwin (Austrália), Sydney e Auckland (Nova Zelândia).

Um espião fatigado: "Do que eu mais preciso é do conforto familiar"

VARSOVIA, 9 — (FP) — Leopold Trepper, antigo chefe da rede de espionagem «Orquestra Vermelha», o qual as autoridades de Varsóvia não autorizaram a deixar a Polónia por «razões de Estado», declarou ontem «saber que essas razões de Estado existem».

«No entanto, devo fazer notar que as minhas aventuras datam de há 13 anos e que a «Orquestra Vermelha» já não tem segredos. Nem a política nem a ideologia estão em causa.

A minha partida da Polónia tem apenas como objectivo: juntar-me aos meus filhos».

O antigo chefe da «Orquestra Vermelha» indicou ainda que não tinha motivos para se queixar das autoridades de Varsóvia, que decidiram recentemente elevar substancialmente a sua pensão de reforma», em consideração pelos serviços prestados».

Trepper protestou contra a polícia francesa, que pretende que ele teve «actividades dirigidas contra a França» e que recusou o visto de entrada a sua mulher. Era «uma injustiça incrível» e, se estivesse em França, apresentaria queixa aos tribunais.

O facto da sua mulher, Luba, ter querido ir para Paris era porque essa cidade era o ponto mais indicado para se encontrar com os filhos que residem, respectivamente, em Israel, na Dinamarca e no Canadá.

«Estou velho e gasto», concluiu. «A minha saude está arruinada. Do que eu mais preciso é do conforto familiar.

Assim, a minha mulher e eu temos necessidade de ver os nossos filhos».

Auxílio económico inglês para o Ulster

LONDRES, 10 (F. P.) Foi anunciada, ontem à noite, a primeira ajuda económica do Governo britânico ao Ulster, desde que assumiu a administração directa daquela província.

A White Hall decidiu, com efeito, conceder-lhe um crédito de 13 a 15 milhões de libras esterlinas (mais de 910 mil contos) para financiar um programa de ampliação dos estaleiros navais Harland and Wolff, de Belfast.

Apesar duma ajuda governamental de 22 milhões de libras, estes estaleiros tiveram, o ano passado, um prejuízo da ordem dos 16 milhões de libras.

No princípio deste ano, a empresa iniciara negociações com o Governo da Irlanda do Norte para a concessão duma ajuda suplementar. No entanto, com a transferência de administração do Ulsters 30 de Março, a concessão dessa ajuda é agora fornecida pelo Ministério de Comércio e da Indústria.

Brevemente o secretário de estado para a Irlanda do Norte, Witelaw, dará mais promenores sobre a ajuda financeira agora anunciada.

O IRA CONTRA A DROGA

Entretanto em Belfast, o IRA puniu ontem mais uma mulher irlandesa. Aparecendo súbitamente em casa dela quando preparava o almoço, três jovens elementos do IRA raparam-lhe a cabeça, pintando-a em seguida de vermelho. Antes de se porem em fuga, ataram a vítima a um candeeiro, em plena rua.

Trata-se de Phylomena Mc-Gurkin, de 24 anos, mãe de três filhos e grávida de cinco meses.

O Exército Republicano Irlandês afirma que ela se «dogava».

S. R.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL, EXPEDIENTE E CONTABILIDADE

CONCURSO PÚBLICO N.º 5/72

PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «EXECUÇÃO DA AMPLIAÇÃO DA PLATAFORMA DO AEROPORTO DE FARO

Depósito provisório: 100 250$00.
Prazo de apresentação das propostas: 30 dias.
Alvarás exigidos aos concorrentes:
4.ª Subcategoria da IV Categoria e Classe correspondente ao valor da proposta.
Locais de consulta do processo:
Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa;
Direcção do Serviço de Obras: Edifício 40 do Arruamento B do Aeroporto de Lisboa e Aeroporto de Faro — Secretaria.
Local do acto público do concurso:
Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 7 de Abril de 1972.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 60/72

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à *«Empreitada n.º 522/72 GTH — Construção de casas na Zona 1 de Chelas — Lotes 103, 104, 106 a 108 — V Plano de distribuição de Terrenos — 160 fogos da categoria IV, para a Federação de Caixas de Previdência»*, com base de licitação de 61 000 000$00. (Processo n.º 29 / 72 / CP / / DSTE).

O depósito provisório é de 1 550 000$00 e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea *a*) do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se pàtente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal» n.º 11 142, de 5/4/972.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os propònentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras públicas na 1.ª ou 3.ª Subcategoria da I Categoria e da classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 16 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 5 de Abril de 1972.

O Presidente,
Fernando Augusto Santos e Castro

FEIRA DE SEVILHA

PARTIDA: **21 de Abril** (4 dias)

Estadia no **HOTEL LUZ SEVILHA (LUXO)**

PEÇA-NOS O PROGRAMA DETALHADO

AGÊNCIA ABREU

Lisboa — Avenida da Liberdade, 160 — Telf: 320021
Porto — Avenida dos Aliados, 207 — Telf: 37921
Coimbra — Rua da Sota, 2 — Telf: 27011

ESPIRAL
já estamos onde começa o futuro
Já estamos na SETENAVE
Estaleiro naval
que virá a ser um dos maiores do Mundo.
A primeira encomenda
de equipamento industrial SETENAVE
foi para nós
— 4 compressores de ar Atlas Copco, tipo ZR6,
de parafuso rotativo,
com a capacidade total de 400 m3/min.
Sentimos orgulho
da nossa posição de vanguarda.
Sentimos orgulho da preferência
que continuamos a merecer.
Atlas Copco

A "SENHORA" ERA ASSALTANTE

Com boas falas se levam os incautos e quando chega a altura «ó da guarda que me roubam», mas já não há nada a fazer senão ir à Polícia contar a história.

Tudo se torna mais fácil, sempre que no meio dum plano escuro surge um rosto de mulher.

Estava o sr. Evaristo Martins Ferreira, de 38 anos, operário

e residente no Laranjeiro, a tomar o seu café depois do jantar de ontem à noite, no «Canecão», em Cacilhas, quando se acercaram da mesa em que ele, refastelado, sorvia a «bica», três indivíduos e uma «senhora». Nem os indivíduos tinham letreiro de gatunos, nem a «senhora», dengosa e de falas canoras, podia ser tomada como uma qualquer desavergonhada.

— O senhor — pergunta a dama com um sorriso mavioso — por acaso sabe qual o melhor caminho para nos dirigirmos à Fonte da Telha?

De maneira nenhuma o sr. Evaristo pensou em coisas ruins, demais a mais diante de uns olhos bonitos e «ingénuos» como eram os da «senhora». E com palavras sonoras e gestos largos de homem franco, o sr. Evaristo tentou indicar, desde ali, da mesa do «Canecão», o caminho que haveria de levar a referida **dama** e os seus três companheiros, até à desejada Fonte da Telha.

Mas... ou a explicação do sr. Evaristo não foi bem clara ou os seus interlocutores tinham já forjado outras ideias, que logo o convidaram a acompanhá-los, «pois assim indicar-lhes-ia melhor o caminho», o que eles «agradeciam muito». E o sr. Evaristo caiu na esparrela. Como qualquer de nós, afinal, visto que a boa-vontade também nos prega partidas.

Ao atingirem a Mata do Rei, noite adentro, a dama perdeu o sorriso, os seus três companheiros viraram-se para o sr. Evaristo e «a bolsa ou a vida». Viu então que o tinham levado ao engano, mas era tarde. Como forcejasse para se libertar das gadanhas inimigas, os três indivíduos agrediram-no barbaramente, deixando-o sem sentidos. Ao voltar a si, em plena madrugada, verificou, com lágrimas de raiva nos olhos doridos, que lhe haviam roubado tudo quanto de valor possuía: relógio, anel, pulseira e aliança de ouro e algum dinheiro.

Pôs-se a caminhar ao acaso e o acaso dirigiu-o para o posto da Guarda Fiscal da Fonte da Telha, onde o recolheram, trataram e ouviram a história. Já um homem não pode fiar-se em coisa nenhuma, nem em arrancos de boa-vontade. Aquela beleza de senhora será uma perene recordação na memória do sr. Evaristo.

A GNR de Almada tomou conta da ocorrência.

AMIGO ROUBADO POLÍCIA NO CASO

Amigo que rouba a amigo... Bem, o menos que lhe ocorrerá é perder o amigo. Mas nem sempre as coisas ficam por aí, como aconteceu agora ao sr. Luís da Conceição Oliveira, de 18 anos, ladrilhador e a residir na Rua de Santa Marta, 23, em Lisboa, a contas com a polícia por se ter «servido» do pecúlio de um amigo, sem que para tal esperasse o consentimento deste.

O sr. Américo dos Santos Vicente, de 34 anos, controlador da indústria hoteleira, vive paredes meias com aquele seu **amigo,** na mesma Rua de Santa Marta. Na gaveta dum móvel amealhava pacientemente - e corajosamente, visto que amealhar nestes tempos é algo que ultrapassa a força humana - um pé-de-meia que até ao dia 4 do corrente somava 3.900$00. Podia o sr. Américo dos Santos recorrer a um dos muitos bancos que proliferam na cidade - mas o fascínio do montinho de notas ao canto da arca, notas que se podem manusear, palpar, na ingenuidade de um sonho que afinal dinheiro nenhum realiza, esse fascínio, dizíamos, ainda domina muita gente. O pior foi quando o amigo Luís da Conceição, um dia se deu conta de que estava sem cheta. Verificar isto e lembrar-se que tinha ali, à mão de semear, os 3.900$00 do companheiro de moradia, precipitou os factos. Sorrateiramente, na ausência do sr. Américo, o Luís da Conceição, dirigiu-se à gaveta do pecúlio e... adeus pecúlio.

Como é óbvio, o sr. Américo dos Santos correu à polícia a participar o furto e o sr. Luís da Conceição deu entrada no Governo Civil, arrependidíssimo do acto praticado. Mas como o arrependimento só por si não repõe a quantia desviada, o processo será concluído e o sr. Luís da Conceição ver-se-á em breve no tribunal.

O NOME NÃO O AJUDA

O sr. João Custódio Coragem, solteiro de 36 anos, foi preso a noite passada, na Rua Diário de Notícias, quando com outros indivíduos praticava o jogo ilícito chamado da «vermelhinha». Embora se trate de um jogo proibido, talvez a «vermelhinha» não tivesse sido caso para mais do que uma detenção de dias. O mau foi que a polícia apurou que o sr. João Custódio Coragem, apesar do nome, nunca ganhou coragem para se agarrar ao trabalho, entregando-se á chamada «boa vida», que às vezes nem é bem assim, além de tentar enganar com as cartas da «vermelhinha» os patuscos a quem engoda para o jogo de esquina.

Deste modo, o sr. Coragem recolheu completamente desencorajado, aos calabouços do Governo Civil, de onde transitará para tribunal.

DOIS ACIDENTES EM ALMEIRIM

Três mortos

Nas estradas de Almeirim registaram-se este fim de semana dois acidentes que tiraram a vida a três pessoas. Ambos se devem ao despiste de carros, e por razões que se desconhecem.

Do primeiro, resultou a morte de Valdemar Loureiro dos Santos de 62 anos e de sua esposa D. Emília Castelão de Almeida Loureiro em virtude de se ter despistado e embatido contra um eucalipto o automóvel em que seguiam, no sítio do Convento da Serra, próximo daquela vila.

No veículo seguia ainda a menina Ana Paula da Silva Ferrão de Oliveira, de 9 anos, filha de Humberto da Silva Oliveira e de Lucília Ferrão da Silva, residente também com os primeiros no Vale de Santarém, que teve melhor sorte, sofrendo apenas ligeiras escoriações.

O outro aparatoso acidente, de que resultou a morte de António Aleluia, deu-se no sítio da Azeitada.

O automóvel conduzido por José Ferreira Fernandes, alfaiate, casado, de 48 anos, natural de S. Vicente do Paúl e residente em Vale de Figueira, foi embater numa camioneta e num outro veículo ligeiro.

António Aleluia, que tinha 43 anos de idade e a profissão de embolador de toiros, teve morte instantânea, pelo que o seu corpo foi transportado para a morgue daquela vila. Quanto ao condutor do automóvel, depois de tratado de ligeiros ferimentos, seguiu para a sua residência.

COM UMA FACA NA BARRIGA

Com uma faca no abdómen, recolheu ao Hospital de S. José, Adelino Alves de 51 anos, residente na Rua Conselheiro Ferreira do Amaral, em Lisboa. Afirmou desconhecer o autor do atentado.

QUEDA MORTAL

Faleceu quando era transportada ao hospital de S. José, tendo recolhido ao Instituto de Medicina Legal, a sra. D. Isabel Nunes Nobre, de 81 anos, residente na Calçada de Santana, 204, 3.º Dto., que caiu de uma janela da casa em que habitava à rua.

TOTOBOLA

Três totalistas milionários

No concurso número 31.º do Totobola, cujo escrutínio se encerrou esta manhã, foram apurados apenas três totalistas, recebendo cada um 1.188.269$00. Dois são de Lisboa e um de Aveiro e todos pediram o anonimato. Com doze resultados certos 122 concorrentes, com o prémio individual de 29.219$70.

LEILÃO DA C.P.

Objectos para comprar

Dezoito pequenos comerciantes (e madame Oliveira...) assistiram esta manhã à primeira sessão do leilão promovido pela CP. para venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos e de volumes e objectos perdidos e que não tenham sido reclamados.

O sr. José Frederico Roque, pela C.P., presidiu aos trabalhos, ladeado pelos srs. Armando de Oliveira e Faustino dos Santos.

Um mundo de coisas para leiloar: desde caixas de bolos, até centenas de guarda-chuvas, passando por garrafas de vinho de marca, brinquedos, colchões, sapatos, conservas, peças de roupas, fiadas de arame, livros e até um automóvel velho (sem cabeça do motor).

Os interesses daquela gente dirigiam-se sobretudo para objectos fàcilmente vendáveis. Assim, arrematara-se malas por trinta e quarenta escudos e guarda-chuvas por dez e quinze escudos. Lotes de duas garrafas de vinho de marca, provenientes das remessas feitas de toda a parte durante o último Natal, havia muitos. D. Maria Pereira mostrava grande interesse nelas. Chegou mesmo a «picar-se» com outras colegas. De tal modo que o pregoeiro, sr. António Soares, não resistiu e desabafou:

«Muito gostam as mulheres de vinho».

Mas o leilão era um espectáculo sobretudo para madame Oliveira, figura anafada da nossa sociedade. Esposa de um engenheiro, madame Oliveira, de binóculo na mão, atenta aos movimentos do repórter-fotográfico, fazia o seu «jogo» para não ser fotografada, usando um jornal para esconder todo o rosto ou apenas a mão coberta com fina luva azul para tapar os olhos. Bem vestida, recostada a uma coluna, reluzente sob o ouro que lhe envolvia o pescoço rubro, madame Oliveira em nada se mostrou realmente interessada. E foi talvez por causa disso, ou ainda por um estranho sentimento de concorrência que, ninguém se mostrou inclinada a ficar com cinco sapatos (soltos) pela módica quantia de cinco escudos, um dos presentes sugeriu:

«Talvez a madame queira. São baratos.»

Mas os sapatos não foram para ninguém. Só interessavam a coxos e lá não estava nenhum.

O leilão prolonga-se até sexta-feira próxima.

SHARP
está onde está a alegria
À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS RAFAEL BURGUETE, LDA. LISBOA PORTO
PUBLIARTE

VENDA PARTICULAR
MOBILIÁRIO USADO
Recheio de moradia c/ 40 divisões. Barato
Av. Aeroporto, 147

COMPRA
A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

PRÉDIOS
COMPRAM-SE
SÓ TRATAMOS COM O PRÓPRIO
Resposta a este jornal ao n.º 541.

LOTES PARA MORADIAS
NA ZONA DE CASCAIS
ISOLADAS OU GEMINADAS
•
Preços a partir de: 100 contos
Proprietário: JOAQUIM BARAONA
Av. Valbom. 28-1.º
Telefs.: 282345 - 280749 — CASCAIS

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DE COIMBRA, COM FILOSOFIA...

Estudante universitário veio correr a Maratona

José António Alves Ambrósio, nasceu a 15 de Dezembro de 1941, no Barracão (distrito da Guarda) onde concluí o curso liceal. Actualmente, cursa o 3.º ano de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Curiosidade: veio a Lisboa correr a maratona.

Porque as provas de fundo são, normalmente, praticadas por atletas duma camada social diferente, procuramos saber o porquê desta decisão. O conimbricense explica:

— Devido a uma deficiência gástrica, «nascida» quando do meu serviço militar (ocorrido na província de Angola, nos anos de 63 a 65) ao regressar à metrópole deveria, por conselho clínico, praticar uma modalidade desportiva que auxiliasse a minha recuperação. Como nunca tivesse praticado qualquer desporto anteriormente (tendo já, todavia, um certo gosto de muito andar) resolvi-me pelas corridas de fundo.

Considero o desporto um meio portentosamente formativo. Fiz uma história da cultura clássica bem feita: e, tanto quanto eu posso ver, a cultura grega é um puro agonismo levado a consequências tão extremas quanto possíveis. Por outro lado, o facto de ser profundamente crente (católico) ajudou também este meu antagonismo. Infelizmente, tanto quanto me é dado observar, o atletismo não é visto a este nível de compreensão: por um lado, sabemos que os grandes clubes estão mais interessados em taças e medalhas que em formar o homem e, por outro lado, uma entidade que poderia fazer algo nesse sentido era a secção de atletismo da Associação Académica de Coimbra. Simplesmente, não tem verbas.

Continua:

— Foi em 1967 que me inscrevi na Associação Académica, sem sequer pensar em competir. Em 1968 conheci um americano que frequentava um curso para estrangeiros e tinha entrado em diversas provas de fundo nos E. U. A. com o qual passei a treinar. Assim, em 1970, concorri ao campeonato regional de fundo, na distância de 30 kms. onde me classifiquei em 2.º lugar (com o tempo de 2 h. 09 m. 59 s. Voltei no ano seguinte, tendo feito o tempo de 2 h. 05 m. 36 s. deslocando-me depois a Lisboa onde, pela primeira vez, corri a Maratona no tempo de 3 h. 23 m. 44 s.

Tornei novamente, este ano, e apesar de ter interrompido a minha preparação (em virtude de ter sido mordido por um cão, quando me treinava, a semana passada) melhorei o tempo em 8 minutos, o que me deixa bastante satisfeito.

Logo á partida, Armando Aldegalega tomou o comando

A MARATONA É INCOMPATÍVEL COM O AMADORISMO

«Jamais abandonarei a prática desportiva: mas é natural que nunca mais corra uma maratona. É que, a meu ver, a Maratona é incompatível com o amadorismo (basta deitar um olhar à nossa volta, não é?) e a vida de estudante requer a maior parte do meu tempo. Apesar de cursar História, os estudos históricos

José Ambrósio: uma luta de idéias

(em meu entender) não interessam em particular, mas sim numa visão diacrónica do homem para tempos futuros. Assim, a História ficará ao serviço da vida, embora o que interessa sejam os problemas da Filosofia da História. Os estudos históricos não interessam em particular. Repito: o que interessa é **uma** visão diacrónica do homem, que me dê um conhecimento do tempo presente e a solução dos problemas vindouros. Para tanto, faço um «curriculum» que, quando acabado, me permita ficar com os actuais cursos de História e Filosofia, embora sem sete cadeiras de Filosofia».

Resta acrescentar um pequeno nada: na maratona de ontem, José Ambrósio quedou-se em sexto lugar. E lá ficou a contas com as suas filosofias: entregue a pensamentos bem diferentes e bem longínquos da estrada que demorava a percorrer, nos calcanhares de Armando Aldegalega.

CORREIA BRANCO

José Augusto deixa o Benfica

Embora já há bastante tempo se falasse no assunto (o próprio José Augusto no-lo revelou em entrevista publicada no «DL») só agora se confirma a sua saída do Benfica, não continuando como adjunto de Jimmy Hagan. O compromisso de José Augosto com o seu actual patrão dura até fins de Julho, posto o que se lhe oferecem várias hipóteses de trabalho, consentâneas com a sua juventude, a sua categoria técnica e as suas ambições. Para já, as mais viáveis são a continuação, com carácter de exclusividade, no cargo de seleccionador. O Torneio Independência, no Brasil, é decisivo a este respeito. A outra é assinar por um clube importante: sendo a Académica o mais visado nesta altura.

O campeão vai a Munique

Fazendo 2 horas 20 minutos e 57,4 segundos Armando Aldegalega venceu (mais uma vez) a maratona nacional e garantiu um lugar na lista de excursionantes até Munique. Outros classificados na prova: Fernando Mourão, da Associação Atlética do Telheiro (2 h. 46 m. 29 s.); José Lopes, da Ovarense (2 h. 56 m. 04 s.); Hipólito Luciano, de Olivais-Sul (3 horas 9 m. 41 s.); José Ambrósio, da Académica de Coimbra (3 h. 15 m. e 43 s.) e Francisco Rito, de Olivais Sul (3 h. 17 m. 30 s.).

Futebol é tema

O seleccionador-treinador nacional José Augusto indicou à Federação a lista de futebolistas convocados para o treino de 4.ª feira contra o Belenenses.

Nomes: Damas, Laranjeira, Peres e Chico (Sporting); Oliveira e Abel (Porto); Carriço, Octávio, Matine e Jacinto João (Vitória de Setúbal); Nelinho (Beira-Mar); Mourinho, Freitas e Murça (Belenenses); José Carlos e Tito (Vitória de Guimarães).

A direcção do Beira-Mar em litígio com o treinador Dante Bianchi. Motivo: o técnico pretendia Alemãozinho na equipa que defrontou a Académica de Coimbra e os directores do clube insistiam na utilização de Cleo. Considerando que a direcção se intrometera no seu trabalho, Dante Bianchi deixou o estágio do «onze»: e as suas funções passaram a ser desempenhadas por Armindo Teto, que tinha a seu cargo os juniores e juvenis da colectividade.

Na jornada de ontem do campeonato de futebol da Holanda, o Ajax «brindou» o MVV de Maastricht com oito golos sem resposta.

A partir do próximo dia 23 do corrente, o sportinguista Vagner já poderá alinhar na mesma equipa em que formar Yazalde, pois completa cinco anos de estadia no nosso país e pelo acordo luso-brasileiro passará a ter dupla nacionalidade.

Resultado surpresa da «Taça Nacional de Juvenis»: o Atlético foi ao campo do Benfica bater os «encarnados» por 2-1.

Castro, defesa cufista lesionado num lance com Dinis, sofreu rotura de ligamentos no joelho esquerdo.

FIM-DE-SEMANA DESPORTIVO

ATLETISMO: um novo máximo nacional foi o melhor resultado do «Torneio de Abertura» organizado pela Associação de Lisboa. O sportinguista Joaquim Serra, ao ultrapassar a fasquia no salto com vara a 4,55m. deu um belo passo na especialidade. Outros vencedores: José Carvalho, Sporting (400 metros barreiras); José Galvão, Benfica (lançamento do peso); Fernando Silva, Benfica (300 metros); Augusto Martins, Sporting (800 metros); Carlos Lopes, Sporting (5000 metros); Manuela Simões, Benfica (100 metros); Ivone César, Belenenses (disco) e Aida Geraldes, Benfica (1500) metros.

ANDEBOL: mais jogos do metropolitano da primeira divisão. Resultados: Beira Mar, 18-Académico, 15; Benfica, 32-Padroense, 8; Porto, 24-Almada, 24; Sporting, 30-C.D.U.P., 7; Setúbal, 24-Belenenses, 21 e Campo de Ourique, 10-Técnico, 23. O Sporting continua isolado, na primeira posição, agora com 51 pontos, seguido de Almada e Benfica com 46, Porto (45) Setúbal (42), Belenenses (41), Académico (34), Campo de Ourique e Beira Mar (31), Técnico (30) Padroense (24) e C.D.U.P. (23).

BASQUETEBOL: apesar de já ter terminado a competição, com os jogos realizados este fim-de-semana, ainda não se sabe quem é o campeão metropolitano. A Federação julgou procedente o protesto do Sporting no seu encontro frente ao Porto (como informámos no passado sábado) e, enquanto o recurso que os portistas vão interpôr não for julgado, nada se saberá. Entretanto, os campeões ultramarinos já informaram que não tencionam prescindir das datas prèviamente escolhidas para a realização do campeonato nacional [illegible] ficamos agora na expectativa de saber se [illegible] os orgãos competentes não levarão tanto tempo como é costume a tomar resoluções. Para já, uma coisa é certa: quase ninguém duvida da razão que assiste aos «leões» de Lisboa. Existiu erro técnico: pois terá de ser condenado. Fixem-se os resultados da última jornada: Sporting, 88-Algés, 74; Cuf, 72-Académica, 79; Vasco da Gama, 45-Porto, 75; B.P.M., 77-Académico, 59 e Ginásio Figueirense, 60-Galitos, 68. Porto e Académica são os dois primeiros, enquanto a Cuf e Galitos terão de disputar uma «finalíssima» para se saber quem acompanhará o Cernade no regresso à 2.ª divisão.

Futebol: 2.ª Divisão

A jornada de ontem da 2.ª divisão do nacional de futebol (vigésima terceira) não teve grandes surpresas. Os primeiros continuam bem primeiros e os últimos parecem fatalmente encaminhados para a despromoção.

ZONA NORTE

Na zona norte, o resultado que mais sobressaíu foi, indubitávelmente, a vitória do União de Coimbra na Covilhã. Beneficiando dos empates do Marinhense, Varzim e [illegible] e da derrota do [illegible] (com o União de [illegible]) a equipa de Coimbra destacou-se mais na tabela classificativa ficando, agora, isolada no segundo lugar. Aparentemente só ela poderá ainda fazer perigar o lugar (quase cativo) do Riopele na vanguarda. E, mesmo que o não consiga, tem de qualquer modo francas possibilidades de manter o segundo posto e, portanto, a hipótese do torneio de promoção.

ZONA SUL

Na zona sul, o Montijo não terá (seguramente) problemas quanto á manutenção do lugar cimeiro. O seu ataque continua a fabricar golos e vitórias em série. Quarenta e quatro tentos em vinte e três jogos é marca de respeito, e nenhuma outra equipa se aproxima de semelhante «score». Surpresa [illegible] de certo modo, o [illegible] do União de Leiria em [illegible] Vedras. Mais [illegible] do Peniche na [illegible] pelo segundo lugar. Já são quatro pontos de diferença. Quanto a condenados á descida já estão escolhidos desde há muito: Torriense e Lusitano. Candidatos ao torneio de despromoção (ou não) são bastantes e vão ter muito que discutir nas sete jornadas que faltam.

OS DOIS ZEROS DO LAVRADIO

Sporting: regresso ao passado

A Falência do meio-campo sportinguista, a total ineficácia do seu ataque e a perturbação criada na frente de Damas pela deficiente forma de José Carlos, foram as notas primordiais da equipa que visitou o Barreiro. Íamos a escrever: do Sporting de Mário Lino, que teima em continuar invencível. Mas, arrepiámos caminho: o modo como a equipa de Alvalade se exibiu não merece parabéns.

«SURMÉNAGE» NO SPORTING

Com efeito, este foi o mais fraco espectáculo assinado pelo **novo** Sporting. E, embora haja que endossar uma parte dessa responsabilidade ao melhor esclarecimento táctico da CUF, não restam dúvidas de que os «leões» se exibiram com tristeza e sem centelha. Apagadamente. Anònimamente.

Antes do jogo, dizia-me Hilário:

— **Esta manhã começou a doer-me uma perna. Não sei se será cansaço muscular, se outra coisa pior.**

Infelizmente (e visto da bancada) esse estado físico de Hilário estende-se a outros elementos do seu grupo, desde Nelson a José Carlos, passando pelo saturado Peres ou pelo titubeante Manaca, qualquer coisa está a pedir urgente modificação, neste Sporting a que Mário Lino quer conferir força e velocidade. Dir-se-ia que a equipa não estava habituada a correr, a fazer ataques, a galgar terreno: a mudança de comandos implicou abdicação daquele estilo lento e mastigado que era sua característica e hoje, esgotado o segundo fôlego, alguns dos elementos postos à disposição do jovem técnico de Alvalade não podem com uma gata pelo rabo. Ora, se o campeonato está mais que perdido, e o segundo lugar começa a não depender exclusivamente do seu labor, o Sporting tem de pensar em fazer descansar Peres, José Carlos, Hilário, Nelson e aquele estranho Yazalde que parece um menino nas mãos das bruxas, **domesticado** por qualquer defesa de meia tijela.

Depois destes homens repousarem, vamos para a frente, Sporting! Antes, todo o trabalho cairá em saco roto, Mário Lino.

A DEFESA

O Sporting dispôs-se no Lavradio de maneira equívoca. Manaca não conseguiu nunca suster o passo a Arnaldo: e na segunda parte foi (mesmo) incapaz de ter pernas para o acompanhar nas deambulações pelas linhas atrasadas. Peres, raramente entregou um passe em condições: embora barafustasse para os companheiros, como que para «èpater le burgeois» (o público afecto às suas cores).

POR NEVES DE SOUSA

Hilário perdeu e ganhou jogadas contra o demoníaco Manuel Fernandes ou o resistente Fernando. E, como José Carlos (mesmo sem opositor directo) não acertava o corte, nem o passe, nem o alívio, valeu ao Sporting ter Damas, Pedro Gomes e Laranjeira para não sair das mãos de Fernando Caiado com uma rotunda derrota.

Porque, realmente, eles foram os guerrilheiros de Alvalade. Damas assinou um punhado de intervenções de alto nível: e quem disser que ele está conformado com a sombra de José Henrique pode apostar noutra cor. Pedro Gomes teima em desafiar o relógio e o calendário: conforme o jogo se aproxima do fim mais ele ganha segundo ânimo, consoante os meses e os anos vão desfilando mais ele capricha em justificar pertencer (ainda) ao primeiro «team» de um clube como o Sporting. E vem Laranjeira: ontem apenas com um lapso a intercepção de bola (no período de «forcing» cufista) mas a rubricar, ao longo de impecável hora e meia, uma das suas mais belas actuações. Excelente sem dúvida.

O ATAQUE

A linha fronteira do Sporting roçou o zero absoluto. Pouco solicitado, como que esquecido lá na ponta, Chico só uma vez recebeu (e de Pedro Gomes) a bola jogável: desanimado, também não veio cá atrás procurar jogo. Nelson (jogou?) andou pelo relvado absorto em outros pensamentos. Yazalde, colocado entre dois fogos (Castro-Américo) numa tarefa de sacrifício a que a sua péssima forma e o seu actual nulo «poder de remate» não pode corresponder, arrastou-se à custa de um **gás** chamado devoção: que não chega para justificar (perante as plateias) o alto preço do seu horário de trabalho. Quanto a Dinis, nem um lampejo. Nem um rasgo. Bem: excepto aquele seu feitiozinho maroto que ainda acaba por marcá-lo perante os árbitros, porque os adversários já começam a recear as suas entradas maldosas e, sobretudo, o pézinho que deixa no ar a meio da viagem de regresso. Um problema, Dinis, esse seu mau perder.

HORA DE REFLEXÃO

Pois é, Lino, pois é: aquilo foi mau de mais para ser verdadeiro. Toca a dar férias a meia dúzia. Toca a experimentar quem quer ganhar carta de alforria. Não foi assim que nasceram Jordão e Néné, Humberto Coelho e Messias? Ora, que me conste, pelo Sporting estão inscritos outros Laranjeiras: casos de Dani; Nando, Vagner, Gonçalves, Tomé. Não é fazendo entrar Márinho mesmo no fim do bate-bola que se consegue qualquer coisa útil.

Nem indo buscar aos Brasis o simpático (e gorduchinho) Rocha que se descobre a mèzinha para combater a letargia dos «leões».

Da revolução (profunda e imediata) alguma coisa ficará na peneira: pior não pode ser.

Tudo o que arde não aproveita a ninguém

Um toque de Peres para Chico é cortado por Esteves

Yazalde falha: mesmo á boca da rede

Cuf: empresa eficiente

O Grupo Desportivo da Companhia União Fabril tem uma equipa de futebol eficiente. À imagem da própria empresa que a promove e sustenta. Onze empregados generosos (porque bem pagos...) e perfeitamente mecanizados. Uma equilibrada divisão de trabalho, um contramestre (Arnaldo) à altura das necessidades da equipa e um ritmo de produtividade variável mas sempre na rota da cotinuidade (a 1.ª divisão) suportando fàcilmente o assalto da concorrência. As empresas bem organizadas resultam sempre... E nem é preciso ter monopólios (de craques é com o Benfica) pois o saldo tem sido permanentemente positivo.

Conhé, foi um «porteiro» disciplinado, sempre atento e seguro, fiscalizando, «polida» mas enérgicamente, todas as tentativas de infiltração do poderoso competidor. Deste, os mais directos representantes (os atacantes) também apareceram poucas vezes à «entrada», e isso facilitou as coisas a Conhé, que esteve, além disso, bem acompanhado pelos seus duros e hábeis guarda-costas. Sobretudo José António que, manobrando do lado direito, fez a vida negra ao mais prático e operoso «funcionário» leonino: Diniz.

No meio-campo, a zona mais importante, a zona do molde, do cadinho, do gabinete de Arnaldo, esteve a razão maior da boa qualidade do futebol fabril. Simplicidade de processos, óptima coordenação de movimentos, ligação correcta com outros sectores de trabalho (ofensivo e defensivo) foram as tónicas da actuação da estrutura central da turma empresarial. Calculista o contramestre, obrando só pela certa. Alegres e decididos os subalternos (**Fernando** e **Vítor Gomes**) ajudados uma vez por outra por elementos da secção da frente: ora Monteiro (empregado antigo mas resistente) ora **Manuel Fernandes** (jovem e rápido).

Aqui, pois, residiu o fulcro do exemplar funcionamento dos homens da C.U.F. Dominando com facilidade o idêntico sector adversário, recusando-lhe o espaço necessário e beneficiando ainda, da fraqueza de pernas dos assalariados de Alvalade, a substanciais à sua zona manufactureira do golo.

Por EUGÉNIO ALVES

O LUCRO NECESSÁRIO

Os seus três representantes, **Monteiro**, **Manuel Fernandes** e **Juvenal**, bem procuraram na hora e meia de trabalho, fabricá-lo. Estiveram quase. Sobretudo Juvenal, que logo no início (ao 3.º e 6.º minutos) falhou por pouco Tal como Vítor Gomes que, apesar de pertencer ao miolo da turma, resolveu aos 29 minutos (da primeira parte) correr por ali adiante levando a bola e passando por todos, excepto por Damas, que não autorizou a entrada. Pois foram precisamente o guardião visitante e o seu vigilante camarada Laranjeira, quem mais travões puseram à ofensiva dos homens da C.U.F. E, como é habitual nesta história do jogo da bola, com a ajudazinha da abençoada mãe-sorte.

Resumindo: o grupo do Barreiro fez uma partida inteligente. Na primeira parte torneou com muito talento as manobras do vento contrário, utilizando o passe curto, medido e funcionando colectivamente. Nos quarenta e cinco minutos restantes, o vento soprou a favor e então surgiu o cruzamento largo, comprido e a corrida decidida para o golo. Tadavia, nessa altura vital, faltou uma coisa muito importante aos fabris: a força física. E faltou ao seu reputado técnico a lembrança que Lino teve (embora sem resultado): substituir dois homens mais fatigados por outros dos suplentes. Ou não os terá ele à altura dos resultantes? Claro que a lesão de Castro só permitiria uma outra substituição. Mas nem esta aconteceu, nem o que foi ocupar o lugar do jogador lesionado (Rodrigues) entrou com funções atacantes. O administrador cufista (Caiado) foi empresário comedido, sóbrio, pouco arrojado ou audaz na procura do lucro. E que a vitória vale dois pontos. Mas ele esqueceu-o a certa altura ou então resolveu desistir, receoso talvez da maior frescura dos sportinguistas. A não ser, repetimos, que haja falta de elementos substitutos.

Ainda a propósito da lesão de Castro: será que na próspera turma da C.U.F., faltará (ou não haverá) uns tostões para uma maca? E realmente desagradável ver um atleta magoado ser transportado em braços para as cabinas. As razões são óbvias.

ÁRBITRO?

Joaquim Freire, de Aveiro, foi o árbitro da partida. A nossa pobreza de árbitros (reflexo de muitas outras pobrezas) teve ontem no Lavradio um exemplo significativo. Trapalhão, parcial, ignorante do auxílio ou conselho dos ajudantes (para alguma coisa lá estão) Joaquim Freire patenteou aos assistentes do jogo muitas insuficiências e falta de qualidades para a pouco convidativa actividade de juíz de futebol. Pouco convidativa entre nós. Porque mal remunerada, porque muitas vezes «desagradável»...

Nelson mais uma vez batido

Lemos reencontrou o golo. Ontem, assinalou assim o primeiro da sua equipa no jogo com o Farense, numa recarga a defesa de Benje

F.C. PORTO, 2-FARENSE, 0

Bola para a frente: preocupação portista

Em 15 dias, o F. C. do Porto venceu por duas vezes o Farense. De referir que a margem de golos, num e noutro desafio, foi sempre de duas bolas, o que quer dizer que a superioridade dos portistas se pode assemelhar numa e noutra partida.

No jogo de ontem, bastante longe da atingir o nível técnico da semana transacta, os «azuis-brancos» conseguiram um golo em cada metade do desafio, por intermédio de Lemos (a aproveitar bem uma bola largada por Benje) e Abel (em jogada de tabelinhas com Flávio).

Referimos que o jogo não teve o nível técnico da semana anterior. E isso fica a dever-se ao facto de o futebol praticado pelos portistas ter sido um tanto ou quanto aos empurrões, de bola pontapeada para a frente e sem grandes resultados: uma vez que os defesas do Farense bem cedo se aperceberam das intenções adversárias e, por isso, se escalonaram de modo a não permitir que os intentos dos avançados do F. C. do Porto fossem levados por diante. E pode dizer-se que o conseguiram, em grande parte, pois os dois golos sofridos não fazem desmerecer o seu trabalho.

Entretanto, parece-nos que o sector dianteiro do Porto poderia ter rendido muito mais: o lado esquerdo, onde deveria encontrar-se Lemos, esteve quase sempre desguarnecido (aquele dianteiro insistia em fugir para a zona central do terreno) e, portanto, goraram-se algumas oportunidades de fazer continuar as jogadas. No entanto, jogando com alguma rapidez e com pontapés longos (de modo a criarem embaraços para a defensiva contrária) os homens das Antas lá foram fazendo o jogo que mais lhe convinha e acabaram mesmo por ganhar o desafio: o que, aliás, nunca esteve em dúvida, quer pela quantidade de jogadas que se desenvolveram junto e dentro da grande área adversária, quer pelos melhores rasgos individuais de alguns dos elementos. Destaque, neste aspecto, para Oliveira, Pavão e Abel.

O triunfo acaba, portanto, por estar certo e é justo prémio para a equipa que mais fez por ele e que mais tempo esteve ao ataque. O trabalho de Saldanha Ribeiro esteve com alguns erros, mas em nada prejudicou o resultado.

Fernando Passos

TIRSENSE, 2-LEIXÕES, 4

Dependurados no abismo

A zaragata dos aflitos e desesperados teve ontem o seu lance mais trágico em Santo Tirso. Um deles teria de morrer: ou pelo menos, encaminhar-se humildemente para o cutelo do carrasco, pedindo aos santinhos que lhe aconteça um milagre antes que o campeonato exale o último suspiro. Aconteceu o pior ao Tirsense, cantou de galo o Leixões.

Nenhum dos grupos quis saber de práticas defensivas, foi um afã, para marcar golos. Ganhou quem marcou mais. Quatro do Leixões, que mostrou pontaria afinada. E, no domingo vai lá o Benfica para ver como é.

O Tirsense atacou. Atacou sempre, mas a calma jamais existiu, a serenidade ficou nos balneários. E perdeu. Nem valeram, sequer, as duas substituições simultaneas que Medeiros tentou num lance de desespero. Sairam Amaral e Albano para entrarem Amandio e Carlos Manuel. Mas que adiantava, tirar peões para meter peões? Nada. Ficou a certeza de que tudo foi tentado. Só que o Tirsense tem muito pouco para tentar e o seu caminho parece apontar direito ao fim da permanência na Divisão Maior. Ao menos não lhe vai ser necessário relvar o campo: e sempre se poupam uns contos.

Para a história, diga-se que cacheira fez dois golos, Vaqueiro deu e tirou (permitindo um tento na sua rede mas marcando na rede adversa) e os restantes foram de Horácio (o oportuno), Evaldo (o brasileiro perdido no Norte) e Chico Gordo (o goleador habitual). O resto, bem, o resto, será aguentar até ao fim. E, no caso de queda, pois que se caia de cabeça erguida, dignamente, no campo da luta. Jamais o mundo acabou num campo de futebol, jamais as soluções dos grandes problemas foram encontradas com a subida ou permanencia em qualquer das divisões. Por maiores que elas se chamem.

JOSÉ MANUEL FERNANDES

A ponta do pé. Com Evaldo que nesta jogada de meio campo mal chega á bola com a ponta do pé, também o Tirsense está suspenso do abismo com a ponta do pé. Uma escorregadela, por pequena que seja, e lá se vai a primeira divisão

VITÓRIA DE SETÚBAL, 1 -VITÓRIA DE GUIMARÃES, 0

Um Setúbal canhoto nas covas

Pela primeira vez eu vi o Octávio nas covas. Nitidamente nas covas. E, com ele, toda a organização do futebol sadino se foi ao fundo. Irremediàvelmente.

Sabe-se como a influência da abelha-mestra é decisiva no cortiço de Pedroto. Até os próprios adversários o reconhecem, e, talvez por isso, Mário Wilson pensou duas vezes antes de fazer a linha, pois na lista dos jogadores fornecida à Imprensa, lá vinha o nome de Cartucho, primeiramente escalado, com um risco por cima, e substituído por Silva. Um Silva que desde o início demonstrou particular cuidado na vigilância a Octávio.

Pois (como dizia) Octávio ficou nas covas. Na primeira meia-hora ainda assinou uns lances tipicamente dos seus e, não sei se foi por isso mesmo, que Arcanjo teve e desperdiçou tantos golos. Foi, sim nesse período que Torres marcou o tento solitário da partida.

Recordo, por exemplo, uma jogada a meio-campo logo após a obtenção do golo sadino, em que Octávio cintilou pela zona central, furou por entre três adversários, deixando um estendido no chão e os outros dois a discutir, entre si, e a perguntarem-se como teria sido possível. Mas, depois, Octávio apagou-se. Até final da primeira parte ainda disfarçou, já que Silva não deixou, mesmo assim, de o seguir por todo o lado.

Para o segundo tempo, Octávio desapareceu. Aliás o seu próprio técnico retirou-o da zona fulcral do meio-campo para o situar na extrema-direita. E, aí, Octávio foi-se arrastando sem contribuir, como sabe, para o desenvolvimento atacante do seu grupo.

Coincidiu esta mudança com a transformação radical dos processos minhotos. Wilson deve ter visto que Rebelo não estava lá, ou mais exactamente: que Barão não é nem pode ser electrónico como o habitual «dois» de Setúbal. Viu (também) que não valia a pena desperdiçar as energias de um homem, exclusivamente, a vigiar Octávio: e, por via disso, chamou Rodrigo (que fixava Barão no seu posto) e Silva (que vinha seguindo Octávio) para a zona de meio-campo. Na frente ficaram Jorge Gonçalves e Tito: e, na intermediária, uma fortíssima linha de quatro homens que reduziu a cisco as débeis tentativas de organização dos locais. Como, por outro lado, a defesa visitante passou a jogar em linha, adiantando-se até cerca do meio-campo, morreu o perigo sadino. Melhor: estava montado um esquema para o aniquilar, mas o esquema não funcionou na perfeição.

Em primeiro lugar, a defesa em linha furava por Manuel Pinto. Arcanjo, apesar da sua equipa ser territorialmente dominada, viu (assim) duas oportunidades oferecidas pelo «capitão» minhoto, fàcilmente ultrapassável com uma torção de corpo e um «sprint». Em segundo lugar, Jorge Gonçalves e Tito não achavam maneira de furar o cerco pertinaz de Mendes e Cardoso. Daí que o Vitória de Setúbal tenha mantido o seu avanço, daí que o Vitória de Guimarães não tenha conseguido o empate como em certos períodos da segunda parte amplamente justificou.

Diziam adeptos locais (à saída) que tinha sido o pior jogo da época em Setúbal. Eu não diria tanto, mas que talvez tenha sido o pior do grupo sadino, no estádio do Bonfim, isso talvez. E que, não rendendo Octávio o seu normal (longe disso) faltaram as suas infiltrações pelo lado direito. E que, não alinhando Rebelo (lesionado) faltaram os «raids» ao longo da linha lateral direita, como só o «electrónico» sabe fazer. E faltaram os centros medidos para a cabeça de Torres, para os pés de Arcanjo. Faltou, em suma, a terceira dimensão, pois ontem, na ventosa e fria tarde setubalense, ante a bancada quase deserta (só a central encheu) o Vitória de Setúbal foi um grupo canhoto. Atacou (sim) excelentemente (e como é seu hábito) pela esquerda: marcando até, assim, o seu golo. Atacou (sim) facilitado por Manuel Pinto, pelo centro, e perdeu várias oportunidades. Mas não atacou pela direita. No corredor direito do grupo de Pedroto não existiu ninguém. Só Osvaldinho: vigiando à distância o espectro de Octávio, abelha-mestra ontem cansada e nas covas.

O Vitória, tradicionalmente polivalente (como se diria na Televisão) foi ontem um Vitória bivalente. Canhoto. Incompleto.

Não é qualquer equipa que perde Rebelo sem alterar o equilíbrio do grupo. Só o Benfica faria isso, mas aí há valores às dúzias. Talvez, por isso, Octávio ontem não tenha ficado no banco como parece ser mais adequado ao seu actual estado físico.

A terminar, mais duas observações acerca dos treinadores. Estranhei a apatia do banco setubalense. Pedroto, que talvez seja o maior perito na arte de manobrar com a lei das substituições ficou impávido e sereno enquanto a sua equipa se afundava. Noutras alturas, quando os minhotos se apossaram do fio do jogo, já Duda e Guerreiro estariam a aquecer junto à lateral. Ontem, não.

Entrou Correia a cinco minutos do final e porque Barão se lesionou. Não será porque os prémios do Vitória de Setúbal já vão tão altos que um ou dois suplentes mais a recebê-los seriam peso incomportável?

Quanto a Wilson, quanto ao jovial Mário dos bons tempos da Académica e, cá mais para o sul, do Belenenses, apareceu muito mais elegante (no seu fato azul escuro de corte correctíssimo) e mais magro! E, segundo o evoluir dos acontecimentos, parece que em plena forma e agilidade de raciocínio. Não é qualquer que muda o jogo como ele o fez, da primeira para a segunda parte. Parabéns, Mário, e que para a próxima seja mais feliz pois a equipa joga umas coisas interessantíssimas.

DANIEL REIS

Silva bate Octávio: vonstante durante o jogo

BENFICA, 5-ATLÉTICO, 1

Na romaria da Luz foguetes vieram cedo

Começou cedo a romaria da Luz. Mal o dia nasceu e o Sol espreitou por entre duas nuvens carregadas e ameaçadoras, já todos os caminhos que levavam ao Estádio eram palmilhados por adeptos convictos: que respondiam com a presença ao convite formulado. Muitas bandeiras (em mastros enfeitados) estabeleciam a fronteira entre o que era e o que não era do Benfica: porque a romaria, a festa da enorme família benfiquista era para comemorar o início da construção da «Cidade Desportiva» do clube. A meio da tarde, vieram as gentes de Alcântara dar o seu abraço à família em festa. Tiveram até a gentileza de pegar fogo aos foguetes que cedo se queimaram.

Tiro (e primeiro golo) do «Bola de Prata»

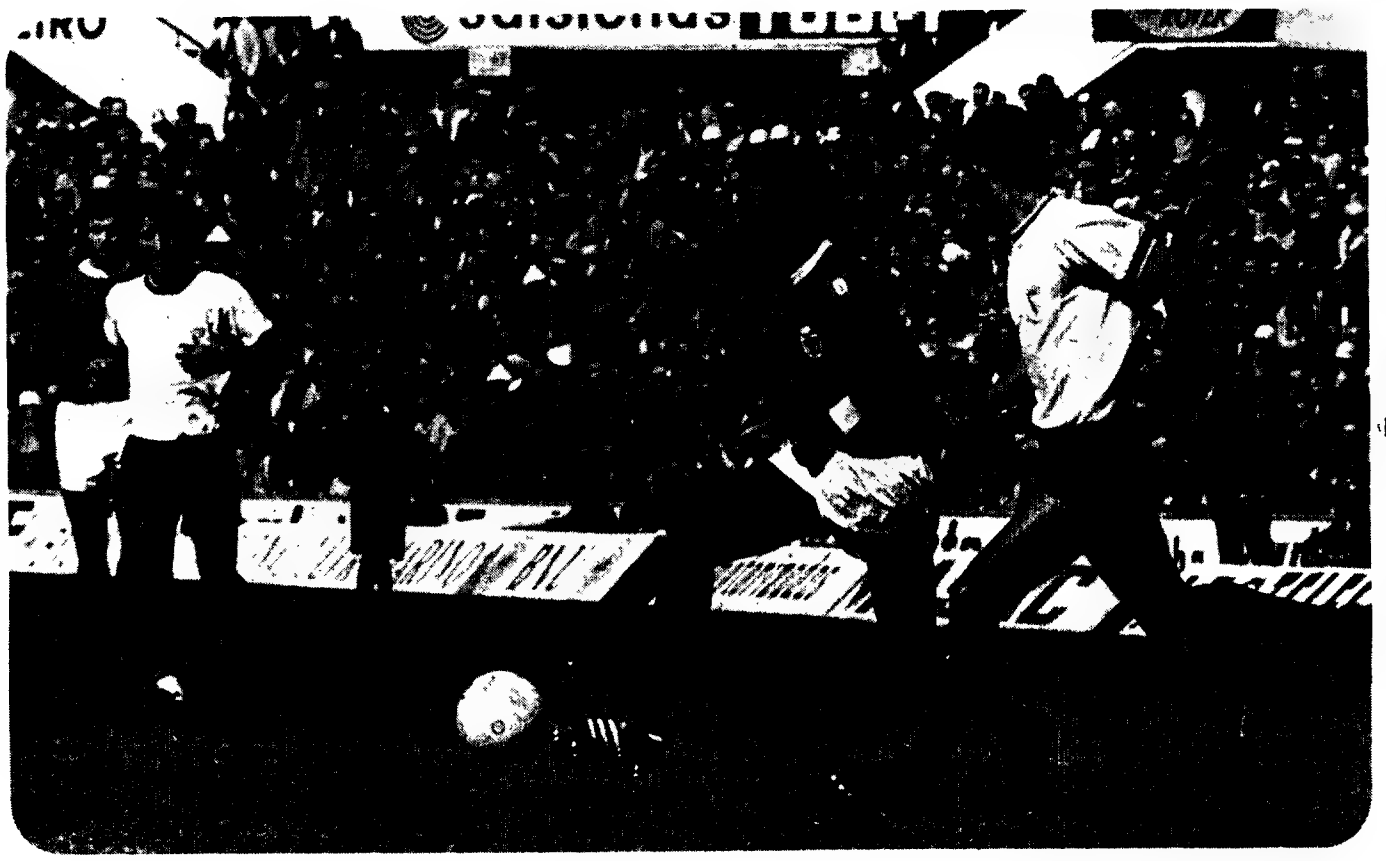
Foram seis os morteiros ardidos na festa da Luz: cinco em honra do grupo da casa e um para comemorar as gentilezas dos forasteiros. Visitantes que cedo perderam a esperança de conquistarem um pontito que fosse: pois mal a digestão do farnel principiara já o marcador tinha passado da chapa zero para o número quatro. É verdade: os avançados do Benfica teimaram em cedo resolver o problema, espreitando talvez a oportunidade de um ensaio para o dia 19. Só que o Ajax não é o Atlético, nem o grupo capitaneado por Pedras se empenhou como (certamente) o actual campeão da Europa se irá apresentar no relvado da Luz.

A presença de Vítor Baptista no ataque «encarnado» foi o primeiro sinal para a disposição com que os jogadores vinham das cabinas: íam decorridos apenas 30 segundos de jogo quando ele se antecipou à defesa contrária e fez com que a bola fosse transportada para o centro para novo recomeço da partida. Poucos minutos depois, foi Nené que bisou a proeza, para Artur Jorge (ainda antes dos vinte minutos) imitar os seus colegas de equipa por duas vezes. Estava construído o resultado: desnecessário, portanto, continuar a carregar no acelerador. Que o grupo visitante era simpático, tinha colaborado na festa (que começara cedo) e não merecia castigo maior. Daí, assistir-se a um domínio não concretizado por parte dos campeões nacionais: com o Atlético a responder sempre que podia, nunca convencido da superioridade do adversário, antes convicto de que poderia reduzir a diferença no marcador. Conforme aconteceu (logo no início da segunda parte) em remate assinado por Pedras. Mas o Benfica imaginara ganhar ao seu adversário por quatro golos de diferença: e quase no final, quando ao Atlético já faltavam forças para tentar o impossível, Eusébio ouviu aclamações por ter marcado o quinto tento.

Nesta festa benfiquista, os morteiros arderam cedo. Tal como se espera (e se anseia) para o dia 19, quando ali mesmo, perante os mesmos e muitos mais membros da família «encarnada», o adversário se chamar Ajax. Porque a qualificação para a final da «Taça dos Campeões Europeus» não está tão certa como a conquista de mais um campeonato...

ORLANDO DUAS AGUDO

Artur Jorge e Gaspar: vencedor e vencido



Jordão: um arranque

O arranque para a Cidade Desportiva: a festa grande nos terrenos da Luz

«Com a minha ou com a tua?»: escolha de bola entre Pedras e Eusébio

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
BENFICA	25	21	3	1	67-11	45
V. de Setúbal	25	15	9	1	57-15	39
Sporting	25	14	8	3	44-22	36
C. U. F.	25	9	12	4	34-24	30
F. C. Porto	25	10	7	8	37-27	27
«Os Belenenses»	25	10	5	10	30-27	25
V. Guimarães	25	8	8	9	37-38	24
Barreirense	25	9	5	11	30-42	23
Beira Mar	25	7	9	9	26-33	23
Farense	25	8	6	11	28-35	22
Leixões	25	7	6	12	26-44	20
Un. de Tomar	25	7	5	13	21-33	19
Atlético	25	5	8	12	29-49	18
Boavista	25	4	9	12	22-43	17
Tirsense	25	5	6	14	28-54	16
Académica	25	5	6	14	23-34	16

TOTOBOLA

Tirsense-Leixões				2
Beira Mar-Académica	1			
C. U. F.-Sporting		X		
Porto-Farense	1			
U. Lamas-Braga	1			
Covilhã-U. Coimbra				2
Marinhense-Varzim		X		
Torreense-U. Leiria		X		
Nazarenos-Olhanense				2
Lusitano-Peniche				2
Sacavenense-Oriental	1			
Sintrense-C. Piedade	1			
Seixal-Sesimbra		X		

Belenenses, 4-BOAVISTA, 1

Fartura, fartura... foguetes em Belém

Na época transacta, este mesmo Boavista (agora tão amplamente batido) veio ao Restelo na jornada derradeira do campeonato vencer o Belenenses e conquistar (assim) o 6.º lugar da classificação. Agora, os ventos mudaram: e a equipa nortenha apresenta-se como séria candidata á descida de Divisão. Aliás, o futebol praticado pelo Boavista neste confronto com os homens de Belém teve características de escalão secundário como bem o demonstraram aqueles cortes à toa no género de pontapé p'rá frente. E isso é tanto mais estranho quanto reconhecida é a capacidade de alguns excelentes atletas: casos de Vitor Cabral, Bernardo da Velha, Mário João, Celso, Fraguito e Jorge Félix. Foi, de facto, confrangedora a actuação dos melhores jogadores da turma do Bessa, com relevo muito especial para o guardião Cabral, que está aquilo que não era: um «furo». Também pela parte dos dirigentes, o panorama se apresenta pouco desanuviado. Dignificam muito pouco o clube, aquelas tristes atitudes com o árbitro (perto do intervalo) e com o sr. Primo, fiscal de linha do lado da bancada nascente (quando da marcação do quarto tento dos «azuis»).

Muito cedo se começou a verificar a debilidade da defensiva visitante. Com efeito, logo aos três minutos Luís Carlos recolhe um passe-remate de Estevão e atira raso junto a um poste. Tudo tão fácil que Vitor Cabral nem queria acreditar: lança-se á bola tarde e a umas horas que já não valia a pena. E o jogo continuou sem nada que valha mencionar, áparte uma grande jogada de Celso numa altura em que lá se resolveu a deixar de discutir com toda a gente. Depois, outro golo para o Belenenses: de novo pelo negro de S. Paulo, que entra de rompante a um centro de Quinito. O primeiro remate á baliza de Mourinho surge aos 40 minutos, com Félix a pontear a bola de fora da área e a fazê-la passar muito sobre a barra da meta «azul». Dois minutos antes, o Belenenses elevara o marcador para 3-0, na sequência de um «livre» a castigar falta sobre Ernesto: toque de Estevão para Godinho, remate rasteiro e guarda-rede para um lado e bola para outro. Vá lá saber-se porquê...

Um tanto diferente foi a segunda metade do jogo, com os homens da camisa aos quadrados a tentarem virar os acontecimentos. E, logo aos cinco minutos, Jorge Félix reduz a diferença com um remate fulminante: sem hipóteses de defesa para o homónimo Félix, mais conhecido por Mourinho. Mas, os avantes do Boavista pouco mais conseguiram fazer: Freitas cerceava as irregulares incursões de um ou outro mais afoito. E, pouco antes da meia hora, surgiu o último golo da partida, pela quarta vez para os de Belém: Godinho passa em profundidade para Zézinho (que substituira Quinito) Ernesto deslocado, pára e Zézinho prossegue: corrida e centro para Luís Carlos que, á beira do risco, marca á vontade. Mais uma vez Vitor Cabral não toca no couro e Mário João continua a «perder o combóio». Minutos antes (numa insistência voluntariosa) já o irreconhecível quarto-defesa do Boavista rematara para o céu: a três passos de Mourinho...

Na equipa no Norte salienta-se a exibição (?) de Aleixo, o último trunfo de Meirim: um desastre. No Belenenses, que na entrada em campo parecia apostado em divertir a gente apresentando Laurindo na ponta-esquerda e Ernesto no meio campo, há a registar as belas exibições de Mourinho (grande defesa a um «tiro» de Moura à «queima»), Freitas, Godinho e (muito especialmente) de Luis Carlos, que marcou três golos e num pormenor de realçar evitou muitos conflitos. O mesmo não fez o juíz setubalense Ismael Baltasar que assistiu a certos «mimos» e mostrou a Estevão o caratão amarelado por... discutir uma decisão sua. Mal, muito com os olhos á banda, esteve o sr. Rodrigues, «bandeirinha» do lado da tribuna: que só marcou foras-de-jogo quando os mesmos bradavam aos céus. Não terá sido por mal, é tudo defeito da vista, mas que se lamente o Boavista que motivos tem para isso.

Não queremos deixar de manifestar a nossa estranheza pela ausência de braçadeiras nos responsáveis técnicos de ambas as equipas. Então não se cumpre o regulamento? De aplaudir pelo tempo útil que não roubava ao jogo a nova actividade dos «apanha-bolas»: agora, sim, verdadeiramente eficientes. Tanto que, em certa altura, havia uma bola no meio campo do Belenenses e outra a ser pontapeada por Mário João (para fora) nas imediações da sua área. Nem oito nem oitenta...

Enfim: ganharam os de Lisboa por marca que até espantava a cobertura que o vento levou. Não se admirem (todavia) os que não viram o jogo: o resultado está certo. Mas este Boavista, este Boavista...

ALEXANDRE PAIS

Corte de Pietra, sob as vistas de Estevão

As voltinhas no Restelo...

Não se percebe bem porquê, a entrada dos repórteres no «Estádio Almirante Américo Thomaz «faz-se por uma entrada do lado nascente. Como os lugares reservados à Imprensa são na bancada do lado poente, calculem-se as voltas a que fica sujeito, quem se desloca ao Restelo para trabalhar. Com a dificuldade de estacionamento que existe junto áquele parque de jogos, bom será que a «malta» da Informação saia de casa uma hora mais cedo. Sempre terá mais tempo para suportar com outra calma uma decisão que não compreende. Aqui fica o reparo: à consideração dos senhores dirigentes do Belenenses.

União de Tomar, 4-Barreirense, 1

A ajuda veio do Algarve

Nasceu nò Algarve a salvação do União de Tomar: chama-se Rosa Nunes e foi o árbitro do encontro dos nabantinos com o Barreirense. Primeiro, aos 25 minutos, não viu (ou não quis ver) um «fora de jogo» de Bolota. Tão grande que até deixou o próprio jogador de Tomar na dúvida. Depois, foi Camolas que não quis acreditar na «chance» que o seu colega Fernando lhe tinha dado, ao agarrar Bento: e marcou um golo (o quarto) em que ele mesmo nem pensava. Aí tudo (ou quase tudo) ficou resolvido: e o mais seria passar o tempo, com o Barreirense a brincar com a bola e o Tomar a procurar o caminho da baliza como meta facilitada pela «compreensão» do juiz...

O União de Tomar não está no seu melhor: aí se encontrará a explicação para a posição aflitiva que a equipa ocupa na tabela classificativa. A defesa joga «á 2.ª divisão», o meio campo reune os jogadores de maior técnica do «plantel» de Fernando Cabrita e o ataque é composto de jogadores incipientes (ou veteranos) falhos de continuidade para um futebol de primeira divisão. Enquanto Barnabé conseguiu (perante o Barreirense) ser o jogador mais nivelado do quarteto defensivo, Manuel José comanda as operações no centro do terreno (enquanto lhe sobraram as forças) e Fernando foi o atacante que mais complicações trouxe à defensiva visitante. Tudo isto (digamos) é muito pouco: quando os nabantinos são obrigados a correr com a bola, pois o desgaste físico apossa-se da maior parte dos seus elementos e o esforço fica sem efeito.

Valeu ao União de Tomar a tarde desastradíssima da defesa do Barreiro, que não terá estado práticamente bem em nenhum lance: Luis Mira e Bandeira não meteram susto a ninguém, Romão esqueceu-se de que a sua posição era no lado direito e Patricio andou perdido no meio dos seus colegas de sector. Um enervadíssimo Valter e um inconsequente José João não são os companheiros ideais para Rogério: o único barreirense que «vai a todas e consegue balancear o meio campo da turma da outra margem. Câmpora é «um homem só» no ataque do Barreiro, pois nem o «goleador» Serafim, nem o codicioso Malagueta lhe conseguem chegar aos calcanhares em toque de bola.

Muita sorte teve o União de Tomar em conseguir vencer o Barreirense por três bolas de diferença e, voltamos a repeti-lo, Rosa Nunes foi um precioso auxiliar. A vida calma não ficou ainda resolvida para os rapazes de Tomar e torna-se urgente algo se modifique. O problema está em saber como. Quando nos lembramos que o União de Tomar possui nos seus quadros apenas dezasseis jogadores com nível para se apresentarem na 1.ª divisão... Mas, vamos a ver: Cabrita, (outro algarvio) ainda pode fazer o «milagre».

HENRIQUE COSTA

Beira Mar, 1-Académica, 0

Quem dá força à Académica?

Ainda estamos sem perceber porque é que o Beira Mar e a Académica jogaram tão encolhidinhos nos seus meios campos. Seria pelo frio que a tarde de ontem nos trouxe? Se assim foi, está certa a maneira de actuar das duas turmas. De outro modo, tiveram muito respeitinho uma pela outra. Mas, como quem não se arrisca não petisca, apenas aconteceu um golo: e este para o lado do Beira Mar que foi, mesmo assim, a equipa que por vezes se esqueceu da lição no balneário e foi por ali abaixo. E, então, quando isto acontecia, era um ver-se-te-avias na defesa da Académica: onde apareciam seis ou sete homens, para evitarem que Melo fosse buscar alguma bóla ao fundo das redes.

Era um futebol regressivo. E os dois guardiões quase que apanharam mais bolas enviadas pelos colegas do que rematadas pelos adversários. Assim, não. Assim, não se podem ganhar desafios: quando dos dois pontos tanto precisava a Académica. Mais até do que o Beira Mar. A nosso lado, houve um colega que disse: «isto parece uma partida de andebol de sete». A definição estava certa: só que, a partir dos 60 minutos, o Beira Mar verificou que estava sòzinho no seu meio campo — pois que alguns homens de Coimbra já nem corriam, porque o **gás** tinha ido todo na primeira parte. Então, os aveirenses (mesmo com Cleo e Inguila muito quietinhos nos seus lugares) foram um pouco por ali abaixo e lograram marcar um golo, num «balão» de Colorado a que Nélinho deu classe no seu remate sem preparação. E, mesmo que, aqui e além, o esférico viajasse até Domingos (Manuel António, por duas vezes, poderia ter empatado a partida), pressentia-se que o vencedor estava encontrado. E isto porque os defesas do Beira Mar nem precisavam de correr muito para impôr a sua lei, nem a Académica lograva outro jogo que não fosse o pontapé para o barulho: onde as três «torres» de Aveiro (Inguila, Soares e Marques) agradeciam, veneradores e obrigados.

Enfim, são sistemas. E, quando cada um dá o que tem, a mais não é obrigado. Ontem, talvez que fossem os técnicos os culpados. Às vezes é o contrário... Como o Beira Mar foi o mais forte nos remates, teve a bola mais vezes em seu poder, e aguentou mais tempo, foi justo que se lhe tivesse entregue a vitória alcançada, que começou por ser discutida, num lance (30 minutos), quando Manuel António conseguiu um golo que o fiscal de linha (com a concordância do árbitro) não sancionou e que levantou muitos protestos dos jogadores visitantes.

Como se comportou o árbitro, num jogo destes, em que duas falanges estiveram empatadas em número de milhares? Pois o juiz Francisco Lobo esteve bem. E, ao contrário de alguns jogadores, até correu muito. Se não fosse ele, que seria de Melo, quando correu desenfreadamente atras de Nélinho? Portanto, boa nota: técnica e cívica.

Depois dele, os jogadores em evidência: Jerónimo, Marques, Soares e Almeida (no lado de Aveiro) e Gervásio, Vitor Campos, Alhinho e Vala (por banda de Coimbra).

José Naie

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	–	–	435$
Cons 3 %	456$5	–	456$5
Cons 3 1/2	557$	–	557$
Centenarios	1.284$	–	1.284$
Tes 5 % 57	–	1.006$	–
Tes 5 % 59	–	–	1.008$
Exter 1ª s	590$	–	–
Extern 1ª c	–	590$	600$
Extern 3ª s	–	785$	800$
Extern 3ª c	–	810$	–
Caut 3ª s	–	167$	–

FUNDOS PÚBLICOS

Ax Lx 6 %	–	945$	–
C M L 5 3/4	–	1.000$	–
C P 5,5 % — 67	920$	–	930$
C. P 5,5 % — 68	–	–	960$
C P 5,5 % — 69	–	–	960$
Corr 5 3/4 %	940$	930$	940$
Metr 5 3/4 %	–	–	960$
Tur 5 3/4 %	–	1.005$	–

ELÉCTRICAS

G. 5 % — 58	800$	780$	800$
G. 5 % — 59	–	780$	800$
G. 5 % — 62	–	960$	–
G. 5 % — 63	–	950$	985$
G. 5 % — 64	–	–	985$
G. 5 % — 65	–	–	985$
G. 6 % — 67	–	–	995$
G. 6 % — 69	–	–	995$
H E A A 5 %	–	–	780$
H E C. 5 %	790$	790$	795$
H E C 6 %	–	970$	–
H E D 5 %	–	790$	800$
H E D. 6 %	970$	970$	980$
H E N P 5 %	–	–	–
H E S E 5 %	–	920$	–
H E S E 6 %	–	950$	–
H E Z 5 % — 57	–	–	–
H E Zêz 6 %	–	–	–
N Elec 5 %	–	–	800$
N Elec 6 %	–	930$	950$
Termoel 5 %	815$	–	815$
U E P 5 % — 60	–	–	750$
U E P 5 % — 63	–	–	–
U E P 6 %	–	–	–

DIVERSAS

A P T 5 % — 56	–	–	895$
A P T 5 % — 58	–	–	895$
Lisnave 6 %	–	965$	980$
Nitratos — 60	–	–	–
Pet. 2ª e 3ª	885$	880$	890$
P. Celul 5 %	–	–	–
Sacor 5 % — 54	–	–	–
Sacor 5 % — 60	–	–	–
Sid. 5 % — 2.ª	–	–	800$
Sid 5 % — 3ª	–	–	–
Sid. 5 % — 4.ª	–	–	–
Socel 5 %	–	–	–
U. Fabril 67	–	950$	960$
U. Fabril 68	–	945$	–

ULTRAMARINAS

Carbonif. 5 %	–	600$	–
Rev 5 % -57	–	700$	–
Rev 5 - 59/60	–	700$	–
Moçamb 5 %	–	470$	–
Sonefe 5 %	–	–	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2.825$	2.825$	2.830$
Alentejo	1.315$	1.310$	1.315$
Angola	3.590$	3.580$	3.600$
Cred Predial	6.600$	6.600$	6.700$
Esp Santo	8.850$	8.850$	8.860$
Fomento	4.400$	4.395$	4.400$
F & Burnay	–	35.000$	38.000$
N. Ultr m	5.470$	5.470$	5.480$
N Ultr c	5.960$	5.960$	5.970$
Portugal n	–	–	4.900$
Portugal p	6.100$	6.080$	6.200$
P Atlântico	9.500$	9.490$	9.600$
Totta & Açores	6.195$	6.195$	6.200$
Borges & Irmão	7.850$	7.800$	–
Algarve	1.600$	1.590$	1.600$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	3-4-72	7-4-72	10-4-72
GERAL	183,7	184,9	186,0
METROPOL	184,7	186,1	187,3
ULTRAM	176,3	176,2	176,6

De Seguros

Alentejo	146$	146$	147$
Bonança	–	–	–
Mundial	1.310$	1.305$	1.310$
Soberana	–	–	–
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1.160$	1.155$	1.160$
C P E n	1.120$	1.119$	1.120$
E Beiras	–	1.830$	1.840$
G Elec c	362$	3.615$	362$
H E A A	190$5	190$5	191$
H E N P	235$	235$	240$
H E S E	–	1.850$	1.950$
U E P.	203$	202$	204$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.270$	1.265$	1.270$
Ag Incomati	–	2.700$	2.800$
Ag S T. e P	–	175$	–
Aç Angola	–	1.000$	1.020$
Alg. Angola	–	220$	–
Ang Agric	–	710$	730$
Boror	–	–	–
Boror Com	–	–	77$
Buzi	83$	83$	84$
Cabinda	139$	138$	140$
Com Lobito	–	840$	–
D A — T 100	2.010$	2.000$	2.010$
H E Revué	–	–	–
I do Princ	–	–	–
Moçambique	–	–	170$
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p	–	385$	395$
Zambézia	–	63$	–

Diversas

Ag Lx ant	–	–	–
Ag Lx — 34	430$	430$	440$
Ag Lx — 36	–	400$	–
Cel Guadiana	5.200$	–	–
C Leiria p	5.350$	5.300$	5.400$
C Tejo p	13.200$	13.200$	13.200$
F Ramada	–	–	–
Fornos Eléct	138$	138$	140$
P. Celulose	3.970$	3.970$	4.000$
Siderurgia p	4 550$	4.550$	4.580$
Siderurgia n	2.920$	2.915$	2.935$
Socel	3.750$	3.700$	3.750$
Cidla	6.800$	6.750$	6.900$
C U F	3.160$	3.160$	3.170$
Intar	551$	550$	555$
Nitratos	–	1.100$	–
Petroquimica	1.150$	1.150$	–
Sacor	3.180$	3.180$	3.200$
Tab Portugal	–	–	–
Tabaqueira	–	7.250$	–
U F. Azoto	910$	910$	915$
Empor	–	–	–
Ind Aliança	–	–	–
I P Colón	–	–	–
Nac. Naveg	7.100$	7.050$	7.100$
Naveg (Col)	2.450$	2.450$	2.460$
P Pesca	–	1.000$	1.110$
R Marconi	2.100$	–	2.100$
T A P	1.250$	1.240$	1.260$
Salvor	–	1.400$	–
T. Penina	–	–	1.400$
Compal	670$	650$	700$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

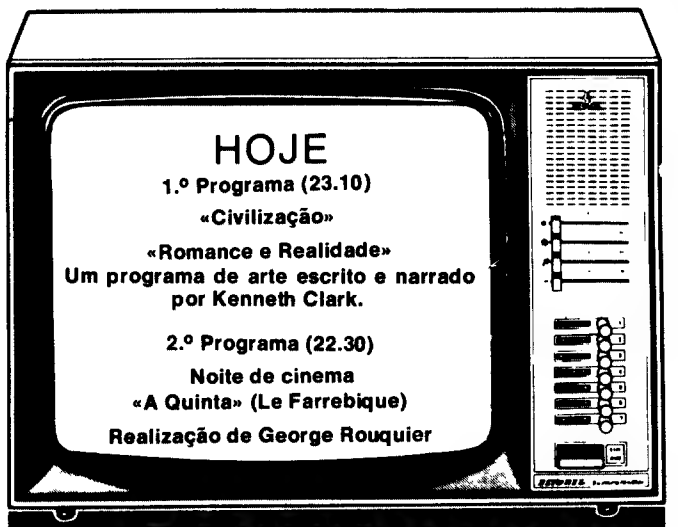
Atlântico	–	226$00	233$50
F I D E S	–	–	–

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	30$00	33$00
Alemanha - Marco	8$35	8$65
America		
Dollars de 1 e 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina - Peso Novo		
Austria - Schiling	1$16	1$21
Belgica Franco	$60	$63
Brasil - Cruzeiro	3$70	4$70
Canada - Dolar	26$50	27$30
Dinamarca - Coroa	3$70	4$00
Espanha - Peseta	$40,7	$42,7
França - Franco	5$30	5$60
Holanda - Florim	8$30	8$60
Inglaterra - Libra	70$00	72$00
Italia - Lira	$04,45	$04,75
Marrocos - Dihran	5$10	5$60
Noruega - Coroa	3$90	4$20
Suecia - Coroa	5$45	5$75
Suiça - Franco	6$93	7$18
Ouro		
Inglaterra - Libra Isabel	350$00	370$00
Inglaterra - 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino Barra	42$50	44$50

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel 366066/7
Telegr ALMEIRO Telex 470 ALAPIP

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série — «Uma Mãe para Eddie»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta aberta
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Série de aventuras — «Na Terra do Arco Iris.
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Conversa do Presidente prof. dr. Marcello Caetano sobre a viagem do chefe do Estado ao Brasil.
22.30 Concurso «O jogo do Galo»
23.10 Civilização
23.55 Telejornal — últimas notícias
00.00 Meditação e fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Filme de série — «Uma Mãe para Eddie»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Conversa do Presidente do Conselho prof. dr. Marcello Caetano sobre a viagem do chefe do Estado ao Brasil
22.30 Noite de cinema «A Quinta». (Le Farrebique).

AMANHÃ

1.º Programa
12.45 Abertura
12.46 Desenhos animados — Tomek e o seu cão
13.00 ABC
13.15 Telejornal — 1.ª edição
14.00 O Livro à Procura do Leitor — Um programa de Manuel Poppe
14.15 Logo à noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Momento desportivo — Um programa de Actualidades Desportivas
20.30 Série comédia — «Casei com uma Feiticeira»
21.00 A Terra, o Mar e a Gente — Um programa de Helder Mendes
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Semente do ódio»
23.40 Telejornal — últimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 O Livro à Procura do Leitor
21.00 Filme de série — «Os Meus Sobrinhos»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Carta de Espanha
22.15 Série de aventuras — «A Brigada dos Sortilégios»
23.05 Vivendo o futuro — Locução de Gina Esteves
23.20 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões a Norte do Tejo e pouco nas regiões a Sul do mesmo rio; chovia em algumas regiões do Norte e o vento era fraco amoderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	9º
PENHAS DOUR.	0.º
COIMBRA	8º
PORTALEGRE	6.º
LISBOA	12º
FARO	13º
FUNCHAL	14º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Monte Estoril
Máxima 19,5º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 3,5º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,8º
Atmosfera 12º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.01	3,5 m	7.00	1,1 m
13.36	3,5 m	19.19	1,1 m
Dia 11			
1.53	3,7 m	7.48	0,8 m
14.24	3,7 m	20.07	0,8 m
Dia 22			
2.42	3,9 m	8.33	0,6 m
15.09	3,9 m	20.51	0,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado nas regiões a Norte do Sistema Montanhoso montejunto-Estrela onde há possibilidades de chuva fraca ou chuviscos a Sul do referido sistema montanhoso;

AMANHÃ

Nascer às 7.07
Ocaso às 20.09

Dia 13 | Dia 20 Dia 28 Dia 6

rádio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Noticiário
16.05 Convívio, programa da Juventude.
17.30 Falcão, programa juvenil, por Odette de Saint-Maurice
18.05 Música sem palavras
18.30 Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 Música portuguesa
20.00 Diário sonoro
20.30 4.º episódio do folhetim «O Colar da Rainha»
20.50 O pianista Pepe Jaramillo
21.00 Momento 72
21.20 Grande desfile
22.20 O homem e a sociedade, pelo dr. Ferreira de Almeida
22.40 Fados por Maria do Espírito Santo
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correira
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Fernando Correia.
02.00 Fecho.

2.º Programa
16.00 Selecção de ópera «Aida» de Verdi
17.00 Quarteto n.º 1 em ré maior op. 11, de Tchaikowsky.
17.30 Música de tecla
18.00 Antologia sonora: Glória a sete vozes de Monteverdi
19.05 Poesia, música e sonho, por Manuel Trigueiros
19.30 Música coral sinfónica: Te Deum em dó maior, de Haydn
20.00 Diário sonoro
20.20 Sonata, de Hindemith, pelo harpista Nicanor Zabaleta
20.35 Ciclo de melodias
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico MF 2
21.00 Música ligeira variada
22.00 Ópera: «Pélléas et Mélisante» de Debussy.
00.40 Partita n.º 2 em dó menor, BWV 826, de Bach, pelo cravista Helmut Walcha.
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
16.04 Programa CDC
18.00/21.00 Programa Movimento
21.30 Alegria no trabalho
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca. toca
23.05 Grande roda
00.02 «P.B.X.»
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência
16.04 Programa C.D.C.
17.17 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora
02.00 Prespectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA
16.00 Radiorama
18.00 Orquestras (apontamento Regina)
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.05 Boa nova
19.30 Página 1
20.58 Meditando
21.02 Programa dos sócios.
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Só música
23.00 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 11.00 e das 19.00 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318).

ALCÂNTARA:
Probidade, R. de Alcântara 15-A (Tel. 638589); **Infante Santo,** Rua do Olival, 290 (te. (661003)

ALFAMA:
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360).

ALTO DO PINA
Eusébio, Rua Barão Saborosa, 104 (Tel. 841912).

ALVALADE:
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (Tel. 765262); **Alentejo,** Avenida da Igreja, 28-B (Tel. 712682); **Belo,** Avenida de Roma, 53-A (Tel. 776314); **Estados Unidos,** Avenida dos Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725859).

AMEIXOEIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969).

ANJOS:
Guerra, Rua Andrade, 32 (Tel. 845513).

AREEIRO:
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820).

ARROIOS:
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-31 (Tel. 46843).

AVENIDAS NOVAS:
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (Tel. 763016); **Cardoso,** Avenida Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República) (Tel. 772291); **Saldanha,** Avenida Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938).

BAIRRO ALTO:
Durão, Rua Garret, 90 (Tel. 324166).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216).

BAIXA:
Frazão, Rua das Portas de Santo Antão, 72 (Tel. 328180).

BENFICA:
Marques, Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096); **Vilex,** Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548); **São João,** Estrada da Luz, 124-A (Tel 783179).

CAMINHOS DE FERRO:
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 480125).

CAMPOLIDE:
Imparcial, Rua General, Taborda, 28 (Tel. 680931); **Rualto,** Alto de Carvalhão, 5-B (Tel. 651721).

CAMPO DE OURIQUE:
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 66606); **Almeida,** Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726).

CHARNECA DO LUMIAR:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 324166).

CHIADO:
Durão, Rua Garrett, 92 (Tel. 324166).

CONDE REDONDO:
Branco, Avenida Duque de Loulé, 61 (Tel. 45048).

ESTRELA:
Gama, Calçada da Estrela, 130 (Tel. 660339).

GRAÇA:
Monte (do) Rua Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); **Progressiva,** Rua de Santa Marinha, 18 (Tel. 863619).

GRILO:
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).

LUMIAR:
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel 790332).

MADRAGOA:
Lys, Rua da Esperança, 17 (Tel. 660913).

OLIVAIS:
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (Tel. 311091); **Central,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tel. 315539).

PEDROUÇOS
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira 11-C (Tel. 610741).

PENHA DE FRANÇA:
Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533).

PICHELEIRA:
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728391).

RESTELO:
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

SANTO AMARO:
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070).

S. MAMEDE:
Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (Tel. 325455).

S. PAULO:
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99-101 (Tel. 321771).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Sírius, Rua Fialho de Almeida, 38-A (Tel. 44000).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)
ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Novas,** Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); **Campos,** R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Clabel,** R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551).
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231)
QUELUZ
Zeller, R. da Republica, 83 (Tel. 950045); **Correia,** L do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândiso dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva 116 (Tel. 2273035)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 274256)
MOITA
Silva Rocha, R. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Tel. 23032)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (Tel. 22488)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; **Azevedo (de)** Rua do Meiral, 503; **Gomes Ferreira,** Rua Faria Guimarães, 449; **Nau Vitória,** Rua Nau Vitória, 723; **Ordem da Trindade,,** Rua Her. e Márt. Angola, s/n; **Terreiro,** Rua da Reboleira, 21

SUB-TURNO B

Antas (das), Av. Fernão Magalhães, 1076; **Ant. Porta do Olival,** C. Mártires da Pátria, 122; **Falcão,** Rua de Santo Ildefonso, 61; **Ferreira,** Praça D. Afonso V, 55-B; **Lousada,** Largo do Campo Lir[illegible], 62

COIMBRA

Machado, Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 23767); **Sitália,** Largo da Sé Velha, 13 - 14 (tel. 23234); **Luciano & Matos,** Rua da Sofia, 7 (tel. 22147).

cinemas ● cinemas ● cinemas

S. JORGE (Tel 5453)
15.15-18 15-21.30
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana Sidney Poitier em «A ORGANIZAÇÃO» um filme espectacular

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A NOITE FEZ-SE PARA AMAR» com Warren Beatly e Julie Christie.
Quinzenas do bom cinema francês. Hoje às 18.30 (Adultos) com Jean Paul Belmondo e Anna Karina «PEDRO O LOUCO». 4.ª feira, dia 12 (Adultos) «DUAS HORAS NA VIDA DE UMA MULHER»

LYZ (Tel. 48560)
15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
«O MENSAGEIRO». Filme colorido com Julie Christie e Alan Bates

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos)
«PARIS VISTO POR... «com Erich Rohmer, Claude Chabrol Jan-Lue Godard, Jean-Daniel Pollet, Jean Rouch e Jean Douchet

ODEON (Tel 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (4 anos)
8.ª Semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º A comédia mais atrevida e escandalosa do ano a história de um costureiro efeminado com Alfredo Canda, Jean Borel, Ira de Fustenberg e Isabel Garcês

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15-21.45
(Grupo D - 18 anos)
7.ª Semana de êxito com Renato Rascel, G. Granata e C. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO».

LIDO
21.30
(Grupo D-18 anos)
«KLUTE» com Jane Fonda (candidata ao «Oscar»).

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15-18.15-21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A DÉCADA PRODIGIOSA» com Orgon Welles, Marlene Jobert, Michel Piccoli e Anthony Perkins.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 e 21.00
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana «OS DEZ MANDAMENTOS» uma realização de Cecil B. de Mille no maior e mais sensacional filme de todos os tempos com Charlton Heston e Yul Brynner.

LONDRES (Tel. 730579)
14.15 - 15.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
11.ª Semana. Um filme de Andres Cayatte «MORRER DE AMAR» c/ Annie Girardot, Grande prémio do Cinema Francês Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sitio só.

CONDES (Tel. 322523)
21.45 (ESTREIA)
(Grupo B - 10 anos)
«OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO» com Kirk Douglas Yul Bryner e Samanta Eggar. Às 14.15 - 16.30 - 18.45 últimas de «O SALTO DO DO ANJO» (18 anos)

APOLO 70 (Tel. 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
O último filme de Milos Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente).

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 21.45
(Grupo C-14 anos)
«A SOLTEIRONA» com Annie Girardot e Philippe Noiret.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 21.45
(Grupo C-14 anos)
«AQUELA SEXTA-FEIRA.....! «com Ursula Andress e Stanley Baker.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C 14 anos) 5.ª semana
A FONTE DA VIRGEM. O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de ouro de Hollywood

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«A VIRGEM E O CIGANO» Novela de D. H. Lawrence com Joanna Shimkus e «OS INTOCÁVEIS» com John Cassavetes e Britt Ekland. Domingo às 18.30 espectáculo infantil.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
5.ª Semana «O GOLPE» com Jean Paul Belmondo e Omar Shariff.

CASINO ESTORIL (Tel. 264945)
17.00-21.30
Grupo D-(M. 18 anos)
POPSY POP c/ Claudia Cardinale, Standley Baker

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos) 2.ª semana «A MANTA VERMELHA» com Oleg Vidove e Gitte Haenning

EDEN (Tel. 320768)
15.00-18.15-21.30
(Grupo B-10 anos)
«PEDRO O PESCADOR Um Tema bíblico cheio de verdade, coragem e grandeza com Howard Keel e Herbert Lom

VOX (Tel. 720808)
15,15 - 18,30 - 21,45
(Grupo C - 14 anos) 3.ª Semana «O RECADO» O drama de uma geração com Maria Cabral e José Viana

ROYAL (Tel. 885037)
15.00 - 21.00
(Grupo B - 10 anos)
«A ESPADA NORMANDA» com Mark Damon e Kristina Well e «PARIS-ISTAMBUL: SEM REGRESSO» com Ken Clark.

AVIZ (Tel. 47173)
15.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos). 11.ª Semana.
O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos). 2.ª Semana «CASANOVA 70») com Marcello Mastroianni e Virna Lisi. Amanhã às 18.00 e às 22.00 horas «Festival de Teatro Pasiense» (Adultos).

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo B - 10 anos. 2.ª Semana «55 DIAS EM PEQUIM» com Charlton Heston, Ava Gardan e David Niven.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente».

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21.45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virgínia Woolf»

TRINDADE
21.45-18 anos
«A Gaivota»

CAPITÓLIO
20.45 e 23. (18 anos)
«Ora bolas pró pagode!»

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«LAR»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Dança da morte em doze assaltos»

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (18 anos)
«O Mensageiro»

PARIS
21.30 (18 anos)
«O Mensageiro»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Isadora»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«A máscara do monte vermelho»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«A caverna do homem monstro»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Sete vezes sete»

MAYER
21.00 (17 anos)
«Catarina da Rússia»

ARCO-ÍRIS
21.00 (10 anos)
«Águia negra o cossaco»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora»

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (18 anos)
«Popsy Pop»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Basta olhar»

AMADORA
Lido
21.30 (18 anos)
«Klute»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«O Director Descalço)

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«E há-de chegar o dia da vingança»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«OS DEZ MANDAMENTOS»

TRINDADE
21.30 (M. 18 anos)
«A viúva Couderc»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Adeus Columbus»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Nem sempre se pode ganhar» e «Jerry em Londres»

RIVOLI
21.30 (M. 10 anos)
«Incrível aventura»

OLÍMPIA
21.30 (M. 14 anos)
«Matar, fugir ou morrer»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Vejo tudo nu»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O General Della Rovere»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«A Amante»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Ben-Hur»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
Infame mentira

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Uma coisa à sombra das árvores».

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O passado e o presente»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Bananas»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (M 10 anos)
«O catedrático»

BARS BOITES RESTAURANTES DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam: Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Julieta Brigue Zélia Lopes e Maria Jô-Jô. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Tel. 369760.**

ADEGA MESQUITA — Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo: 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307.**

ARREDA — Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.ªs feiras. Consumo mínimo: 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa. Música constante. Encerra às 03,30 horas. **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

TIMPANAS — Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reia, Luís Braga. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo: 62$50 (taxas incl.). **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver). **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º,2.º,E-4.º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS.
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTE INSÓLITO MUNDO

Sempre os mesmos...

O contribuinte da era pré-babilónica já se comportava como o de hoje perante os impostos: tinha as mesmas dores de cabeça, e sentia as mesmas tentações de fraude, segundo a prova feita na Universidade do Illinois por um arqueólogo de grande classe, Shin Theke Kang, coreano, que acaba de decifrar e interpretar uma tábua sumeriana datando de há mais de 4 mil anos.

Essa tábua de argila é, nada mais nada menos, do que a «folha» de declaração de impostos dum lojista do reino de UR (terceira dinastia). À esquerda está o questionário, em caracteres cuneiformes finamente desenhados e à direita o espaço para as respostas está preenchido por alguém enervado, pois as entrelinhas e as emendas das palavras multiplicam-se. Parece mesmo que o «fiscal» terá feito reparos, pelo que o contribuinte emendou as suas primeiras declarações. Não só as respostas sofreram rectificação, faz reparar o arqueólogo coreano, mas o número de impressões digitais na tábua revela que esta foi manipulada com nervosismo. Nota-se mesmo um risco profundo, podendo deduzir-se que alguém zangado tenha vibrado com o entalhador um golpe na tábua.

Cumprirá?

Henry Bell, de 19 anos, foi condenado a mil anos de cadeia por ter violado uma garota de 12 anos.

O júri era constituido por sete homens e cinco mulheres e reduziu a um terço a pena de três mil anos de prisão que fora pedida pelo Ministério Público.

A vítima foi a principal testemunha da acusação.

Brincadeiras proibidas

Dois indivíduos de automóvel perseguidos pela polícia, provocaram um princípio de pânico no bairro velho, dito «Bairro Francês», de Nova Orleães. Na sua louca correria, a mais de 100 quilómetros por hora, mataram um transeunte e feriram dezoito. Dois feridos estão em estado grave.

O carro acabou por capotar e os dois ocupantes fugiram a pé. A polícia prendeu, alguns minutos depois, um rapaz de 16 anos, que acusa de ser o condutor da viatura perseguida.

Os malefícios do tabaco

Dois médicos britânicos afirmaram terem descoberto um novo malefício do tabaco - o cianeto.

No «British Medical Journal» os drs. John McGarry e Joan Andrens, obstetras e ginecologistas, assinam um artigo em que dizem que o cianeto do fumo do tabaco pode ser a razão pela qual as mães que fumam muito durante a gravidez têm bebés muito pequenos. O organismo para se libertar desse cianeto tem de esgotar as suas reservas de vitamina B12.

Nas mulheres abrangidas pelo estudo, os médicos verificaram que as fumadoras tinham menos reservas da vitamina. E as que tinham bebés muito pequenos apresentavam um nível particularmente baixo.

AUTOMOBILISMO-RALLYE ÀS ANTAS

MAIS LOUROS PARA A.C. OLIVEIRA "DATSUN 240Z"

Superando todas as dificuldades impostas por uma prova muito bem estruturada e que as condições metereológicas vieram ainda agravar mais, António Carlos Oliveira (Datsun 240 Z) venceu o Rali às Antas, à frente do seu colega de «team» Giovanni Salvi, que foi o segundo, tripulando um carro igual. O terceiro lugar foi para Américo Nunes (Porsche 911 S), desta vez creditado com uma actuação mais destacada mantendo-se até final na luta pelo primeiro lugar. No Grupo Luís Netto voltou a ganhar e com este resultado não só está à frente do Campeonato no seu Agrupamento como é o mais pontuado de todos. Por sua vez Jorge Nascimento foi o vencedor do Grupo 2 onde não encontrou pràticamente oposição depois da desistência de César Torres.

A prova iniciou-se no sábado à tarde com 38 equipas à partida, que sairam do Porto pela ordem dos tempos obtidos na prova de classificação do Estádio das Antas, ganha por António Carlos de Oliveira com 1.22,5, seguido de Américo Nunes que gastou mais 1,9 s. e Carpinteiro Albino com 1.27,67. Giovanni Salvi fez mais dois centésimos, obtendo a quarta posição. Escalonar posições de partida era, de resto, o interesse maior desta prova visto as pequenas diferenças estabelecidas desaparecerem ràpidamente logo nas primeiras provas classificativas disputadas na estrada.

Até às proximidades de Arouca os concorrentes não encontraram dificuldades. O tempo estava seco e a visibilidade era total, condições que iriam manter-se apenas até ao fim da primeira etapa.

A prova iniciava-se pràticamente com o troço cronometrado da Serra da Freita na extensão de 13 km. Logo aí começou a verificar-se a supremacia de António Carlos Oliveira ao fazer 11 m. 29 s., ganhando 18 segundos a Américo Nunes, que foi o segundo. O terceiro tempo foi obtido por António Cabrita com 11 m. 52 s.. Seguiram-se Jorge Nascimento (12.04), Conde Botelho (12.05) e Giovanni Salvi (12.10). Entretanto, logo no início deste troço, verificava-se o abandono de António Borges, por avaria, e Teresa Torres, devido a uma «panne» eléctrica provocada por uma supressora, já não fez a prova seguinte. António Silva (Opel) desceu durante mais de 4 quilómetros com o carro desligado por se ter partido a articulação do acelerador, motivo que o levaria também à desistência.

Nos troços de ligação, percorridos à média de 50 km/h não surgiram quaisquer dificuldades aos concorrentes a não ser as que derivaram das avarias.

No Ladário, mais 12 km de estrada florestal, foram bem aproveitados por António Carlos Oliveira para ganhar mais uns segundos. Fez 10 m. 21 s.. Giovanni Salvi, já a andar melhor, gastou mais 3 segundos, enquanto Américo Nunes fez 10 m. 34 s.. Conde do Botelho foi o melhor do Grupo 1 gastando 10 m. 42 s..

A luta pelo primeiro lugar começava a definir-se entre António Carlos Oliveira, Américo Nunes e Giovanni Salvi. No Grupo 1 havia mais competição. Luís Netto, Carpinteiro Albino, Mário de Figueiredo e Conde do Botelho eram os mais rápidos. No Grupo 2 Jorge não mostrava outras ambições além de chegar ao fim, já que deste modo a vitória surgir-lhe-ia naturalmente.

A Serra do Préstimo, quarta classificativa, proporcionou de novo o melhor tempo a António Carlos Oliveira com 13 m. 30 s. segùido de Américo Nunes em 13 m 47 s. e, em plano de evidência, Conde Botelho, fazendo em 14 m. 10 s. o melhor do Grupo 1. Giovanni Salvi perdeu 50 segundos em relação a António Carlos e 33 em relação a Américo Nunes..

A última prova de classificação da primeira etapa disputava-se na Serra do Caramulo, na extensão de 7 km e foi assinalada por um despiste de Rui Gonçalves que abandonou embora nada sofresse bem como o seu coéquipier. Entretanto César Torres desistia também supomos que com o carter partido. Aqui o mais rápido veio a ser Giovanni Salvi que fez 8 m. 35 s., seguido de António Carlos Oliveira (8.40) e Américo Nunes (8.41). António Cabrita e Gomes Pereira fizeram ambos 9 m. 01 s. e Luís Netto e Heitor Morais creditaram-se também com tepos «ex-aecquo» de 9.08.

Das 38 equipas saídas do Porto chegaram 32 a Campo de Besteiros, final da primeira etapa, onde muito público e um ambiente de grande animação aguardava os concorrentes.

PENOSA SEGUNDA ETAPA

Às 23 horas começava a segunda etapa que levaria os concorrentes até ao Porto, mas agora com maiores dificuldades visto a média ser de 60 km/ o que já dava hipótese de alguns penalizarem nos sectores de ligação. Entretanto começou a chuviscar. A princípio algumas gotas e pouco depois veio um autêntico temporal com grandes bátegas de água, nevoeiro e muito vento. Isto veio dar um aspecto novo à prova colhendo os concorrentes de surpresa. Mas, se as dificuldades aumentaram, a falta de visibilidade provocada pelo nevoeiro nivelou mais os andamentos impedindo os mais rápidos de exprimirem todas as suas possibilidades. O percurso era o inverso da primeira etapa. Logo à saída disputou-se a 7.ª prova classificação (Caramulo) onde António Carlos Oliveira voltou a marcar superioridade fazendo o tempo de 7 m. 02 s.. Apenas a 2 segundos classificou-se Américo Nunes a fazer a sua melhor prova da temporada. Giovanni Salvi gastou 7 m. 11 s. e logo a seguir colocou-se Gomes Pereira com 7 m. 32 s. As classificações começaram no entanto a ficar mais oscilantes porque, aos tempos das classificativas juntavam-se já penalizações de estrada, algumas bastante elevadas. As desistências aumentaram também. Cerca de um quilómetro depois do 7.º troço, já no alcatrão, ficou o dr. Ruella Ramos, por despiste devido a falta de visibilidade numa zona de nevoeiro cerradíssimo.

Giovanni Salvi começou pouco a pouco a consolidar o segundo lugar em que terminaria ganhando a 8.ª prova de classificação (Serra do Préstimo) com 9 m. 10 s.. António Carlos Oliveira gastou mais um segundo e Américo Nunes mais três. Isto diz bem da maneira como a prova estava a ser disputada. João Nabais e Manuel Consta juntam entretanto os seus nomes na lista dos desistentes.

De novo no Ladário, é a vez de Américo Nunes tentar tudo por tudo. Ganha o troço com 16 m. 21 s. Giovanni não conseguiu melhor que 16 m. 57 s. Gomes Pereira Netto, com 16 m. 59 s. e 17 m. 01 s. respectivamente intercalam-se entre António Cabrita e António Carlos Oliveira que fazem 17 m. 05 s.

Na penúltima classificativa, na Serra da Nespereira, António Carlos de Oliveira foi outra vez o mais rápido com 12 m 48 s. seguindo-se, surpreendentemente, Luís Netto com mais 12 segundos. Já perto do fim, Armando Santos, que se vinha queixando de não ter travões acabou também por desistir.

O último troço foi ganho também por António Carlos de Oliveira.

Ao Porto chegaram 21 equipas mas 6 tinham já penalizações para além da tolerância sendo eliminadas.

Estavam neste caso Rodrigues de Carvalho, Carlos Fonseca, Raposo de Magalhães, Carlos Pinto, Jaime Benitez e Hermínio Venâncio.

Carlos de Oliveira o vencedor do Rali

PROVA MODELO

Foi, em nossa opinião, a melhor prova de campeonato disputadaesta época e não hesitamos em considerá-la uma prova modelo, apontando-a aos organizadores que pretendam valorizar as suas competições.

E talvez isso tenha contribuído muito para a competividade que a caracterizou, proporcionando luta em todos os agrupamentos entre um razoável número de pilotos todos em condições de alcançarem a vitória.

AUGUSTO VILELA

CLASSIFICAÇÕES

GERAL — 1.º, António Carlos Oliveira-«Barata» (Datsun 240 Z), 7007,25 pontos; 2.º, Giovanni SMALVI Nogueira da Silva (Datsun 240 Z), 7225,69; 3.º, Américo Nunes-Fernando Fonseca (Porsche 911 S), 7263,49; 4.º, Luís Netto-A. Domingues (Fiat 125 S), 7400,39; 5.º, Carpinteiro Albino-Assis e Santos (Fiat 125 S), 7987,65; 6.º, Mário de Figueiredo-C. Barata (Fiat 125 S), 8078,22; 7.º, Jorge Nascimento-Jorge Alves (BMW 200002), 0135,39; 8.º, David Cabral-D. Mota (Datsun 1600 SSS), 8603,14; 9.º, Heitor Morais-A. Roxo (Fiat 125 S), 8720,26; 10.º, A. Teixeira-J. Teixeira (Toyota), 8728,30.

GRUPO 1 — 1.º, Luís Netto-A. Domingues; 2.º, Carpinteiro Albino-Assis Santos; 3.º, Mário de Figueiredo-C. Barata; 4.º, David Cabral-D. Mota; 5.º, Heitor Morais-A. Roxo.

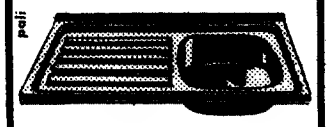
GRUPO 2 — 1.º, Jorge Nascimento-Jorge Alves; 2.º, «Zebedeu»-«Zaratusta», (Datsun).

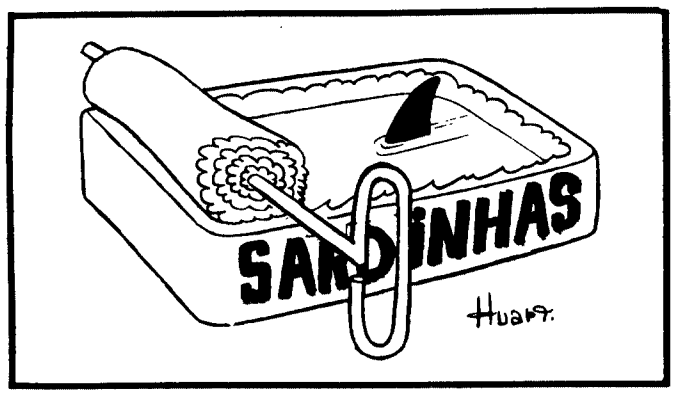
GRUPOS 3, 4 e 5 — 1.º, António Carlos Oliveira-«Barata»; 2.º, Giovanni Salvi-Nogueira da Silva; 3.º, Américo Nunes-F. Fonseca; 4.º, «Argon»-Silva Carvalho; 5.º, Rui Soúto-Eduardo Cid.

GRUPO C-14 ANOS • A SEGUIR NO estúdio

JOVENS
mínimo 5.º ano livres. Telefone hoje das 18 às 20 h. e amanhã das 12 às 14 h. p/ 561763.

Boutique Jo
ACABAM DE CHEGAR
NOVAS COLECÇÕES
PRIMAVERA VERÃO
Rua João Anastácio Rosa, 2-B
Telef. 67 69 10
Rua Serpa Pinto, 14-1.º
Telef. 32 08 43

Teka

LAVA LOUÇA
INOX 18/8
FABRICADO POR
Teka-Hergóm
REPRESENTANTE
ANSELMO SANTOS
AVEIRO — AV. ARAÚJO E SILVA, 109
LISBOA — R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS



DL MAGAZINE

UM CRUZADO CONTRA A CORRUPÇÃO

WASHINGTON — **Presentemente, Jack Anderson vive uma existência extremamente agitada. O mais famoso investigador e denunciador de casos de corrupção em toda a América afirma: «No nosso sistema, o jornal é o cão de guarda. Há outros jornais que desempenham essa função mas se limitam a ladrar um pouco. Eu mordo!» E não restam dúvidas de que este cruzado mórmon, que trava uma batalha contra a corrupção, tem efectivamente mordido.**

Por
ADAM
RAPHAEL
«The Guardian»/«DL»

Jack Anderson: 48 milhões de leitores

UM IMPÉRIO

Duas comissões senatoriais estão presentemente a efectuar um inquérito acerca da torrente de documentos que ele obteve dos arquivos confidenciais da «International Telephone and Telegraph», nos quais estão implicados, entre outros, a C. I. A., o Departamento da Justiça e o partido republicano, em conspirações que vão desde Santiago a San Diego. O Departamento de Estado ficou profundamente embaraçado com a acusação de que o embaixador dos Estados Unidos em Paris, Arthur Watson, se **«embebedou escandalosamente»** e começou a meter notas de vinte dólares pelos decotes das hospedeiras de bordo, durante uma recente deslocação aos Estados Unidos a fim de se avistar com o Presidente. A Casa Branca, por seu turno, está ainda a recompor-se do choque provocado pela divulgação de documentos altamente secretos do Conselho de Segurança Nacional que chegaram ao conhecimento de Anderson. As revistas **Timee Newsweek** dedicaram recentemente algumas páginas a um dos homens que presentemente é alvo de maior curiosidade por parte do público norte-americano. Finalmente, a CBS passou um documentário com a duração de uma hora sobre Andreson.

A vida nem sempre foi fácil para este homem, que começou a sua carreira de jornalista com a idade de onze anos, fazendo a reportagem de acontecimentos escutistas. Há 20 anos, foi apanhado em flagrante a colocar um microfone na suite de hotel de um famoso homem de negócios, e a reputação um tanto desfavorável que adquiriu nessa altura não se desvaneceu tão cedo, agravada aliás por uns modos impetuosos e uma atitude por vezes altiva perante os factos. Agora, porém, não há dúvida de que a sua situação melhorou consideràvelmente. «Washington Merry-go-round» título dos seus artigos diários, é publicado em mais de 700 jornais de todo o mundo. Por outro lado, são-lhe dedicados, nos Estados Unidos, um programa de televisão nocturno e uma emissão de rádio de 15 minutos. Finalmente, encontra-se vinculado a uma revista por um contrato que lhe rende anualmente 40 mil dólares.

Este voraz império de múltiplos meios de informação é alimentado pelos contactos que Anderson conseguiu estabelecer durante mais de um quarto de século, através da exploração dos insalubres caminhos secretos da Washington oficial e não oficial. Grande parte dos seus artigos e quase todos os seus documentos, afirma, são, provenientes destes contactos, mas cerca de 300 cartas diárias, muitas delas contendo informações, são cuidadosamente analisadas e grande parte arquivada sob o título «problemas duros».

OS SEGREDOS

Seja qual for o motivo das suas fontes — e Anderson admite que se trata muitas vezes de rancor, vingança, ciúme e lutas burocráticas — elas divulgam-lhe alguns dos segredos de Washington. Os seus artigos constituem leitura obrigatória para congressistas, jornalistas e burocratas. O seu estilo, no dizer do próprio Anderson, é **«impetuoso, irreverente, impudente e simplista»**.

Um exemplo típico da sua técnica impiedosa é esta passagem extraída de um dos mais recentes artigos: **«A Casa Branca, na tentativa de nos desacreditar e disfarçar o escândalo da I. T. T. prossegue uma campanha secreta... dezenas de detectives do governo, ajudantes do Presidente e lacaios políticos receberam instruções para nos espiarem, prepararem ataques contra nós e inventarem histórias na imprensa para nos desacreditarem... é esta a incrível realidade dos bastidores...»**

«Escrevemos para 45 milhões de pessoas», declarou ele ao autor deste artigo, quando o visitei recentemente no seu escritório pegado de documentos. **«Recebemos cartas de apoio de leitores que são pràticamente analfabetos e dificilmente percebem do que estamos a falar. A razão pela qual chegamos até eles é porque simplificamos e explicamos os assuntos de modo que os possam compreender.»**

Os inimigos de Anderson, e é fácil admitir que conta muitos, afirmam que ele não só simplifica os factos mas também os deturpa e suja até os tornar pràticamente irreconhecíveis. Dizem igualmente que Anderson não só incomoda os poderosos, mas que os seus artigos esmagam descuidadamente os quase insignificantes.

AS DÚVIDAS

O próprio Anderson admite que isso acontece por vezes, recordando as consequências de um seu artigo que levou o Departamento da Justiça a intentar um processo contra dois homens de negócios acusados de desfalque. Ambos se suicidaram. **«Se soubesse que resultaria na morte dos dois homens não teria publicado o artigo»**, disse ele. Mas as dúvidas não assaltam frequentemente este enérgico repórter, que conseguiu subir até ao cimo do poste mais escorregadio da sua profissão pelo próprio esforço. **«Sou da opinião de que um cargo público tem a confiança da nação e aqueles que não são dignos de confiança devem ser denunciados»**.

NAS PÁGINAS CENTRAIS

GOLPE SOBRE GOLPE EM GANA

DL MAGAZINE

Por WILLIAM TUOHY «Los Angeles Times»/«DL»

TEMPOS DIFÍCEIS PARA A CRUZ VERMELHA

Após 109 anos de serviço humanitário, a Cruz Vermelha Internacional atravessa um dos períodos mais difíceis da sua existência, alvo de censuras e incompreensão, e devido à natureza diferente da guerra.

Todavia, a Cruz Vermelha, cuja sede, é em Genebra, espera evitar que a situação se deteriore ainda mais e, simultâneamente, estabelecer novas regras para o tratamento das vítimas das guerras.

À medida em que conseguir que as nações do planeta adiram às novas convenções de Genebra para os conflitos dos anos 70, pode bem determinar o derradeiro destino da organização internacional.

No mês de Maio, especialistas de todo o mundo reunir-se-ão em Genebra a fim de tentarem formular novas regras para o tratamento das vítimas dos conflitos de guerrilha e das guerras civis; o objectivo é alargar a tradicional categoria de prisioneiros de guerra de modo que ela inclua igualmente as duas categorias acima, ao abrigo das convenções.

O ACORDO

As dificuldades da Cruz Vermelha em desempenhar a sua tarefa tradicional têm sido enormemente complicadas pelos problemas de conflitos «civis» tais como Nigéria-Biafra, Paquistão-Bangla Desh e os dois Vietnames.

Aquando das convenções de Genebra de 1949, 125 nações assinaram um acordo sobre o tratamento das vítimas de conflitos internacionais. Porém, a interpretação, pelos diversos países, do que constitui uma guerra internacional ou uma guerra civil nem sempre coincide.

Há quem afirme que o papel da Cruz Vermelha na Nigéria, Paquistão e Vietname está longe de ter correspondido ao que dela seria lícito esperar.

Os mesmos críticos dizem igualmente que a Cruz Vermelha degenerou, sendo actualmente dirigida por um pequeno grupo de suíços de expressão francesa, indiferentes às aspirações dos povos negros e amarelos.

Além disso, acusam ainda a Cruz Vermelha de ter hesitado frequentemente nas situações em que era de aconselhar uma acção mais directa e enérgica.

Por seu turno, os funcionários da sede da Cruz Vermelha nesta cidade, conhecida simplesmente pelo nome de «La Maison», insistem em que a organização está a fazer tudo o que lhe é possível a fim de manter o delicado equilíbrio da imparcialidade, neutralidade e independência.

HISTÓRIA

Aquilo a que geralmente se chama Cruz Vermelha Internacional consiste, na realidade, em três organismos com cerca de 225 milhões de membros na sua totalidade.

Em primeiro lugar, há a Comissão Internacional da Cruz Vermelha, organismos exclusivamente suíço cuja missão é fiscalizar as convenções de Genebra, trabalhar no sentido do desenvolvimento da lei humanitária internacional e, em tempo de guerra, servir de intermediário neutral para ajudar os prisioneiros e as vítimas.

Em segundo lugar, vem a Liga das Associações da Cruz Vermelha, com sede em Genebra e representantes de vários países, que organiza e coordena as operações de socorro internacional da Cruz Vermelha, e colabora com as Associações da Cruz Vermelha nacionais no estudo das medidas a tomar na previsão de catástrofes, bem como no fornecimento de serviços de carácter técnico.

Por último, há 115 Associações nacionais, as quais operam no respectivo país e compreendem a quase totalidade dos membros da Cruz Vermelha.

A Cruz Vermelha teve a sua origem na visita que um jovem de Genebra, Henry Dunant, fez ao campo de batalha de Solferino, no norte da Itália, onde os austríacos, franceses e piemonteses se tinham batido em 1859.

Dunant escreveu um comovente livro intitulado «Uma recordação de Solferino» e sugeriu a organização de auxílio voluntário aos soldados feridos em combate e abandonados.

Em 1863, quatro cidadãos de Genebra associaram-se a Dunant para formar aquilo que mais tarde se tornaria a Comissão Internacional da Cruz Vermelha. As primeiras associações de socorro nacionais foram criadas pouco tempo depois.

Desconhece-se o motivo que levou à escolha da insígnia da Cruz Vermelha. Crê-se, em geral, que foi originalmente escolhida por ser fácil de distinguir no campo de batalha, podendo, se necessário, ser utilizado o sangue das ligaduras.

Mais tarde, achou-se conveniente que a insígnia fosse o reverso da bandeira nacional da Suiça (país neutral). O objectivo da cruz não era representar um símbolo cristão.

Porém, durante a guerra de 1877-78 entre a Rússia e a Turquia, os turcos protestam afirmando que os soldados muçulmanos consideravam a cruz ofensiva, pelo que a substituiram pelo crescente vermelho, que constitui hoje em dia o símbolo oficial de muitos países muçulmanos do Médio Oriente.

O SÍMBOLO

Em 1929, foi concedido ao Irão o direito de usar o leão vermelho e o sol como insígnia da sua associação nacional.

Todavia, aos funcionários da Cruz Vermelha desagrada a proliferação das insígnias nacionais. Recentemente, rejeitaram o pedido do Sudão no sentido de utilizar o hipopótamo vermelho. Por outro lado, Israel viu negada a sua admissão na Liga das Associações da Cruz Vermelha por insistir em usar a estrela vermelha de David como seu símbolo.

«Quando um símbolo se identifica demasiadamente com uma causa nacional», disse um funcionário da organização nesta cidade, **«perde o seu valor como símbolo de protecção internacional.»**

Muitas pessoas, quando observam a acção da Cruz Vermelha, vêem apenas as associações nacionais, às quais cabe de longe a fracção mais considerável dos orçamentos, e que intervêm no caso de catástrofes naturais.

Na verdade, a frequente ocorrência de calamidades naturais — tremores de terra, inundações, tufões e epidemias, particularmente nos países subdesenvolvidos — mantem constantemente ocupada a Liga, em Genebra, e obriga a recorrer aos recursos das Associações nacionais da Cruz Vermelha.

A ramificação mais controversa da Cruz Vermelha, porém, é a Comissão Internacional, conhecida pelas iniciais I. C. R. C., que tem habitualmente 25 membros suíços e um pessoal permanente constituído por 228 pessoas.

Durante muitos anos, a tarefa da I. C. R. C. esteve perfeitamente determinada, embora não fosse fácil. Agindo independentemente, ajudava os feridos e os prisioneiros de guerra de todas as nações que tomassem parte num conflito internacional.

Mesmo no holocausto da Segunda Guerra Mundial, a Cruz Vermelha conseguiu, por vezes, cuidar de alguns feridos e vigiar a situação dos prisioneiros.

Em 1949, foi elaborada uma nova Convenção de Genebra, com o objectivo de proteger mais adequadamente as populações civis em tempo de guerra.

Todavia, desde há alguns anos, a maioria das guerras mais importantes tem consistido em diversas formas de conflitos internos — pelo menos no entender de algumas das partes beligerentes.

Assim, a Nigéria insistiu sempre em que a guerra com o Biafra foi um conflito interno. Por seu turno, o Paquistão adoptou o mesmo ponto de vista no caso do conflito com o antigo Bengala Oriental.

Também o Vietname do Norte afirma que o conflito da Indochina é um assunto de carácter civil. Por este motivo, Hanoi diz que os pilotos americanos prisioneiros são «criminosos de guerra» que não se encontram abrangidos pela Convenção de Genebra, que assinou.

Em África, a I. C. R. C. viu-se numa situação difícil quando os nigerianos proibiram a Cruz Vermelha de efectuar voos de socorro para o Biafra, alegando que estavam a ajudar os rebeldes.

Alguns críticos acusaram a Cruz Vermelha de se intimidar com as ameaças nigerianas.

«Mas, na Nigéria», explica Jean-Louis Le Fort, Secretário-Geral da I. C. R. C., **«estávamos a prestar auxílio a mais de um milhão de pessoas na área libertada do território federal, além de a outras tantas vítimas em Biafra. Se entrássemos no Biafra, como o fizeram outras organizações humanitárias, nunca teríamos podido desempenhar a nossa missão no território federal. O nosso valor consiste na nossa imparcialidade e neutralidade. Não tomamos partido por ninguém. O nosso objectivo é prestar socorro aos feridos e prisioneiros de ambas as partes».**

Deste modo, a Cruz Vermelha não «escolhe» um lado em qualquer conflito, ao contrário do que acontece com algumas outras organizações humanitárias internacionais.

CRÍTICAS

No subcontinente asiático, por outro lado, as operações de socorro foram primeiro dificultadas pelos paquistaneses, que não desejam ver aliviada a aflitiva situação dos bengalis orientais rebeldes.

Mais tarde, os indianos opuseram-se á deslocação das equipas médicas e aos fornecimentos de emergencia da Cruz Vermelha, em virtude da participação de determinados europeus no projecto de auxílio médico.

A Cruz Vermelha é, por vezes, criticada em virtude do segredo de que faz rodear as suas operações, bem como pelo facto de não condenar pùblicamente uma nação cujo comportamento parece violar as convenções de Genebra.

Max Petitpierre, um dos membros da Comissão, afirma porém: **«É possível que se pense que, ao divulgar todos os factos desagradáveis observados pelos representantes, a Comissão Internacional da Cruz Vermelha mobilizaria a opinião pública contra um governo e levá-lo a mostrar-se mais conciliador. A realidade é bem diferente. O resultado em questão, possivelmente ao ponto de se recusar a ter quaisquer relações com a I. C. R. C. A persuasão é a única arma da I. C. R. C.»**

A Cruz Vermelha tem sido igualmente criticada pelo facto de a Comissão Internacional se compor inteiramente de suíços. A esta acusação responde um funcionário da organização da seguinte maneira: **«estamos convencidos de que somos mais eficientes quando os nossos representantes são todos cidadãos do mesmo país neutral. Nestas condições, a política internacional das diversas potências nunca afecta o nosso trabalho — o que acontece frequentemente com as comissões das Nações Unidas, influenciadas pela política e formadas por elementos de diversas nações rivais.»**

Assim, a Comissão da Cruz Vermelha continua a trabalhar, a despeito de todas as dificuldades, muitas vezes em países onde os seus representantes são considerados um estorvo, testemunhas comprometedoras ou mesmo espiões.

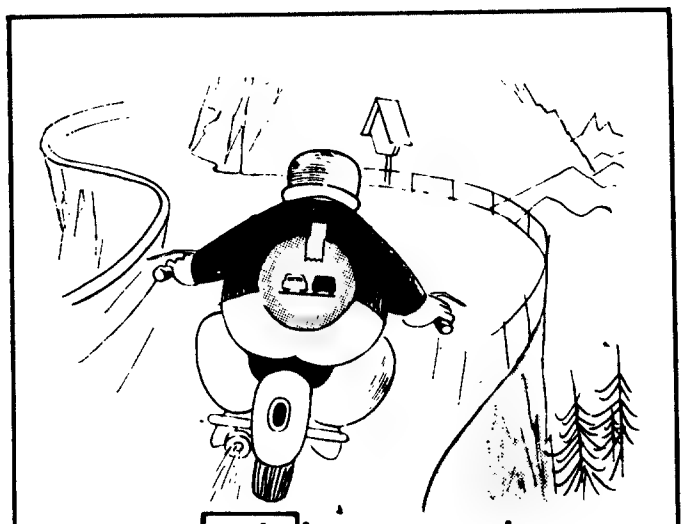
A Cruz Vermelha visita os prisioneiros de ambas as partes do conflito israelo-árabe do Médio Oriente. Oa seus corajosos representantes desempenham um papel fundamental na libertação de refens das guerrilhas palestinianas. Tem cuidado de feridos e prisioneiros, incluindo presos políticos, na Hungria, norte de África, Tibete, Iémen, Etiopa, Grécia, Índia, Paquistão e sudeste da Ásia, além do Médio Oriente.

A Cruz Vermelha possui um organismo internacional encarregado do registo de prisioneiros e internados civis desde a segunda Guerra Mundial.

Os responsáveis da Comissão estão convencidos de que a paz tem por vezes resultado directamente das suas actividades: na República Dominicana, por exemplo, um cessar-fogo conseguido pela Cruz Vermelha a fim de serem recolhidos os mortos e os feridos resultou num cessar-fogo permanentemente e no termo do conflito.

Quando as guerras terminam, a Comissão Internacional transfere a tarefa de auxílio para a Liga de Associações Nacionais, à qual compete então cuidar dos que perderam os seus lares.

«Nestes novos tipos de guerra», diz o Secretário-Geral Le Fort, **«a Comissão da Cruz Vermelha não se tem mostrado tão eficiente como seria para desejar. É essa a razão pela qual estamos a tentar elaborar novas regras destinadas aos prisioneiros e às vítimas de guerras civis e da luta de guerrilha. Mas enquanto houver conflitos humanos, será preciso um organismo externo neutral tal como a Comissão Internacional da Cruz Vermelha, a fim de diminuir o sofrimento humano independente do aspecto político».**



tesa cola bora consigo
fitas adesivas

VENDEDORES

Somos uma Companhia Internacional que pretende alargar a sua organização de vendas.

OFERECEMOS:

— Curso de vendas, ficheiro de Clientes, uma boa oportunidade de ganhar uma média de 20 000$00 por mês.

PRETENDEMOS:

— 24 a 35 anos, boa apresentação, 5.° ano liceal e carro próprio (de preferência).

Dirija-se acompanhado de foto e «curriculum vitae» ao Campo Grande, n.° 1-D-2.° Esq. nos dias 10 e 11 das 10 às 12 e das 15 às 17 horas.

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292-1.° (Esq. com o Rossio) — LISBOA
Tels. 369384/5/6

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE—CPE

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede — RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 567 — PORTO **Estabelecimento Central — AV. INFANTE SANTO, 15 — LISBOA**

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL
TERCEIRO EXERCÍCIO 1971

SENHORES ACCIONISTAS:

Apresentamos à vossa consideração o balanço, as contas e o relatório da actividade da Companhia no exercício de 1971.

O presente relatório foi elaborado de forma um pouco diferente da dos anos anteriores, tendo-se procurado realçar os aspectos de ordem económico-financeira e reduzir a descrição dos de natureza técnica, designadamente quanto aos empreendimentos em construção, o que certamente facilitará a leitura e permitirá uma apreciação mais de acordo com as finalidades deste documento.

Do critério seguido não resultará, no entanto, redução de informação aos senhores accionistas, uma vez que será distribuído a todos um relatório técnico que vai ser, brevemente, publicado pela Companhia e para o qual será remetida essa descrição dos trabalhos de construção, juntamente com uma estatística energética da rede primária. A publicação desta estatística energética seria, aliás, aconselhável por si só, para se dar continuidade ao relatório anual do Repartidor Nacional de Cargas, organismo que, como é do conhecimento geral, foi extinto pelo Decreto n.º 113/71, de 30 de Março de 1971, após 20 anos de bons serviços no exercício da actividade de coordenação da rede primária. As respectivas funções foram cometidas à CPE, como era solução natural, após a fusão realizada, assinalando-se o significado de confiança que tal representa por parte do Governo e a consequente responsabilização assim atribuída à Companhia.

Na generalidade, pode ainda acrescentar-se, nestas considerações preliminares, que o ano de 1971 terá sido de consolidação da orgânica da CPE estabelecida ao longo do seu primeiro ano de existência, essencialmente dedicado à organização. Deseja-se que no terceiro ano se inicie uma fase de dinamização dos métodos e processos de trabalho; e espera-se que a referência, ao longo do presente relatório, a diversas iniciativas em curso, ajudará a fazer crer neste propósito, de cuja concretização dependerá, em larga medida, a produtividade duma empresa desta dimensão.

0 — RESUMO ESTATISTICO

	Unidades	1971	1970	Variação %
VENDA DE ELECTRICIDADE				
TOTAL	GWh	5 874,8	5 433,4	+ 8,1
A grandes distribuidores	GWh	5 098,5	4 645,9	+ 9,7
A consumidores directos permanentes	GWh	444,8	409,7	+ 8,5
A consumidores de carácter não permanente	GWh	331,5	377,8	— 12,3
Preço médio total	ctvs/kWh	32,8	31,5	+ 4,1
Preço a grandes distribuidores	ctvs/kWh	34,0	33,3	+ 2,1
Preço a consumidores directos permanentes	ctvs/kWh	26,5	26,0	+ 0,2
Preço a consumidores de carácter não permanente	ctvs/kWh	22,1	14,2	+ 53,5
ELEMENTOS FINANCEIROS				
Venda de energia a clientes	10^3 contos	1 925 3	1 710,6	+ 12,6
Combustíveis consumidos	»	164,8	159,9	+ 3,1
Energia adquirida e importada	»	45,7	—	—
Despesas de exploração geral e impostos	»	384,3	384,6	—
Encargos financeiros:				
Globais	»	554,0	441,2	+ 25,6
A carga da exploração	»	322,3	309,0	+ 4,3
Amortizações financeiras	»	465,6	365,1	+ 27,5
Resultados antes das dotações às subvenções legais e do FAT	»	949,7	798,2	+ 19
Subvenções legais (*a*)	»	216,0	110,0	+ 96,4
Fundo de Apoio Térmico — FAT (*b*)	»	238,7	195,0	+ 22,4
Lucro líquido	»	495,0	493,2	+ 0,4
Dividendos atribuídos	»	437,9	437,9	—
Investimento do ano	»	1 761,9	1 519,2	+ 16
Investimento acumulado bruto	»	19 095,8	17 333,9	+ 10,2
Reintegrações do ano	»	380,2	332,4	+ 14,4
Reintegrações acumuladas	»	2 164,8	1 784,6	+ 21,3
Financiamento do ano	»	1 633,8	1 440,5	+ 13,4
Capitais permanentes:	»	16 616,6	15 174,3	+ 9,5
Próprios e condicionados	»	8 253,8	8 016,8	+ 3
Alheios	»	8 362,8	7 157,5	+ 16,8
Recursos próprios (acumulados)	»	10 418,7	9 801,3	+ 6,3
Capacidade de autofinanciamento global	»	1 003,1	847,6	+ 18,3
Lucro líquido/Capital em circulação	%	9	9	—
Investimento do ano/vendas	%	90,2	90,0	—
PRODUÇAO				
Número de centrais	—	15	14	—
Potência instalada em 31 de Dezembro	MW	1 743	1 623	+ 7,4
Nova potência instalada	MW	120	—	—
Produção total	GWh	6 352,8	6 068,1	+ 4,7
Ponta máxima	MW	1 260	1 206	+ 4,5
TRANSPORTE				
Comprimento de linhas:				
220 kV	km	1 506	1 490	+ 0,1
150 kV	km	1 340	1 340	—
60 kV	km	372	372	—
Número de subestações	—	11	11	—
Potência instalada nas subestações	MVA	2 635	2 395	+ 10,0

(*a*) Complemento para amortizações financeiras e autofinanciamento, nos termos do Decreto-Lei n.º 46 031, de 14-11-1964, e do Decreto-Lei n.º 46 917, de 23-3-1966.

(*b*) Decreto-Lei n.º 46 031, de 14-11-1964.

1 — EXPLORAÇÃO

1.1 — Empreendimentos em exploração

Os empreendimentos que a CPE tem actualmente em exploração são os seguintes:

Sistema	Empreendimento	Ano de entrada em serviço	Potência MW	Custo (milhares de contos)
Cávado-Rabagão	Venda Nova	1951	81	470
	Salamonde	1953	42	216
	Caniçada	1955	60	396
	Paradela	1956	54	810
	Alto Rabagão	1964	72	1 574
Douro	Picote	1958	180	705
	Miranda	1960	174	886
	Bemposta	1964	210	1 099
	Távora	1965	64	968
	Carrapatelo	1971	120	1 906
Zêzere	C. do Bode	1951	139	675
	Cabril	1954	97	512
	Bouçã	1955	50	202
Total hídrico			1 343	10 419
Termoeléctrico	T. do Outeiro			
	Grupo 1	1960	50	324
	Grupo 2	1964	50	248
	Grupo 3	1967	50	257
	Carregado			
	Grupo 1	1968	125	823
	Grupo 2	1969	125	430
Total térmico			400	2 082
Rede de transporte	Linhas: 220 kV	1 506 km		741
	150 kV	1 340 km		440
	60 kV	372 km		72
	Subestações: Ermesinde		250 MVA	98
	Vermoim		480	128
	Estarreja		120	59
	Pereiros		360	115
	Vila Chã		120	47
	Zêzere		120	72
	Sacavém		305	108
	Alto de Mira		480	120
	Setúbal		180	48
	Porto Alto		120	55
	Fer. do Alentejo		100	46
Total de rede de transporte			2 635 MVA	2 149
Outras instalações	Laboratório e telecomunicações			129
TOTAL				14 779

Notas ao quadro anterior:

Em relação ao ano transacto, este quadro difere:

— no aproveitamento de Carrapatelo, no Douro Nacional: os 1.º e 2.º grupos, de 60 MW cada, entraram em serviço em Abril e Agosto, respectivamente (o 3.º e último grupo, de 60 MW também, entrará em exploração no ano corrente);

— na rede de transporte: aumento da rede de 220 KV com a ligação da linha Carregado-Porto Alto e da potência de transformação com a ampliação de Alto de Mira.

1.2 — Reflexões sobre a produção

A produção total de energia eléctrica em Portugal Continental, durante o ano de 1971, atingiu 7790 GWh; adicionado a este quantitativo 179 GWh correspondentes ao saldo importador das trocas internacionais, obtemos 7969 GWh que poderemos considerar como correspondente ao consumo total interno (referido à produção, isto é, incluídas as perdas).

A produção da rede da CPE em 1971 foi de 6353 GWh, correspondendo a 81,6% da referida produção total do País — serviço público e particular — e a 87,8% da produção da rede das principais empresas de serviço público, isto é, da rede de serviço público que se integrava no extinto Repartido Nacional de Cargas.

Indica-se, seguidamente, como se repartiu a nossa produção, em 1971 e em 1970:

	GWh 1971	1970
Produção: Sistema Douro	3 458	2 871
Sistema Cávado-Rabagão	1 042	1 316
Sistema Zêzere	673	759
Total hidráulico	5 173	4 946
Centrais térmicas	1 180	1 122
Total	6 353	6 068
Trocas internacionais: Saldo de importação (*)	160	18
Total	6 513	6 086

(*) Importação directa pela CPE (através da linha de 220 kV Saucelle-Pocinho).

Continua na página seguinte

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE—CPE

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

A maior produção hidráulica verifica em 1971 no conjunto da nossa rede resulta, em grande parte, da entrada em exploração da nova central de Carrapatelo, do Douro, que produziu cerca de 440 GWh. Verificou-se, por outro lado, uma diminuição da produção dos aproveitamentos de albufeira, essencialmente devido ao facto de se ter entrado no ano de 1971 com uma reserva bastante reduzida, o que não permitiu realizar um desarmazenamento global semelhante ao conseguido em 1970.

O coeficiente de produtividade hidroeléctrica global do ano de 1971 situou-se em 0,90 — valor que, referido ao ano hidrológico, se mantém pràticamente (0,91), correspondendo a um regime com 63% de probabilidades de ser excedido. Em 1970 os coeficientes de produtibilidade hidroeléctrica haviam sido de 0,94 e 0,98, respectivamente para o ano civil e para o ano hidrológico.

Em correspondência com o regime de afluência verificado, e dada a situação do armazenamento nas albufeiras, foi forçoso recorrer a importante produção térmica, a qual atingiu 1 180 GWh, correspondendo 884 GWh à central do Carregado e 297 GWh à central da Tapada do Outeiro. Adicionalmente, esta última central continuou a prestar à rede um apreciável apoio em energia reactiva — isto é, para regulação da tensão — com os seus grupos funcionando como compensadores síncronos.

Os fornecimentos aos consumidores de carácter não permanente foram influenciados pelo desfavor do regime hidrológico que não permitiu iniciar o período de fornecimento de energia do tipo temporário. Por esta razão, estes consumos apresentaram durante o ano de 1971 uma redução de cerca de 8% em relação aos verificados no ano anterior. A interligação internacional foi mantida em serviço durante a maior parte do ano, embora em geral sem trocas programadas de energia, portanto apenas por motivos de garantia do serviço. Merece, no entanto, referência o quantitativo de energia importada, que, concentrada em dois períodos (início e termo do ano, em ambos os casos em ligação com regimes de severo prolongamento de estiagem), atingiu o significativo valor já indicado. Na realidade, em face do regime de afluências bastante desfavorável ocorrido em princípios do ano, tornou-se conveniente proceder à importação de energia proveniente principalmente de Espanha e, em parte, de França e da Bélgica. No final do ano a situação do armazenamento nas albufeiras e a verificada repetição de afluências muito desfavoráveis voltaram a aconselhar uma importação de energia de Espanha durante as horas «de vazio». A normalidade com que se recorre à interligação internacional — como aliás acontece em todas as redes europeias — já não justifica que se dê ao assunto realce informativo como notícia, mas neste relatório vale a pena deixar registado não só o facto e os quantitativos respectivos, mas também a nota de que a confiança que a solução representa e a facilidade com que se utiliza são consequentes da orgânica existente na Europa Ocidental, através do funcionamento da UCPTE (União para a Coordenação da Produção e Transporte de Electricidade) e da UFIPTE (União Franco Ibérica para a Produção e Transporte de Electricidade), nas quais participamos activamente desde há cerca de 10 anos.

1.3 — Evolução dos consumos

Na rede das empresas interligadas — abastecendo actualmente cerca de 93% do consumo total do País — verificou-se, em relação ao ano anterior, um acréscimo de apenas 5,9% na produção total. Esta percentagem não é, porém, significativa da evolução dos consumos sem adequada e conveniente justificação. Na realidade, decompondo o consumo, como habitualmente, em «permanente» e «não permanente», e tendo em conta as trocas internacionais, verifica-se que a produção para consumos permanentes apresentou, em relação a 1970, um acréscimo de 9,8%. Quanto aos consumos não permanentes (acrescidos das respectivas perdas) registou-se em 1971 uma redução de 8%, como já anteriormente se referiu.

A taxa de 9,8% de acréscimo da produção para consumos permanentes é um pouco superior à que se verificou em 1970.

1.4 — Movimento de energia

O balanço da energia produzida na nossa rede e da energia vendida em 1971 é o seguinte:

	GWh
Produção total	6 353
Saldo importador	160
Energia vendida	5 875
Consumo em bombagem (de Venda Nova para o Alto Rabagão) (*)	53
Perdas nas centrais e na rede e consumos próprios	585

Decomposição de energia vendida (GWh)

1) A grandes distribuidores		
Companhias Reunidas Gás e Electricidade		1 856,1
União Eléctrica Portuguesa		
— Rede Norte	962,4	
— Rede Sul	620,1	1 582,5
Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal		709,0
Câmara Municipal do Porto (*)		273,1
Companhia Eléctrica das Beiras		264,6
Hidro Eléctrica Alto Alentejo		201,3
Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve		135,3
Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela		73,4
Hidro Eléctrica Portuguesa		3,2
Total		5 098,5
2) A consumidores directos de energia permanente		
Tracção eléctrica		160,7
Indústria química		196,2
Indústria siderúrgica		87,9
Total		444,8
3) A consumidores de energia de carácter não permanente		
Indústria electroquímica e electrossiderúrgica		331,5
TOTAL DE ENERGIA VENDIDA		5 874,8

(*) Correspondente a um acréscimo de armazenamento, no Alto Rabagão, de 174 GWh.

1.5 — Contratos, tarifas e receitas de exploração

Não houve alteração da tarifa geral praticada desde 1966.

Quanto à energia de tarifas especiais para a indústria, a Companhia tem procurado orientar-se no sentido de, através de novos contratos, relacionar directamente o seu preço, não só com o custo real da produção, mas também com o grau de garantia que interessa a cada cliente, sem deixar de ter em atenção a natureza das respectivas actividades, quando consideradas indústrias de reconhecido interesse ou com finalidades essenciais de exportação.

Espera-se que assim será possível organizar o abastecimento de energia, com grau elevado de garantia, a esses consumidores especiais — ressalvados os anos hidrològicamente críticos em que haverá reduções — em substituição do incerto regime até hoje praticado na base de energias «temporárias» que a evolução das condições de produção tem vindo a tornar sem significado.

Durante o ano de 1971 foi aprovado e assinado o contrato de fornecimento de energia eléctrica da CPE à Sociedade Industrial de Celulose (SOCEL), para a instalação electrolítica de produção de cloro e soda cáustica que esta empresa possui em Mitrena (Setúbal).

Foram também negociados contratos de fornecimentos de energia eléctrica com as empresas: Fábrica Europeia de Ferro Maleável (EUROFER), União Industrial Têxtil e Química (UNITECA), Empresa Industrial do Freixo (EIF) e Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos (CPFE).

Segue-se, em quadro, a indicação, comparada com 1970, dos volumes de energia vendida, respectivas receitas e preços médios discriminados por grupos de clientes.

	Energia vendida GWh		Receita 10³ contos		Preço médio ctvs./kWh	
	1971	1970	1971	1970	1971	1970
Redes de distribuição	5099	4646	1734	1548	34,0	33,3
Consumidores directos permanentes	445	409	118	109	26,5	26,6
Consumidores de carácter não permanente	331	378	73	54	22,1	14,2
TOTAL	5875	5433	1925	1711	32,8	31,5

1.6 — Abastecimento de combustíveis

1.6.1 — Central da Tapada do Outeiro (Produção em 1971: 296,8 GWh)

Devido ao consumo relativamente elevado verificado em 1970, o carvão armazenado no parque da central no início de 1971 era apenas de 261 902 toneladas. Receberam-se durante o ano 181 318 t de antracites nacionais, sendo 13 819 t fornecidas pela Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova e 167 499 t pela Empresa Carbonífera do Douro, concessionária das minas do Pejão.

Os consumos verificados durante o ano atingiram 206 476 t, pelo que o armazenamento diminuiu de 25 158 t, situando-se em 236 744 t no final do ano.

O consumo de fuel-óleo nesta central situou-se em 19 123 t; foram recebidas na central 21 284 t, subindo o armazenamento de 2 641 t, no início do ano, para 4 802 t, no final do ano.

1.6.2 — Central do Carregado (Produção em 1971: 883,6 GWh)

Foram recebidas na central do Carregado 239 172 t de fuel-óleo produzido nas refinarias nacionais. O consumo da central situou-se em 198 643 t, pelo que as reservas passaram de 19 129, no início do ano, para 59 658 t, no fim do ano.

2 — NOVOS EMPREENDIMENTOS

2.1 — Empreendimentos em curso de realização

2.1.1 — Centrais hidroeléctricas

Sistema	Empreendimento	Datas previstas de entrada em exploração	Potência MW	Energia produtível (GWh/ano) em ano médio	Energia produtível (GWh/ano) em ano crítico	Custo estimado actualmente (milhares de contos)
Douro	Carrapatelo	1971/2	180	1005	623	2290
	Régua	Abril 1973	156	743	414	2000
	Valeira	1.º semestre 1975	240	850	440	2300
Cávado-Homem	Vilarinho	Abril 1972	60	237	170	1100
Mondego	Aguieira	2.º semestre 1977	300	205	95	1700 (*)
Tejo	Fratel	Agosto 1973	130	430	208	1000

(*) Investimento global previsto neste empreendimento de fins múltiplos. a repartir entre o Estado e a CPE.

Carrapatelo

Em exploração dois grupos geradores (Abril e Agosto de 1971). O terceiro e último deve entrar em serviço até final de 1972.

Régua

Em construção adiantada, estando em curso a montagem dos grupos geradores.

Valeira

Iniciaram-se em 1971 as obras deste escalão e adjudicaram-se os equipamentos principais.

Vilarinho

Pràticamente concluída esta obra, devendo entrar em serviço em Abril de 1972.

Aguieira

Deram-se início aos trabalhos preliminares deste empreendimento de fins múltiplos, o qual se destina não só à produção de energia mas também à rega dos campos do Baixo Mondego em primeira fase, e de Cantanhede ao Vouga em segunda fase, e ainda à regularização das cheias do rio.

Frabel

As obras da barragem estão pràticamente terminadas devendo prosseguir a construção da central e a montagem do equipamento durante o ano de 1972.

212 — Centrais térmicas

Carregado		Potência MW	Energia produtível em ano seco GWh	Data prevista de entrada em serviço	Investimento previsto actualmente (milhares contos)
2.ª fase	Grupo 3	125	700	1972	510
	Grupo 4	125	700	1973	410
3.ª fase	Grupo 5	125	700	1975	620
	Grupo 6	125	700	1975	590

2.ª fase da central: construção civil pràticamente terminada.

Grupo 3 — em fase de arranque
Grupo 4 — em montagem

3.ª fase da central: a iniciar, em curso de adjudicação o equipamento dos grupos 5 e 6.

2.1.3 — Rede de transporte

Prosseguiram, em 1971, os trabalhos de construção de novas linhas e ampliação de subestações.

Quanto a linhas, a actividade construtiva pode sintetizar-se da forma seguinte, em que os comprimentos se referem às concluídas durante o ano ou em construção:

— Linhas de 220 KV: 16 km
— Linhas de 150 KV: 117 km

No que respeita a subestações, deve anotar-se que em 1971 foi aumentada a potência de transformação em 240 MVA, estando ainda em curso novos trabalhos de ampliação em quase todas.

Entretanto, desenvolve-se larga actividade de estudo e projecto no sector da rede de transporte, em conformidade com um vasto programa de expansão, tal como referido adiante em 2.3.

2.2 — Planeamento de novos centros produtores

De acordo com os estudos de planeamento efectuados e já submetidos à apreciação oficial, o sistema electroprodutor da CPE deverá incluir nos próximos 15 anos, para fazer face ao crescimento dos consumos, mais o seguinte:

2500 MW no sistema térmico de base, incluindo grupos térmicos clássicos e nucleares;
1400 MW a instalar em centrais hidroeléctricas.

O programa térmico de base deverá incluir:

— Uma nova central térmica no Sul, a fuel-óleo, a localizar junto a Setúbal ou Sines, equipada com grupos de 250 MW e cujo primeiro grupo deverá entrar em serviço em 1976;

— A primeira central nuclear portuguesa, a equipar com reactores de 500 a 600 MW, de que o 1.º grupo deverá entrar em serviço cerca de 1980, ou nos termos do que resultar da melhor articulação com o programa de expansão das refinarias nacionais.

Entretanto, por motivo de segurança e de apoio à rede Sul, prevê-se instalar em 1973 no Algarve um grupo de turbina a gás, de arranque rápido, com cerca de 30 MW.

O programa hidroeléctrico, actualmente em estudo, e a definir até 1973, deverá ter em conta não só as conveniências próprias da rede eléctrica, mas também a orientação oficial no que respeita aos empreendimentos de fins múltiplos; e, ainda, os compromissos decorrentes do convénio luso-espanhol para o aproveitamento dos rios limítrofes.

Entretanto, está já elaborado o projecto de Alqueva, no Guadiana, em ligação com a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, e estão bastante adiantados os projectos de Crestuma e Pocinho, no Douro. Prosseguem estudos relativos às bacias do Lima, Tâmega, Tua e Sabor e está em elaboração o projecto do Minho Internacional, em ligação com a empresa espanhola Fuerzas Electricas del Noroeste, S. A. (FENOSA).

A CPE tem colaborado activamente com as entidades oficiais no domínio do planeamento de novos centros produtores, essencialmente com o Grupo de Trabalho constituído para o efeito na Secretaria de Estado da Indústria e também, em aspectos específicos nucleares, com grupos de estudo funcionando no âmbito da Junta de Energia Nuclear.

2.3 — Planeamento da rede de transporte

Prosseguiram em 1971 os estudos de desenvolvimento geral da rede, com apoio nos meios de cálculo de que a empresa dispõe. Os objectivos essenciais visados são os seguintes:

— ampliação das subestações existentes a fim de assegurar a satisfação dos consumos das respectivas áreas de influência;
— criação de novas subestações justificadas pelo crescimento dos consumos e pela correspondente evolução da rede: Pocinho, Régua, Batalha, Cercal, Carregado, Setúbal, Barreiro e Tunes (Algarve);
— construção de novas linhas de transporte necessárias para assegurar a ligação à rede de novas centrais e fazer face ao crescimento dos trânsitos;
— lançamento da nova rede a 380 KV, tornada necessária pelas futuras e potentes centrais térmica do Sul e nuclear, a qual assegurará a interligação à rede europeia a esta tensão no vale do Tejo, para além de reforçar as ligações daquelas centrais com o sistema produtor hidroeléctrico no Norte, na Zona do Douro Nacional.

3 — INVESTIGAÇÃO

3.1 — Laboratório Central

Continuou em 1971 a acção deste departamento com a participação em ensaios de recepção de equipamentos para centrais e subestações, e também em estudos, projectos e conservação no sector das teleinformações, protecções e aparelhagem de medida. Por outro lado, intensificou-se a cooperação em numerosos problemas ligados ao desenvolvimento da rede da Companhia nos domínios do seu planeamento e exploração.

Em colaboração com as Direcções de Produção, preparou-se uma consulta, que foi lançada no final do ano, para a realização duma importante tarefa de automatização da maior parte das centrais hidroeléctricas — a que se seguirá outra para o equipamento de telecomando — da qual se esperam resultados do maior interesse no quadro da política da gestão de pessoal em curso que poderá, no caso em referência, ser utilizado noutros locais de trabalho de melhores condições de vida e em funções de tecnologia mais evoluída sem recurso a novas admissões.

3.2 — Centros de Cálculo

No seguimento do plano de reorganização da Companhia com base no recurso, tão extenso quanto possível, à informática, foi estudado um sistema moderno e de capacidade suficiente para atender às solicitações da Companhia, quer no domínio do cálculo científico, quer no campo da gestão administrativa. No fim do ano foi feita a encomenda de um conjunto de novo equipamento para o Centro de Cálculo de Lisboa, notável à escala do País, que entrará em serviço em 1972 e ficará ligado ao Centro de Cálculo do Porto (cuja capacidade de saída foi ampliada, devendo pròximamente ser reforçada a sua capacidade de memória) e também a terminais em várias instalações da Companhia.

A CPE procura assim — e nesse sentido foram já elaborados os necessários planos gerais — vir a obter, à sua escala nacional, um tratamento integrado dos processamentos, a partir de um banco central de dados, no sentido de possibilitar a conveniente articulação entre as várias facetas da actividade da empresa e uma gestão técnica e administrativa adequada à sua dimensão.

Está prevista, em fase ulterior, a integração do tratamento automático da gestão da exploração no equipamento de cálculo, com entrada directa no calculador em tempo real da informação pertinente relativa à rede da Companhia e uma progressiva automatização dos critérios de decisão lógica convenientes.

4 — PESSOAL E ORGANIZAÇÃO. ACÇÃO SOCIAL

4.1 — Organização geral

No ano findo desenvolveram-se estudos e trabalhos necessários à implantação de um adequado sistema de controle de gestão, em ligação com o planeamento da empresa, e com gestão por objectivos, e recorrendo à informática. Com o apoio de consultores especializados deverá lançar-se em breve a implantação do referido sistema e a correspondente reorganização administrativa.

Com o fim de aperfeiçoar a organização de arranque, iniciaram-se os trabalhos de preparação de um manual de estruturas e de análise do funcionamento da Companhia, por forma a ir definindo linhas de orientação para o futuro.

No decurso do ano de 1971 foi levado a cabo — ainda na sequência das circunstâncias determinadas pela fusão das empresas da rede primária — o estudo aprofundado do problema do enquadramento geral do pessoal da Companhia, com base em critérios actualizados de gestão. Seguindo a orientação indicada no relatório anterior — melhor aproveitamento das capacidades individuais, concessão de igualdade de oportunidades e promoção e preenchimento dos novos postos de trabalho sem novas admissões —, o provimento dos lugares foi, na medida do possível, levado a efeito por meio de concursos internos que abrangeram cerca de meio milhar de postos de trabalho.

4.2 — Assuntos gerais de pessoal. Conselho do Pessoal

Acompanhámos no decorrer de 1971, no âmbito do Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade, os trabalhos de revisão do novo contrato colectivo de trabalho em seguimento da denúncia feita pelos Sindicatos.

No plano da empresa o processo de revisão geral da análise e qualificação de funções, levada a efeito nas empresas fusionadas, foi concluído, tendo as correcções de vencimentos efeito retroactivo a 1 de Janeiro de 1970, isto é, à época da criação da CPE. Uma comissão de recurso irá ainda apreciar os casos em que os resultados da revisão não sejam considerados satisfatórios, quer pelos funcionários, quer pelas hierarquias, após o que o processo poderá considerar-se ultimado, em paralelo também com a análise e a qualificação das novas funções criadas pela orgânica da Companhia.

Pôs-se também em prática no decorrer do ano um sistema de apreciação profissional com larga participação das hierarquias e com utilização de uma técnica analítica, com o fim não apenas de atribuição de classes de mérito, como determina o contrato colectivo de trabalho, mas também para melhor conhecimento do pessoal, com vista a uma gestão mais eficiente e justa.

Em Julho do ano findo iniciou a sua actividade o Conselho do Pessoal, previsto nos estatutos da CPE, com membros eleitos pelo pessoal na sua constituição e cujo regulamento, aprovado pelo Conselho de Administração, fora elaborado com a colaboração de representantes do pessoal eleitos para esse fim. O Conselho do Pessoal tem reunido regularmente, ocupando-se de numerosos assuntos de interesse no quadro das funções informativas e consultivas que lhe competem, e traduzindo uma ampla participação do pessoal na vida da empresa através da estrutura criada pelo regulamento, isto é, através das comissões de núcleo e comissões de departamento — órgãos também designados na base da eleição — que culminam no Conselho pròpriamente dito.

4.3 — Formação profissional

A formação profissional vai constituir uma das tarefas de maior relevância na vida da CPE, não só pela natureza e importância da empresa, mas também pelos condicionalismos decorrentes da situação herdada das empresas nela fusionadas.

Neste contexto, iniciaram-se no ano findo acções de reconversão para diversas profissões de carácter geral e entrou em fase de franca organização a formação de pessoal para centrais térmicas. Foram organizados, e entraram em actividade, desde já — com 11 turmas e cerca de duas centenas de alunos — os cursos de formação profissional básica destinados a preparar pessoal para concorrer a postos de trabalho técnicos ou administrativos de níveis funcionais adequados. Espera-se que, do conjunto destas acções, durante os próximos dois anos, resulte a preparação de umas largas centenas de trabalhadores.

Estão, aliás, em estudo cursos de aperfeiçoamento profissional a todos os escalões, alguns dos quais serão lançados em 1972. Simultâneamente foram concedidas, a mais de duas centenas de funcionários, facilidades de horário empréstimos para despesas escolares e subsídios-prémios para a frequência de cursos exteriores à empresa, em estabelecimentos de ensino oficial ou particular, dando prioridade aos de maior interesse para a Companhia.

O Centro de Formação de Lisboa tem sido largamente utilizado por vários departamentos, tanto em cursos como em sessões de informação e reuniões; entretanto lançou os primeiros cursos por correspondência que já contam com algumas dezenas de alunos. Continuou também a utilizar-se, em algumas instalações exteriores, o ensino pela telescola.

Tem-se participado, no âmbito do Instituto Nacional de Investigação Industrial, no estudo do ensino do ciclo preparatório por correspondência para o pessoal da indústria, esperando-se poder utilizar este processo no próximo ano lectivo.

Continuámos a contar com o apoio do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra e do Centro de Formação Profissional para o Pessoal da Indústria Eléctrica, deixando-se aqui expresso o reconhecimento pela colaboração prestada.

4.4 — Acção social

Na inviabilidade de descrever todos os numerosos aspectos em que incide a acção social da Companhia, destacam-se os seguintes como de maior relevância ou significado:

— Serviços Médicos com assistência aos funcionários da Companhia e seus familiares, num total de cerca de 20 000 pessoas, segundo o esquema próprio da Companhia em complemento dos benefícios concedidos pelos Serviços Médico-Sociais da Previdência, o que permitiu um elevado nível de acção no campo da medicina preventiva e curativa, para além da actividade obrigatória no campo da medicina do trabalho e da segurança;
— empréstimos concedidos a funcionários para ajuda à resolução dos problemas de habitação;
— acção de cultura e recreio através da orgânica do CAT da Companhia;
— festas de Natal;
— atribuição de prémios escolares para distinguir os alunos de melhor aproveitamento, não só dentre os filhos do pessoal, mas também abrangendo funcionários da Companhia em estudos oficiais.

5 — REPRESENTAÇÃO NOUTRAS EMPRESAS

5.1 — Hidro Eléctrica Portuguesa

No seguimento dos estudos com vista à viabilidade económica desta empresa, referidos no relatório anterior, foi possível obter o acordo final para que a rede de distribuição da HEP passasse a ser abastecida directamente pela CPE segundo a sua tarifa geral a partir da central de Vilar-Tabuaço (Távora). Melhorou-se assim, consideràvelmente, no sector de distribuição, a situação económica desta empresa, na qual a CPE, como accionista majoritária, está representada no Conselho de Administração.

5.2 — Empresa Insular de Electricidade (Ponta Delgada)

Como referido no relatório anterior, a CPE participa — com o significado de apoio técnico e administrativo ao sector eléctrico das Ilhas Adjacentes — no capital desta empresa concessionária de produção e distribuição no distrito de Ponta Delgada (S. Miguel e S. Maria) e faz parte do Conselho Fiscal e do Concelho Geral, a que preside. Foi elaborado o plano plurianual de desenvolvimento da empresa, abrangendo novos investimentos em centros produtores e na electrificação do distrito. Decorrem actualmente os trabalhos de ampliação

Continua na pág. oito

DOSSIER

NOVA ÁFRICA

CORRUPÇÃO MONOCULTURA NÉO COLONIALISMO RIVALIDADES ÉTNICAS

Por YVES PERSON «Le Monde»/«DL»

O golpe de Estado militar que pôs fim, na noite de 12 a 13 de Fevereiro de 1972, a segunda República de Gana, foi, em geral, uma surpresa. O primeiro-ministro, Kofi Busia, que acabava de partir para tratar-se na Inglaterra depois de ter recebido sumptuosamente a sr.ª Nixon, certamente não o previa. A Imprensa ocidental denunciou o golpe como uma prova da irresponsabilidade dos militares, que estão a comprometer o retorno de Gana à democracia e seu progresso económico, sem que uma crise de gravidade justificasse medidas extremas.

Facto digno de nota é o forte contraste entre a passividade total da população e a explosão de alegria popular que saudou, a 24 de Fevereiro de 1966, a queda do presidente Nkrumah, o «Redentor» (**Osagyefo**), pelo general Ankrah.

A MODORRA

Desde então, Gana viveu uma modorra terna, voltada para os seus assuntos internos, em grande contraste com a gestão efervescente e a política messiânica do seu chefe carismático. Mas esse disfarce escondia mal as tensões e dificuldades, que se exprimem através de numerosos «complots». Na sua procura de uma política mais modesta e menos perigosa, Gana perdeu a estabilidade do poder e ainda não o reencontrou.

Deve-se admitir que a herança de Nkrumah era bastante pesada, sob qualquer aspecto que se examine. Gana é um país relativamente privilegiado, como o seu vizinho, a Costa do Marfim. Além disso, adiantou-se a este pela arrancada económica precoce, que se situa a partir do começo do século, em pleno período colonial, graças ao rápido desenvolvimento da produção de cacau, de que se tornou o primeiro produtor mundial. A esta forte base agrícola devem somar-se riquezas minerais excepcionais: o ouro, que lhe valeu o nome de Costa do Ouro e que ainda é importante, os diamantes, a bauxita e o manganês. A costa, que possui excelentes portos, presta-se para a indústria pesqueira.

No plano internacional, a ideologia nkrumista, que logo se elabora mas que é muito confusa, leva o presidente a posar como campeão da luta contra o imperialismo e pela unidade africana. A sua intervenção no caso congolês é particularmente notada. A eficácia de sua intervenção está, todavia, comprometida pelo seu tom profético e pela sua recusa em enfrentar as etapas ou os meios práticos de chegar a termo. Dessa forma, condena as questões regionais em nome da unidade total do continente e ao mesmo tempo dá apoio directo aos movimentos dirigidos contra os governos moderados.

Isola-se assim, ràpidamente, no seio da O.U.A. e aborrece-se com todos os vizinhos, que repele pela sua agressividade. A Costa do Marfim e o Alto Volta, empenhados na construção de uma Africa moderada, são-lhe hostis, mas é com o Togo que as relações são piores, ainda que este país seja governado pelo nacionalista Olympio. Este último foi o campeão da luta pela unidade Ewe, cujo fracasso criou então um problema durável.

As contradições do regime provocam uma grave crise económica e social nos fins de 1961 e após uma viagem a Moscovo, o presidente anuncia em 1962 o advento do «socialismo nkrumista». Esta ideologia permanecerá obscura, mas transforma-se em droga, professada à medida que se estabelece o culto da personalidade do «Redentor».

Entretanto, no quadro de um plano aptenal (1963-1970), o regime orienta-se em direcção aos grandes empreendimentos de prestígio e equipamento. A grande barragem do Volta e a criação de uma indústria de alumínio serão incontestàvelmente rentáveis a longo prazo. Mas, a curto prazo, seus efeitos são mínimos: todas as empresas nacionalizadas vivem de créditos inflacionários. Os gastos de prestígio agravam o défice público, a balança orçamentária bem como a de comércio exterior são cada vez mais desfavoráveis e os mercados funcionam mal (mercado negro, ruptura de estoques). A corrupção é geral, até mesmo no círculo do presidente.

O descontentamento cresce em todas as camadas da população: a oposição da direita, esmagada, multiplica os atentados, e as greves assumem um carácter cada vez mais revolucionário. O proletariado urbano une-se aos plantadores, chefes e intelectuais no seu ódio ao regime. O último ano de nkrumanismo, 1965, é marcado por um clima pesado e penoso. Os insucessos internacionais repetem-se e o prestígio do chefe do Governo está cada vez mais baixo. Um homem certamente sincero e desejoso de restabelecer a dignidade da Africa, encontra-se num impasse. Com a falta de moderação, de bom senso, de uma linha política bem definida, totalmente afastado do povo, comprometeu a causa que queria defender e que a sua queda vai enfraquecer. Por outro lado, desperdiçou as possibilidades de crescimento de um país excepcionalmente dotado pela natureza e pela história.

Um hotel para turistas perto de Accra

ANKRAH

No começo de 1966, o Conselho Nacional de Libertação, presidido pelo general Ankrah, herda uma situação económica e social desatrosa, enquanto a paixão por liberdade que explode no povo a partir da queda da ditadura, torna difícil o recurso dos remédios enérgicos. A inflação fez aumentar o custo de vida em 48 por cento em três anos, e o passivo do país se eleva a 500 milhões de libras.

Em breve começa o expurgo, ao serem encarcerados em grande número os partidários do regime, enquanto a comissão Jiage realiza inquérito sobre corrupção. O C.P.P., que contava com quinhentos mil membros, é dissolvido sem nenhuma reacção. Os últimos expurgados serão libertados em Abril de 1968.

Entretanto o exército, que rompeu com a tradição britanica de civismo militar, não é mais uma força unida, e uma vez que o poder é cada vez mais uma questão de força, diversos grupos lutam em seu seio. Dessa forma, a partir de 1967, os complôs se multiplicam. Em Abril, o batalhão de Ho (Togo) marcha sobre Acra onde mata o tenente-coronel Kotoka, um Ewe, um dos autores do golpe de Estado. Esta tentativa encontra eco, mas diversos oficiais são fuzilados e outros serão presos ou detituídos, como o general Otu, chefe do Estado-Maior, em Novembro de 1968.

O homem cuja autoridade cresce, então, é um africano Ashanti muito jovem, o coronel Afrifa, que comandou a marcha sobre Acra em Fevereiro de 1966. Acabará por eliminar o general Ankrah, acusado de corrupção, em Abril de 1969.

BUSIA

A causa profunda desta queda parece ter sido, no entanto, a repugnância do velho militar em devolver o poder aos civis, política esta que será liderada por Afrifa. O homem que colocará a frente do Governo é o Doutor Kofi Busia, ilustre sociólogo, descendente dos chefes Ashantis de Wenchi, que

Akyeampong

vivia no exílio desde 1959 mas que se apressou a retornar quando da queda de Nkrueh. Tornou-se logo o presidente de um comitê nacional consultivo, enquanto a futura Constituição é preparada por uma comissão presidida pelo juiz Akufo Ado, destituido por Nkrumah por haver anulado penas benevolentes.

A situação económica e social progride lentamente, uma certa nostalgia do nkrumismo se faz sentir em alguns meios. Para acabar com isso e dar ao país uma plena legitimidade democrática, Afrifa convoca eleições, que se realizarão no dia 29 de Agosto de 1969. No momento da fase preparatória, a liberdade não é total, pois o P.P.P., (People's Popular Party), suspeito de reagrupar os nostálgicos de Nkrumah, é fechado a 4 de Junho. Outros cinco partidos se apresentam — o Progress Party (P.P.) de Busia, o Popular Action Party do doutor de Graft Johnson e o National Union Party de Joe Appiah e Modeste Appolo.

Como Afrifa esperava, Busia obteve a maioria absoluta com cento e cinco cadeiras em cento e quarenta, e os seus três principais adversários não são nem mesmo eleitos.

A 1 de Outubro de 1969 é proclamada a segunda República de Gana e posta em vigor a Constituição, com a re-

LPE BRE LPE EM GANA

Infância no Gana: um futuro incerto

serva de que a Presidência, reduzida aliás a um papel de representação, seja provisóriamente exercida por um conselho presidencial de três membros: Afrifa, a esta altura já general, o inspector geral J.W.K. Harlley, chefe de polícia, e o major Ocran.

O exército mantém, portanto, um meio de controle sobre o governo civil, onde Kofi Busia assume a chefia como Primeiro Ministro.

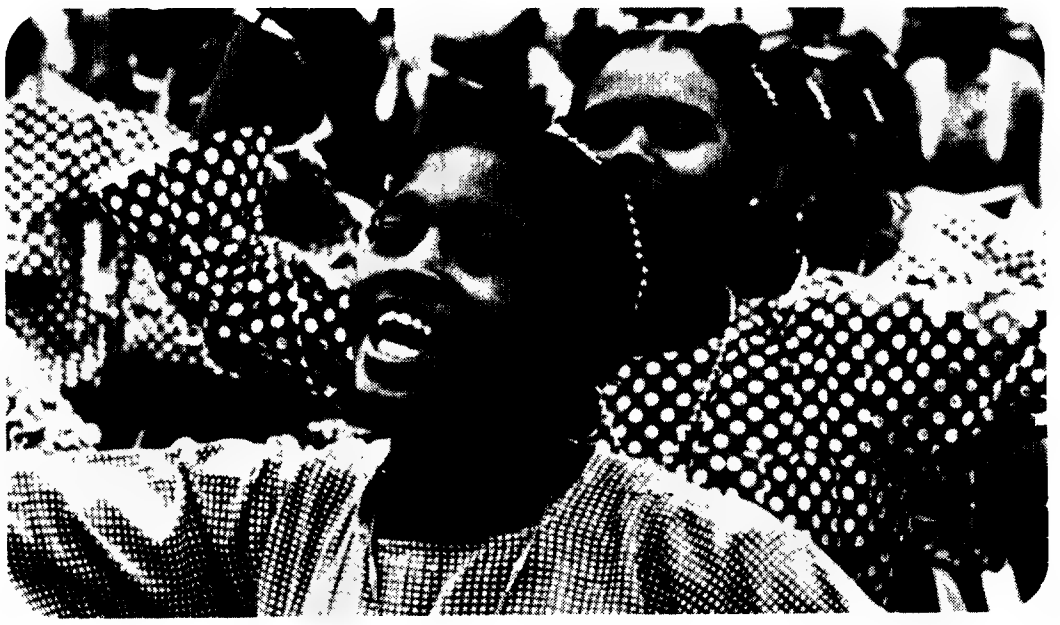
A vida política parece retornar ao normal em Gana, que reassume os caminhos para a democracia à maneira ocidental. Ainda há tudo por fazer, pois os problemas económicos e sociais não estão resolvidos.

Não há descontinuidade entre a gestão do C.N.C. e o Governo Busia, que se inspiram nos mesmos princípios. O retorno à democracia política deveria ser acompanhado de um abandono de qualquer tentativa de inspiração socialista em proveito de uma economia capitalista liberal, na esperança de imitar o crescimento da Costa do Marfim. Desta perspectiva, as empresas não rentáveis são sistemáticamente desnacionalizadas, propondo-se aos capitais ocidentais que prossigam na exploração. O comércio é entregue à burguesia nacional, que Nkrumah havia perseguido.

A população conta com cerca de nove milhões de habitantes e o seu fraccionamento étnico é menor do que nos países vizinhos. Os Ashantis, com a sua tradição imperial, dominam o grupo Akan e diferenciam-se por muito leves **nuances** dos Fantis e Nzimas da costa. No oeste, os Ewes, que não conseguiram unificar-se com os seus irmãos do Togo, constituem uma vigorosa minoria, cuja civilização apresenta características comparáveis, se bem que sejam patrilineares e não matrilineares como os Akans. Mas o norte é um outro mundo. Com excepção dos Gonjas, cuja língua se aparenta de longe com a dos Akans, esses grupos étnicos falam sobretudo línguas voltaicas, das famílias mossi ou gurunsi, e estão organizados em democracias rurais, como os Dagaris ou os Isalas, ou em velhas monarquias como os Dagombas ou os Mamprusis. Porém, é acima de tudo a economia que os opõe ao sul: participam da pobreza do Sudão voltaico e vão, como os Mossis, procurar trabalho nas vilas e plantações da costa. Deixados à margem do desenvolvimento económico, também não participaram da evolução social que fez nascer no sul uma classe de intelectuais e uma burguesia de plantadores e de comerciantes.

Simplificando um pouco, podemos dizer que os Akans, os Ewes e os Voltaicos representam as três nacionalidades de base de Gana. Torna-se ridículo falar de tribunalismo a seu respeito, e esta verdade fundamental deve inspirar qualquer política.

A independência, proclamada a 6 de Março de 1957, quando Nkrumah já estava no poder há seis anos, não causou, muito pelo contrário, uma aceleração do desenvolvimento. A deterioração geral dos termos de troca e particularmente a baixa das cotações do cacau desde 1954, explicam em parte este insucesso, mas tal factor não é exclusivo de Gana. O equipamento foi amplamente financiado pelas divisas do Cocoa Reserve Board, porém este controle teve como consequência uma crescente diferença entre os preços pagos aos produtores de Gana e aos seus vizinhos togoleses, o que criou um descontentamento progressivo, principalmente nos Ewes. Até 1961, Nkrumah seguiu uma política económica de inspiração liberal, empenhando-se a manter o passo com os poderosos sindicatos do TUC (Trade Union Congress), cujos dirigentes marxistas foram eliminados. E até mesmo o monopólio político do seu partido, o C.P.P. (Convention People's Party) foi pouco a pouco imposto e a imprensa dominada. Os oponentes desapareceram, no exílio ou na prisão. Sua política social, incerta, terminou por combater a burguesia local em formação, sem atacar aos grandes interesses estrangeiros, principalmente ingleses.



Folclore numa festa popular

NKRUMAH

O regime multiplicou os gastos de prestígio não rentáveis ao desenvolver, por exemplo, a Gana Airlines, bem distante das necessidades reais. Dispensou todos os cuidados ao exército, que, com mais de quatorze mil homens, uma forte aviação e uma importante marinha, se tornou ràpidamente o mais forte do Oeste africano. Será necessária a guerra civil na Nigéria, para fazer surgir uma potência militar mais poderosa. O exército deve servir a luta contra o imperialismo e forçar a unidade africana, e o Presidente não previu que poderia voltar-se contra ele.

Um rigor meritório é imposto ao orçamento que sob Nkrumah estivera sistemàticamente deficitário. Em Maio de 1968, Afrifa, então ministro de Finanças impôs uma revisão total das previsões de gastos para equilibrá-los com as receitas:

O novo regime goza certamente do apoio das potências ocidentais, particularmente dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, que o ajudam a obter moratorias importantes para as suas dívidas e empréstimos consideráveis ao Banco Mundial, a fim de activar a sua economia (1,5 milhão de libras esterlinas, sem juros, em 1969). A desvalorização do **cedi**, a moeda nacional, em Julho de 1967, visava não sòmente acabar com a inflação como também estimular as importações. Em 1968 o auxílio da Grã-Bretanha elevou-se a 5 milhões de libras esterlinas e os Estados Unidos fizeram, em Novembro de 1969, um empréstimo de 15 milhões de dólares.

O crescimento económico não responde, no entrétanto, às esperanças, por causa da falta de divisas (as cotações do cacau continuavam a cair) e da diminuição da poupança privada. Facto mais grave, o desemprego aumente (25 por cento em 1968), e a agricultura, que ocupa três quartos da população, está estagnada: a produção de cacau diminui, em função do exodo rural que se acelera e sobretudo pelas cotações inferiores às do Togo, o que irrita os produtores. Gana não aproveita, portanto, a reacção excepcional das cotações do cacau que ocorreram em 1969. A grande pesca sofre um importante desenvolvimento, mas a industrialização em torno da barragem do Volta deixa a desejar.

A desvalorização provocou uma queda dos salários reais, e os sindicatos, libertados pela queda de Nkrumah, fomentam greves violentas; a de Março de 1969 é reprimida pelo exército. Neste ambiente é que renasce uma certa nostalgia de Nkrumah, que no entanto parece ter renunciado a qualquer actividade política no seu refúgio em Conakry. Em Outubro de 1970, três pequenos partidos de direita se fundem para formar o **Justice Party,** liderado por M. Agama, que se torna o chefe oficial da oposição. À esquerda, o P.P.P., é comandado por J. S. Hansen, um magistrado outrora destituído por Nkrumah, cujo nome, no entanto, elel evoca: por esta razão, a reunião que preside a 8 de Agosto em Suchin-Valley, em pleno Ashanti, é dispersada pela força, e o Parlamento vota uma emenda ao códdigo plenal, proibindo qualquer acção política identificada com o antigo C.P.P..

Inquieto e inseguro, o Governo de Busia volta - e para as formulas autoritárias. Uma lei, votada em Setembro de 1971, impõe um aviso prévio de noventa dias aos grevistas, congela os bens do TUC, que agrupa dezassete dos vinte e um sindicatos e procura assumir o seu controle: Nkrumah não teria feito melhor.

A crise política decorrer então da impotência em endireitar a situação económica e social, apesar da ajuda das potências ocidentais. Esta ajuda era natural, dada a posição resolutamente anticomunista e anti-revolucionária que havia sido adoptada por Gana desde a queda de Nkrumah. As relações com a China, rompidas nesta ocasisão, não foram mais restabelecidas. Sem que houvesse uma ruptura, as relações com a U.R.S.S., e a Europa Oriental permaneceram frias e marcadas por diversos incidentes (aprisionamento de dois pesqueiros soviéticos em Takoradi, em Janeiro de 1969).

Ao contrário com a Grã-Bretanha, feliz com o retorno do filho pródigo à democracia parlamentar, as relações tornaram-se excelentes. O mesmo ocorreu com os Governos moderados da África, primeiramente com o da Costa do Marfim, ètnicamente tão próximo a Gana, e cujo presidente, Houphouet-Boiny, estava de longa data ligada ao dr. Busia por laços de amizade. Em 1968, o general Ankrah multiplicou as suas visitas oficiais a Abdijan, Ouagagougou e Lomé, desfazendo sem pena as contendas acumuladas por Nkrumah. A fronteira do Togo foi reaberta a partir de 1966, permitindo aos Ewe dos dois Estados restabelecer suas relações familiares.

Sob Busia, a reaproximação com o Conselho da **Entente** acentuou-se ainda mais e culminou com a visita oficial do Primeiro Ministro a Abdijan, em Abril de 1970. Pela primeira vez, a escandalosa divisão entre a África de língua inglesa e a África de língua francesa era parcialmente ultrapassada, o que deverá permanecer no activo de Busia.

O FRACASSO

A sua amizade pelo presidente Houphouet-Boigny incitou Busia a assumir posição cada vez mais forte a favor do diálogo com a África do Sul e a sustentar esta posição minoritária no seio da da Q.U.A.. Foi tão longe nesse sentido que chegou a ser desaprovado por seu Ministro da Justiça, Victor Owusu. Esta atitude o prejudicou gravemente nos meios intelectuais, onde exactamente subsistiam as tendências favoráveis a Nkrumah.

Alguns invocam, por outro lado, o facto étnico, o facto de o povo Ewe, ser hóstil ao regime, embora ocupe nos quadros do Estado uma posição muito superior à parte que lhe corresponde da população. Quando do referendo de 1956 os Ewe haviam votado, na grande maioriia, a favor da sua iiintegração ao Togo, onde se encontra a maior parte da sua nacionalidade. Como produtores de cacau, sempre tttiveram os baixos preços de Gana e Nkrumah acabara por destituir e mandar prender o ministro Gbedemah, seu principal partidário Ewe. Gbedemah foi reeleito em Agosto de 1969 no seu feudo, com uma posição nìtidamente antigovernamental e diz-se que nos Ewe de Acra rejubilaram-se com o golpe de Estado de 13 de Janeiro de 1972, ao ver que seus autores eram compatriotas.

AKYEAMPONG

Mas Gana não pode ser governado sem o acordo dos Akan (Ashanti, Fanti ou Nzima), de onde sairam não apenas Nkrumah como ainda os generais Ankrah e Afrifa, bem como Kofi Busia. Os dois últimos são Ashanti pròpriamente ditos, e também o coronel Akyeampong, comandante da primeira brigada, que acaba de tomar o poder.

Ainda é muito cedo para julgar o novo regime. Repousa sobre uma junta de sete membros e um Conselho Nacional de Redenção, de dez membros. Os partidos estão proíbidos, mas o Justice Party, que representa a oposição de direita, acaba para aprovar o golpe Estado. O velho presidente Akufo e o general Afrifa, outrora todos-poderosos, foram presos.

A junta desembaraçou-se sem custo do dr. Busia, condenado o diálogo com a África do Sul, mas duvida-se que oriente o país em direcção a qualquer socialismo. Isso se mantenha no caminho do liberalismo económico e do neo-colonialismo, não se vê como resolverá melhor que o seu predecessor os problemas de Gana.

O que significa então este golpe de Estado? Além ambição pessoal de alguns homens e da recusa do exército em renunciar a política, pode-se pensar que a fraqueza de Busia e sobretudo o apego sincero à democracia que o fazia evitar as fórmulas autoritárias, o tornaram inapto, para ultrapassar a crise política despertada pela degradação económica e social. Mas a repressão não será o bastante para resolvê-las.

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE—CPE

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Continuação da página cinco

da central térmica de Ponta Delgada e de remodelação da rede da cidade, os estudos de aproveitamento dos recursos hidroeléctricos de S. Miguel e a ampliação da electrificação de S. Miguel e Santa Maria.

5.3 — Empresa Carbonífera do Douro

Na qualidade de administrador por parte do Estado temos acompanhado de perto a actividade da empresa e ajudado a resolver algumas das dificuldades, aliás específicas deste sector mineiro que só poderá sobreviver num enquadramento energético apropriado, o que se vem processando segundo orientação do Governo.

Da produção global da mina em 1971 — 235 937 toneladas de antracite — 71% foi emcaminhada para a central da Tapada do Outeiro, que, no decorrer de 1972, tende para cliente único.

5.4 SONEFE

Desde Setembro de 1971, a CPE faz parte do Conselho Fiscal da SONEFE, tendo acompanhado com o maior interesse o desenvolvimento da actividade desta sua congénere ultramarina.

6 — INVESTIMENTO E MEIOS FINANCEIROS

O investimento da Companhia, em 1971, atingiu 1 761 883 contos, com a seguinte distribuição:

	Contos
Investimento nas concessões	
— Aproveitamentos hidroeléctricos	1 259 844
— Centrais térmicas	351 054
— Linhas	37 704
— Subestações	56 328
— Outros	4 243
	1 709 173
Investimento fora das concessões	52 710
	1 761 883

Além dos dispêndios com o investimento, a Companhia reembolsou os seus financiadores em 465 667 contos, dos quais 439 873 contos respeitam a financiamentos a longo prazo, referindo-se os restantes 25 794 contos a pré-financiamentos. O desdobramento das amortizações financeiras é o seguinte:

	Mercado Interno (contos)	Mercado Externo (contos)	Total (contos)
OBRIGAÇÕES	115 076	9 200	124 276
EMPRÉSTIMOS			
Banco de Fomento Nacional	96 224		96 224
Caixa Geral de Depósitos	118 046		118 046
Banco Mundial (I. B. R. D.)		72 617	72 617
Chase Manhattan Bank		28 710	28 710
PRÉ-FINANCIAMENTOS	3 044	22 750	25 794
	332 390	133 277	465 667

Para fazer face a estes dispêndios, a Companhia, além da utilização de recursos gerados internamente, negociou a obtenção dos meios financeiros de que necessitou em instituições especiais de crédito nacionais e também, na medida do que se mostrou conveniente, utilizou o deferimento de pagamento de importâncias envolvidas na aquisição de bens de equipamento.

Consequentemente, o financiamento da CPE em 1971 operou-se do seguinte modo:

	Mercado Interno (contos)	Mercado Externo (contos) (*)	Total (contos)
EMPRÉSTIMOS			
Banco de Fomento Nacional	600 000		600 000
Caixa Geral de Depósitos	826 616		826 616
Banco Mundial (I. B. R. D.)		31 920	31 920
Lazard Brothers & Co. Ltd.		126 433	126 433
PRÉ-FINANCIAMENTOS	16 442	32 373	48 815
	1 443 058	190 726	1 633 784

(*) Execução de contratos de anos anteriores.

A relação Investimentos Amortizações financeiras/Meios de financiamento foi:

	Contos
Investimentos	1 761 883
Amortizações financeiras	465 667
Investimento global	2 227 550
Financiamentos	1 633 784
Meios próprios	593 766

donde se conclui que o investimento global foi inteiramente coberto, por novos capitais permanentes, sendo 73,3 — de empréstimos e 26,7 — de fundos gerados internamente.

7 — PLANO DE FINANCIAMENTO PARA 1972

O planeamento da Companhia no que se refere a novos centros electropodutores e a outras instalações a construir e a montar no ano corrente comporta:

	Contos
Centrais hidráulicas	1 583 000
Centrais térmicas	552 000
Rede de transporte	358 000
Outras	89 000
	2 582 000

Esta previsão de investimento envolverá o dispêndio, em 1972, de cerca de 2 070 000 contos a que se deverá acrescentar o reembolso financeiro previsto (528 000 contos), perfazendo um montante da ordem dos 2 600 000 contos. Para lhe fazer face dispor-se-á de cerca de 730 000 contos provenientes de recursos internos gerados na exploração, pelo que o novo financiamento se situará na ordem de 1.900 000 contos.

Havendo transitado do ano anterior financiamentos contratados na importância de 304 000 contos, em que se incluem 173 384 contos de empréstimos directos a longo prazo obtidos em instituições especiais de crédito nacionais, o total dos novos financiamentos a obter no decurso de 1972 será da ordem de 1 600 000 contos.

A partir das previsões relativas às actividades da Companhia — exploração e investimento — elaborou-se o Orçamento de Tesouraria para 1972, cuja composição, em grandes rubricas, é a seguinte:

Recebimentos

	Milhares de contos	
Venda de energia		2 053
Financiamentos		
— Transitados do ano anterior	304	
— A contratar em 1972	1 600	1 904
Outros		677
		4 634

Pagamentos

Pessoal	610
Amortizações financeiras	528
Juros e dividendos	1 125
Taxas, contribuições e impostos	311
Participações financeiras	6
Compras, empreitadas e serviços externos	1 807
Outros	266
	4 653

Para cobertura do financiamento a contratar, a Companhia recorrerá não só à emissão de obrigações convertíveis — de que a primeira, no valor de 250 000 contos, está em curso no momento de preparação do presente relatório — mas também a outras fontes do mercado financeiro interno, de acordo com a conjuntura.

8 — BALANÇO E RESULTADOS

A situação patrimonial da CPE em 1971 está reflectida no balanço cujo montante atinge 18 342 175 contos, distribuído como indica o quadro seguinte, onde se anotam, para comparação, os valores respeitantes ao exercício de 1970.

Contos

	1971	1970	Diferença
ACTIVO			
Disponível	349 530	213 818	+ 135 712
Realizável	839 025	798 237	+ 40 788
Existência	222 607	246 514	— 23 907
Imobilizado bruto	19 095 802	17 333 918	+ 1 761 884
Reintegrações	(2 164 789)	(1 784 605)	+ (380 184)
Imobilizado líquido	16 931 013	15 549 313	+ 1 381 700
Total	18 342 175	16 807 882	+ 1 534 293
PASSIVO			
Exigível a curto prazo	1 257 663	1 165 627	+ 92 036
Exigível a médio prazo	3 006 322	2 510 879	+ 495 443
Exigível a longo prazo	5 356 475	4 646 677	+ 709 798
Soma	9 620 460	8 323 183	+ 1 297 277
SITUAÇAO LIQUIDA			
Inicial	5 700 000	5 700 000	
Acumulada	309 758	282 758	+ 27 000
Condicionada	2 212 627	2 002 726	+ 209 901
Adquirida	499 330	499 215	+ 115
Soma	8 721 715	8 484 699	+ 237 016

Percentualmente em relação ao total, o balanço da CPE apresenta em 1971 a seguinte estrutura:

Massas patrimoniais	Percentagem	
	Parcial	Total
Disponível	1,9	
Realizável	4,6	
Existências	1,2	
ACTIVO CIRCULANTE		7,7
IMOBILIZAÇÕES LIQUIDAS		92,3
		100,0
PASSIVO A CURTO PRAZO		6,8
Passivo a médio e longo prazo	45,6	
Capitais próprios e condicionados	45,0	
CAPITAIS PERMANENTES		90,6
LUCROS DISTRIBUIVEIS		2,6
		100,0

Conclui-se que:

— o activo circulante cobre as responsabilidades a curto prazo; — as imobilizações líquidas são cobertas em 98,2% pelos capitais permanentes; — a relação capitais alheios/capitais próprios e condicionados é de 1,013, isto é, os capitais alheios excedem apenas em 1,3% os segundos, pelo que a Companhia dispõe ainda de larga margem para endividamento até se atingir uma estrutura financeira adequada à sua actividade.

Interessará registar ainda que a participação dos capitais próprios e condicionados nas imobilizações líquidas é de 48,7% contra 51,5 % em 1970, na prossecução de mais adequada estrutura financeira dos capitais da empresa.

Pela primeira vez figura no Balanço a conta «Concessões Mineiras» cuja extensão representa o valor atribuído ao complexo mineiro de Rio Maior tomado pela CPE de acordo com o que foi superiormente determinado, com vista à utilização das suas lignites na alimentação duma central térmica a instalar à boca da mina.

As reintegrações, constituídas de acordo com os preceitos legais, aumentaram de 380 184 contos e representam 14,3% do activo reintegrável.

No quadro seguinte faz-se a comparação entre o imobilizado e as respectivas reintegrações:

Natureza	Valor de origem	Reintegrações		Valor vivo	
	Contos	Contos	%	Contos	%
Imobilizações afectas às concessões:					
Produção hidráulica	10 418 745	990 545	9,5	9 428 200	90,5
Produção térmica	2 082 181	309 523	14,9	1 772 658	85,1
Rede de transporte e outras instalações	2 278 020	752 834	33,0	1 525 186	67,0
	14 778 946	2 052 902	13,9	12 726 044	86,1
Imobilizações não afectas às concessões	408 082	111 887	27,4	296 195	72,6
Total	15 187 028	2 164 789	14,3	13 022 239	85,7

O Passivo aumentou 1 297 277 contos, sendo 92 036 contos a curto prazo e 1 205 241 contos a médio e longo prazos.

O exigível a curto prazo inclui 631 050 contos referente à parte vincenda, até fins de 1972, de todos os financiamentos.

No que se refere às exigibilidades a médio e longo prazos, assinala-se que o seu montante no final do exercício, era de 8 362 797 contos, incluindo-se neste valor 25 777 contos de débitos condicionados à construção da central térmica de Rio Maior a que já nos referimos.

O movimento da conta «Financiamentos» desdobra-se como se segue:

Contos

	Saldo em 31/12/70	1971		
		Amortização	Financiamento	Saldo
OBRIGAÇÕES				
Mercado interno	2 278 799	115 076		2 163 723
Mercado externo	127 104	9 200		117 904
EMPRÉSTIMOS				
Mercado interno	3 395 723	214 270	1 600 000	4 781 453
Mercado externo	1 670 009	101 327	158 353	1 727 035
PRÉ-FINANCIAMENTOS				
Mercado interno	47 403	3 044	16 442	60 801
Mercado externo	103 171	22 750	32 373	112 794
	7 622 209	465 667	1 807 168 (*)	8 963 710

(*) Inclui 173 384 contos para utilização no início de 1972.

A Situação Líquida cresceu 237 016 contos, valor em que se engloba a importância de 151 258 contos correspondentes ao acréscimo operado em «Subvenções para Investimento».

Estão constituídas as provisões necessárias à cobertura de riscos e de encargos que não puderam ser satisfeitos no ano anterior por circunstâncias exógenas.

Comparam-se, seguidamente, os custos e proveitos da Companhia dos anos de 1970 e 1971:

Contos

	1971	1970	Diferenças
PROVEITOS			
Venda de energia	1 925 336	1 710 582	+ 214 754
Consumos próprios	12 146	12 753	— 607
FAT — Cobertura de enc. variáveis	196 066	190 526	+ 5 540
Resultados diversos	2 442	5 153	— 2 711
TOTAL	2 135 990	1 919 014	+ 216 976
ENCARGOS			
Compra de energia	493		+ 493
Combustíveis	164 803	159 884	+ 4 919
Encargos gerais departamentais	38 653	32 708	+ 5 945
Encargos de exploração	125 738	105 638	+ 20 100
Encargos de conservação	82 456	71 233	+ 11 223
Reint. valores afectos concessões	312 026	266 802	+ 45 224
Subvenção para investimento	157 500	92 000	+ 65 500
Subvenção para amort. financeira	58 500	18 000	+ 40 500
FAT — Participação na receita	238 742	195 006	+ 43 736
Soma	1 178 911	941 271	+ 237 640
Despesas gerais	43 085	26 485	+ 16 600
Despesas de estudo	3 561	2 003	+ 1 558
Taxas, contribuições e impostos	77 359	133 719	— 56 360
Encargos financeiros	323 686	309 029	+ 14 657
Reint. valores não afectos conc.	889	448	+ 441
Enc. a amortizar — amortização	13 444	12 859	+ 585
Soma	462 024	484 543	— 22 519
TOTAL	1 640 935	1 425 814	+ 215 121
RESULTADOS	495 055	493 200	+ 1 855

Assinalar-se-á a subida geral de custos, quer nos correspondentes a encargos directos quer nas dotações para encargos indirectos, os primeiros reflectindo as revisões salariais e outros aumentos e os segundos como resultado natural da crescente actividade da Companhia nos domínios da exploração e da construção.

A receita, desenvolvendo-se com um acréscimo da ordem dos 12,6 % sobre a que se contabilizou no ano anterior, permitiu a cobertura total dos maiores encargos verificados.

Far-se-á uma referência especial ao Fundo de Apoio Térmico, o qual participou, por despacho ministerial, na receita da venda de energia em 12,4 % correspondente a 238 741 614$90 da referida receita, com o que se fez face às contingências decorrentes de um ano hidrológico menos favorável a traduzirem-se em:

	Contos
Encargos variáveis da produção térmica	196 066
Importação e compra de energia	45 255
	241 321

Referir-se-á que os encargos financeiros do ano totalizaram 554 041 contos, com o acréscimo de 110 211 contos sobre a despesa de idêntica natureza do ano anterior, em resultado dos novos financiamentos contratados, da subida das taxas de juro e do realinhamento das paridades monetárias.

A parcela destes encargos que corresponde aos financiamentos dos bens em exploração atinge 322 300 contos, tendo sido de 309 029 contos os encargos do ano anterior. O aumento de 13 271 contos deve-se não só ao atrás referido, como também à entrada em exploração de novos meios de produção e transporte.

Conforme anteriormente referido, em 1971 facturou-se 5875 GWh por 1 925 336 contos, o que conduziu ao preço médio de $32,8 por kWh vendido.

A decomposição deste preço,é a seguinte:

	%	Valor
Compra de energia, combustíveis e apoio térmico	10,67	$03,5
Despesas gerais, incluindo taxas, contribuições e impostos	9,14	$03,0
Encargos de exploração e de conservação	10,67	$03,5
Reintegrações	16,16	$05,3
Encargos financeiros	16,78	$05,5
Subvenções legais (*)	11,28	$03,7
Resultados	25,30	$08,3
	100,00	$32,8

(*) Decretos-Lei n.os 46 031, de 14-11-1964 e 46 917, de 23-3-1966.

De salientar que, não obstante não terem sido favoráveis as condições da exploração, como já se referiu, foi possível aumentar a capacidade de financiamento não oneroso, que se situou em 623 mil contos, correspondente a 28 % do investimento e da amortização financeira do ano, o que conduz, realmente, a um autofinanciamento disponível para novos investimentos de 9,3 % do despendido em activo imobilizado.

Os fluxos da nossa tesouraria verificaram-se durante o ano de 1971 como se segue:

ORIGEM DE FUNDOS:	Contos
Receita cobrada de energia eléctrica	1 897 605
Financiamentos	1 807 167
Resultados diversos	2 442
	3 707 214

Continua na pág. seguinte

APLICAÇÃO DE FUNDOS:		
Exploração:		
— Despesas operacionais	499 374	
— Encargos financeiros	233 248	
— Impostos	55 676	788 298
Investimento		1 761 883
Reembolsos financeiros		458 294
Dividendos		438 139
Participações financeiras		7 500
Outras		117 388
		3 571 502
AUMENTO DAS DISPONIBILIDADES		135 712
DISPONIBILIDADES NO INICIO DO ANO		213 818
DISPONIBILIDADES NO FIM DO ANO		349 530

O não ajustamento de algumas verbas deste quadro com os valores constantes das contas publicadas, resulta do facto de serem aqui referidos apenas os movimentos de fundos.

O saldo do exercício — 495 055 221$80 — adicionado do saldo do exercício anterior perfaz 499 330 265$38.

Em face deste resultado, tem de concluir-se não ser ainda possível este ano — perante as características energéticas desfavoráveis e a necessidade que houve de observar níveis mínimos de autofinanciamento como é essencial num sector desta natureza — aumentar o dividendo habitual de 8 % como desejaríamos.

Nestas condições, o Conselho de Administração tem a honra de propor à Assembleia Geral a seguinte distribuição do saldo do exercício:

1 — Reserva Legal	27 000 000$00
2 — Participação do pessoal nos lucros (n.º 1 do art. 52.º dos Estatutos)	30 000 000$00
3 — Dividendo de 8 % às 5 474 330 acções em circulação	437 946 400$00
4 — Saldo para conta nova	4 383 865$38
	499 330 265$38

9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela honra que para nós representou começaremos por fazer referência à visita realizada, em Junho, pelo Venerando Chefe de Estado, à nossa central termoeléctrica do Carregado. Nessa visita foi Sua Excelência acompanhado pelos Senhores Ministro das Finanças e da Economia, Ministro das Obras Públicas e das Comunicações, Secretário de Estado da Indústria e por outras individualidades. Deixamos aqui registado o facto, pelo grande significado que reveste e para, mais uma vez, agradecermos ao Senhor Presidente da República a compreensão e interesse que lhe têm suscitado os nossos aproveitamentos e realizações.

Em Abril esteve connosco o Senhor Presidente do Conselho de Ministros visitando, sucessivamente, as obras de Carrapatelo, Régua e Vilarinho das Furnas e o aproveitamento do Alto Rabagão. Neste percurso foi o Senhor Presidente do Conselho acompanhado pelo Senhor Ministro das Obras Públicas e das Comunicações. Pelo incitamento que representa e pelo apoio que sentimos insere-se aqui a notícia para renovarmos de forma expressiva o nosso reconhecimento.

Nas obras em curso do Douro Nacional — Carrapatelo e Régua — e na de Fratel, no Tejo, esteve o Senhor Secretário de Estado da Indústria nos meses de Março e Maio, respectivamente. À visita das obras no Douro associou-se o Senhor Secretário de Estado das Obras Públicas.

Realçamos todos estes factos demonstrativos da atenção que aos membros do Governo merece a C.P.E., como empresa a quem compete produzir, nas quantidades sempre crescentes de que o País carece, um bem que está na base de todo o desenvolvimento económico da Nação.

Para lugar de Presidente do Conselho Fiscal foi designado pelo Governo, como determinam os estatutos, o Senhor Dr. Manuel Pires, de cuja colaboração e ajuda a Companhia altamente virá a beneficiar.

Uma empresa com a dimensão e características da nossa tem, necessàriamente, frequentes contactos com os membros do Governo da Nação. Nesses contactos sempre se tem encontrado muita compreensão e o apoio necessário ao desenvolvimento de uma actividade de acrescidas responsabilidades. Agradecemos por isso ao Governo da Nação e em especial, aos Senhores Ministro das Finanças e da Economia, Ministro das Obras Públicas e das Comunicações, Ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência e aos Senhores Secretário de Estado da Indústria, Secretário de Estado do Tesouro, Secretário de Estado do Orçamento e Secretário de Estado do Trabalho e Previdência o incentivo inestimável que nos têm dado.

Agradecemos a todas as Direcções-Gerais, à Comissão de Fiscalização das Obras dos Grandes Aproveitamentos Hidroeléctricos e outras entidades com quem temos tido assuntos a tratar, a prestimosa ajuda que nos dispensaram.

É ainda devida uma palavra de muito reconhecimento às instituições de crédito com quem mais temos trabalhado sendo de destacar a acção do Banco de Portugal pela boa compreensão manifestada pelos problemas que lhes temos posto, a da Caixa Geral de Depósitos e do Banco de Fomento Nacional pela posição de financiadores relevantes que cada vez com mais expressão têm vindo a assumir, proporcionando os vultosos capitais de que a Companhia tem necessidade para fazer face à sua expansão.

O Conselho Fiscal tem acompanhado muito de perto a actividade e a gestao da empresa. Cumpre agradecer aos seus membros a cooperação expressiva e valiosa que nos têm prestado.

Ao pessoal é devido um voto de louvor pelo interesse que vem pondo no desempenho da sua actividade nesta fase ainda delicada da vida da Empresa, no contexto das naturais dificuldades decorrentes da fusão.

Porto, 24 de Fevereiro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Albino Machado Vaz — Presidente
Fernando Ivo Gonçalves — Vice-Presidente; Presidente do Conselho de Gerência
Manuel Rafael Amaro da Costa — Vogal do Conselho de Gerência
Pedro Manuel de Oliveira Reis — Vogal do Conselho de Gerência
José de Oliveira Campos — Vogal do Conselho de Gerência
Valentim de Almeida e Sousa — Vogal do Conselho de Gerência
Elysio de Oliveira Alves Pimenta
Fernando Moreira Ribeiro
Henrique Veiga de Macedo
Hesmes Augusto dos Santos
Júlio Manuel Pereira

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1971

ACTIVO

DISPONIVEL			
Caixa		1 015 192$70	
Bancos		348 514 378$62	349 529 571$32
REALIZAVEL			
Efeitos a Receber		11 043 416$90	
Clientes		375 677 998$40	
Devedores e Credores Gerais — Saldos Devedores		139 252 816$03	
Fornecedores e Empreiteiros — Saldos Devedores		59 047 767$25	
Fundo de Apoio Térmico		2 827 747$60	
Acções Próprias		225 670 000$00	
Carteira de Títulos		25 505 371$75	839 025 117$93
EXISTENCIAS			
Materiais em Armazém		112 856 120$18	
Combustiveis		82 846 086$91	
Obras em Curso		26 904 950$41	222 607 157$50
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		70 821 350$00	
Encargos a Amortizar		19 746 585$30	
Concessões Mineiras		26 260 237$30	
Estudos e Projectos Gerais		114 361 494$61	
Imobilizações em Curso		3 677 583 677$00	
Imobilizações Afectas às Concessões:			
Aproveitamentos Hidroeléctricos — 10 418 744 969$60			
Reintegrações — — 990 544 402$54	9 428 200 567$06		
Centrais Térmicas — 2 082 180 655$53			
Reintegrações — — 309 522 842$02	1 772 657 813$51		
Linhas — 1 253 163 478$60			
Subestações — 896 138 783$80			
Outras Imobilizações — 128 717 945$89			
— 2 278 020 208$29			
Reintegrações — — 752 833 958$23	1 525 186 520$06	12 726 044 630$63	
Imobilizações não Afectas às Concessões	408 082 304$65		
Reintegrações — — 111 887 383$90		296 194 920$75	16 931 012 895$59
			18 342 174 742$34
Contas de Ordem			3 631 268 832$72

PASSIVO

CURTO PRAZO			
Dividendos a Pagar		10 265 002$85	
Juros a Pagar		9 402 716$52	
Obrigações Sorteadas		15 685 500$00	
Efeitos a Pagar		181 091 465$80	
Participações a Liberar		6 000 000$00	
Financiamentos:			
Obrigações — 136 480 500$00			
Empréstimos — 459 188 289$20			
Com Garantia por Efeitos a Pagar — 35 381 104$59		631 049 893$79	
Devedores e Credores Gerais — Saldos Credores		95 085 353$83	
Fornecedores e Empreiteiros — Saldos Credores		183 399 800$36	
Provisões — Para Encargos Fiscais		125 683 000$00	1 257 662 733$15
MÉDIO PRAZO			
Efeitos a Pagar		4 359 377$60	
Financiamentos:			
Obrigações — 607 897 250$00			
Empréstimos — 2 264 555 045$20			
Com Garantia por Efeitos a Pagar — 129 510 568$20		3 001 962 863$40	3 006 322 241$00
LONGO PRAZO			
Financiamentos:			
Obrigações — 1 537 249 000$00			
Empréstimos — 3 784 745 197$01			
Com Garantia por Efeitos a Pagar — 8 703 431$40		5 330 697 628$41	
Valores Condicionados		25 777 430$30	5 356 475 058$71
			9 620 460 032$86

SITUAÇÃO LIQUIDA

INICIAL			
Capital			5 760 000 000$00
ACUMULADA			
Reservas			
Obrigatórias:			
Legal		81 400 000$00	
Facultativas:			
Estabilização de Dividendos — 218 187 747$53			
Acção Social — 10 170 000$00		228 357 747$53	309 757 747$53
CONDICIONADA			
Subvenções Recebidas:			
Para Investimento (*) — 686 022 827$62			
Para Amortização Financeira — 347 850 365$10		1 033 873 192$72	
Comparticipações		89 242 187$17	
Reconstituição do Investimento (*)		1 015 079 104$94	
Provisões		74 432 211$74	2 212 626 696$57
ADQUIRIDA			
Lucros e Perdas:			
De Exercícios Anteriores		4 275 043$58	
Do Exercício		495 055 221$80	499 330 265$38
			8 721 714 709$48
			18 342 174 742$34
Contas de Ordem			3 631 268 832$72

(*) Incluem fundos sujeitos aos condicionamentos do Decreto-Lei n.º 49 211, de 27-8-69, designadamente o seu art. 12.º.

Porto, 24 de Fevereiro de 1972

O Director Central para os Assuntos Financeiros

Mário A. Gomes

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Albino Machado Vaz — Presidente
Fernando Ivo Gonçalves — Vice-Presidente; Presidente do Conselho de Gerência
Manuel Rafael Amaro da Costa — Vogal do Conselho de Gerência
Pedro Manuel de Oliveira Reis — Vogal do Conselho de Gerência
José de Oliveira Campos — Vogal do Conselho de Gerência
Valentim de Almeida e Sousa — Vogal do Conselho de Gerência
Elysio de Oliveira Alves Pimenta
Fernando Moreira Ribeiro
Henrique Veiga de Macedo
Hermes Augusto dos Santos
Júlio Manuel Pereira

EXPLORAÇÃO ELÉCTRICA

1971

DÉBITO			CRÉDITO	
Compra de Energia		493 440$00	Venda de Energia	1 925 335 603$9
Combustíveis		164 803 298$84	Consumos Próprios	12 145 536$8
Encargos Gerais Departamentais (Quota-Parte):			Fundo de Apoio Térmico	
Pessoal	25 786 063$72		Cobertura de Encargos Variáveis	196 066 353$8
Fornecimentos e Serviços Externos	3 863 714$06			
Materiais de Armazém	20 665$67			
Serviços e Prestações Internas	3 907 388$63			
Reintegração de Valores não Afectos às Concessões	2 137 602$30			
Outras Despesas	2 937 837$58	38 653 271$96		
Encargos de Exploração:				
Pessoal	88 728 913$61			
Fornecimentos e Serviços Externos	11 860 625$20			
Materiais de Armazém	4 647 542$08			
Serviços e Prestações Internas	19 099 715$20			
Reintegração de Valores não Afectos às Concessões	367 345$07			
Outras Despesas	1 033 777$43	125 737 918$59		
Encargos de Conservação e Reparação:				
Pessoal	43 084 586$56			
Fornecimentos e Serviços Externos	10 800 944$31			
Materiais de Armazém	7 406 842$21			
Serviços e Prestações Internas	21 128 648$23			
Outras Despesas	34 394$15	82 455 415$46		
Reintegração de Valores Afectos às Concessões		312 025 511$31		
Subvenção para Investimento		157 500 000$00		
Subvenção para Amortização Financeira		58 500 000$00		
Fundo de Apoio Térmico S/ Participação na Receita		238 741 614$90		
		1 178 910 471$06		
Resultados da Exploração		954 637 023$49		
		2 133 547 494$55		2 133 547 494$5

LUCROS E PERDAS

1971

DÉBITO			CRÉDITO		
Despesas Gerais (Quota-Parte):			Resultados da Exploração Eléctrica		954 637 023$49
Órgãos Sociais	2 428 664$55		Resultados Diversos:		
Pessoal	27 679 085$07		Rendimentos de Valores Mantidos para Fruição	86 393$25	
Expediente	870 463$10		Encargos Financeiros (Rendimentos financeiros)	1 386 093$43	
Publicidade e Propaganda	598 186$00		Descontos de Pronto Pagamento e Bónus de Fornecedores	227 509$52	
Outras	11 509 076$87	43 085 475$59	Remunerações pelo Desempenho de Cargos em Órgãos de Outras Sociedades	12 660$70	
Despesas de Estudo (Rede geral e investigação):			Rendimentos pela Prestação de Serviços	1 828$55	
Pessoal	543 868$70		Mais-Valias e Outros Rendimentos	1 134 040$93	
Materiais e Serviços Externos	181 594$84			2 848 526$38	
Serviços Internos e Outras Despesas	2 835 226$79	3 560 690$33	Exploração de Oficinas (Prejuízo)	— 233 492$27	
Taxas, Contribuições e Impostos		55 675 633$30	Exploração dos Transportadores de Carvão (Prejuízo)	— 60 896$70	
Encargos Financeiros		323 686 014$71	Resultados com a Cedência de Valores Mantidos para Fruição (Prejuízo)	— 112 114$90	— 406 503$87 2 442 022$51
Reintegração de Valores não Afectos às Concessões		888 566$10			957 079 046$00
Encargos a Amortizar — Amortização		13 444 444$17	Provisão para Encargos Fiscais — Utilização		47 177 799$70
		440 340 824$20			1 004 256 845$70
Provisão para Encargos Fiscais — Constituição		68 860 799$70	De Exercícios Anteriores		4 275 043$58
		509 201 623$90			1 008 531 889$28
SALDO:					
De Exercícios Anteriores	4 275 043$58				
Do Exercício	495 055 221$80	499 330 265$38			
		1 008 531 889$28			

Porto, 24 de Fevereiro de 1972

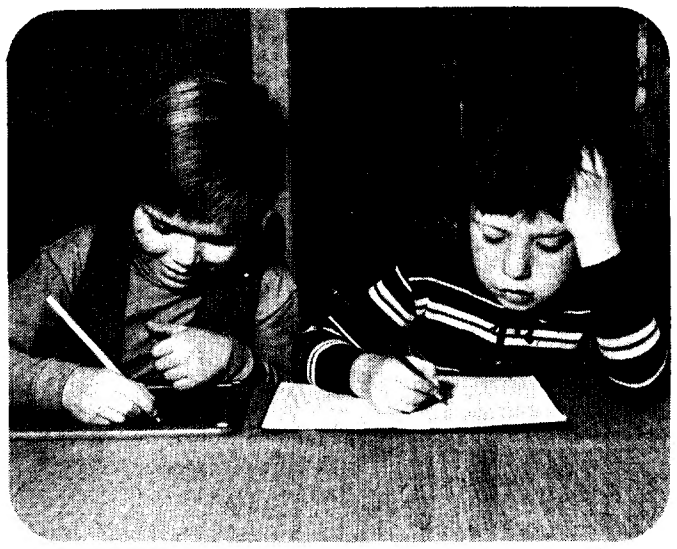
O Director Central para os Assuntos Financeiros

Mário A. Gomes

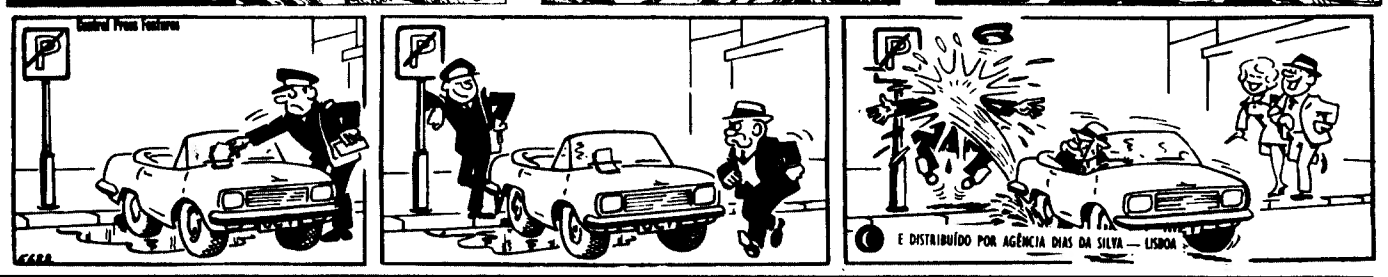
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Albino Machado Vaz — Presidente
Fernando Ivo Gonçalves — Vice-Presidente; Presidente do Conselho de Gerência
Manuel Rafael Amaro da Costa — Vogal do Conselho de Gerência
Pedro Manuel de Oliveira Reis — Vogal do Conselho de Gerência
José de Oliveira Campos — Vogal do Conselho de Gerência
Valentim de Almeida e Sousa — Vogal do Conselho de Gerência
Elysio de Oliveira Alves Pimenta
Fernando Moreira Ribeiro
Henrique Veiga de Macedo
Hermes Augusto dos Santos
Júlio Manuel Pereira

À VOLTA DA LOUSA



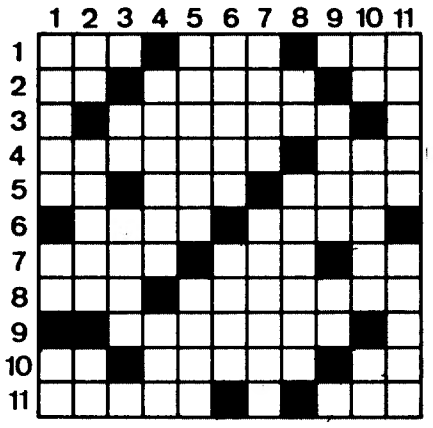
A maioria dos alunos das escolas primárias da Alemanha Ocidental nem sequer sabem o que é uma lousa. Aprendem a escrever com lápis, esferográfica ou caneta de tinta permanente. Alguns psicólogos vêm nesse material causas da «legastenia», ou seja, dificuldade de aprender a ler e a escrever. O papel liso e os instrumentos de ponta relativamente mole não oferecem resistência suficiente à mão da criança que tenta escrever. Experiências efectuadas durante dois anos com 150 crianças por um grupo de especialistas da Universidade Técnica de Aachen demonstraram que a lousa e o lápis facilitam o processo de aprendizagem. Além disso verificou-se que a lousa é muito mais higiénica que o papel.



Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 058



HORIZONTAIS

1 Caminhar para cá. Grande. Termo.
2 O sono das crianças. Falta. Pedra de moinho.
3 Tombarias.
4 Ponderar. Heroína francesa que foi queimada viva.
5 Nota musical. Bigorna de aço sem hastes. Combina.
6 Numeral. Artérias.
7 Aquele que. Ente. Aqui.
8 Chiste. Ornamentas.
9 Estime. Época.
10 Cidade da antiga Caldeia. Queimava. Artigo definido (ant).
11 Encontra. Gosta muito de.

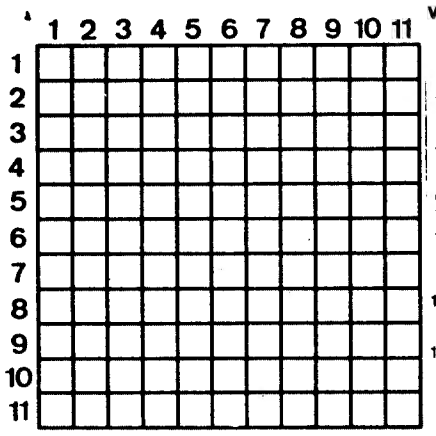
VERTICAIS

1 Aquele que tem voto em assembleia. Quantum satis (abrev.). Artigo indefinido.
2 Satélite de Júpiter. Grava sobre o corpo desenhos indeléveis. Batráquio.
3 Cério (s.q). Taramela.
4 Retruquem (pop). Oceano.
5 Ralhas. Oferecera.
6 Escarnecerás. Pronome reflexo.
7 Empunhar. Teme.
8 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Nome de mulher.
9 Divisão de uma casa. Rádio (s.q).
10 Prefixo de negação. Traça. Preposição.
11 Sinal preto, usado outrora como enfeite no rosto de algumas damas. Alberga.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6216



HORIZONTAIS

1 Dá massagens a Cidade da Polónia.
2 Faixa. Crisol.
3 Ilha da Suécia, província de Calmar, no mar Báltico.
4 Gálio (s.q). Executa. Duzentos em romano.
5 Sufixo que designa abundância. Pronome pessoal. Bondosa.
6 Vaso grande de pedra ou de outra substância para tomar banho. Grandes.
7 Senhora. Artéria. Emprega.
8 Preposição e artigo definido. Cidade e porto do Líbano. Viração.
9 Desliza.
10 Transmitir bens a outrem. Tira de fígado temperada e frita.
11 Pronome demonstrativo (pl). Gostais muito de.

VERTICAIS

1 Mimo. Liquide contas.
2 Nota musical. Pessoa notável (fig). Osmio (s.q).
3 Prendo. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Chefe etíope.
4 Calosidade. Tempo do verbo ser.
5 Desmontaras.
6 Arco. Dá uivos.
7 Rocegada.
8 Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. O mesmo que alime.
9 Claridade. Mala. Pega.
10 Sufixo que designa estado. Espécie de canoa. Cento e um em romano.
11 Resmunga. Superfícies planas delimitadas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 057

HORIZONTAIS:

1 Baba. Pott.
2 Roa. Cai. Mão.
3 As. PASSA. Im.
4 Mareara. O.
5 Ataca. Remar.
6 Rio. Nós.
7 VENTO. Calos.
8 Aer. Asa.
9 Ni. Salmo. Cu.
10 Gas. Oiã. CCV.
11 Asco. FICA.

VERTICAIS:

1 Braga. Vings.
2 Aos. Tré. Ias.
3 Ba. Maina. Sc.
4 Pacotes.
5 Cara. Orão.
6 Case. A. Lia.
7 Isar. Sama.
8 Arenoso.
9 Om. Amola. Cl.
10 Tai. Asa. CCC.
11 Temor. CHUVA.

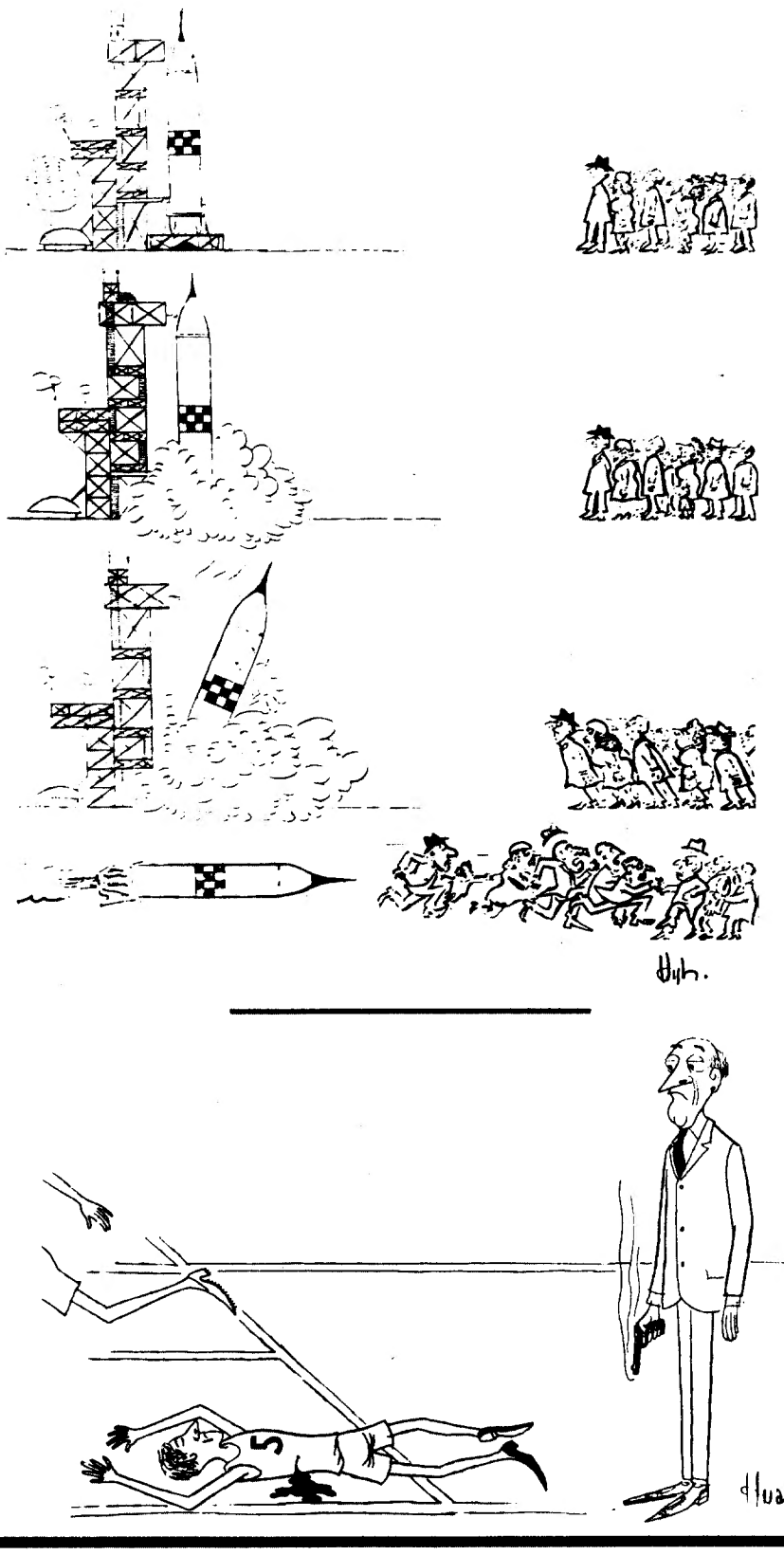
PROVÉRBIO: PASSA O VENTO; FICA A CHUVA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6215

HORIZONTAIS:

1 Caxa. Cávi.
2 Ana. Avá. Lis.
3 Vê. Anota. Ra.
4 Ilesa. Empar.
5 Aarão. Seira.
6 Mar. Ara.
7 Dar. Crá.
8 Acã. Ena! Mat.
9 Ri. Asara. Ru.
10 Gelam. Dólar.
11 Amura. Asada.

VERTICAIS:

1 Cávia. Larga.
2 Anelam. Ciem.
3 Xá. Erada. Lu.
4 Asara. Aar.
5 Anão. Resma.
6 Avó. Na.
7 Ates. Carda.
8 Amear. Aos.
9 Al. Piram. La.
10 Virara. Arad.
11 Isara. Atura.

SEM LEGENDAS